

JULYANA VILAR



**ARTE,
PRAZER
E BISTURI**

**construção corporal
através da
body modification**

**Natal, RN
2012**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ARTE, PRAZER E BISTURI: CONSTRUÇÃO CORPORAL
ATRAVÉS DA *BODY MODIFICATION*

Mestranda: Julyana Vilar de França Manguinho
Orientadora: Elisete Schwade

Natal/RN
2012

JULYANA VILAR

**ARTE, PRAZER E BISTURI: CONSTRUÇÃO CORPORAL
ATRAVÉS DA *BODY MODIFICATION*.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal do Rio Grande
do Norte sob a orientação da Profa. Dra.
Elisete Schwade.**

Natal/ RN

2012

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Manguinho, Julyana Vilar de França.

Arte, prazer e bisturi : construção corporal através da *body modification* /
Julyana Vilar. – 2012.

154 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal
do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Natal, 2012.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisete Schwade.

1. Corpo. 2. Experiência. 3. *Outsiders*. 4. Contexto. Complexo. I.
Schwade, Elisete. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III.
Título.

RN/BSE-CCHLA

391.6

JULYANA VILAR

**ARTE, PRAZER E BISTURI: CONSTRUÇÃO CORPORAL
ATRAVÉS DA *BODY MODIFICATION*.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal do Rio Grande
do Norte sob a orientação da Profa. Dra. Elisete
Schwade.**

Aprovada em: ____/____/ 2012.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Elisete Schwade – Orientadora

Prof. Camilo Albuquerque de Braz – Examinador externo

Prof. Carlos Guilherme O. do Valle – Examinador interno

Profa. Roseli Porto – Suplente

A Vinícius Vilar,
Amor infinito,
Amor sem limites,
Amor tatuado em mim.

AGRADECIMENTOS

À Professora Elisete Shwade, orientadora deste trabalho, que soube me conduzir nos momentos que mais me senti perdida em campo.

Ao CNPq/CAPES, pelo financiamento através da bolsa de mestrado, sem a qual o presente trabalho não seria possível.

À Mainha e Painho, que depositam todo amor, carinho, dedicação e confiança em mim e no meu trabalho, além da ajuda financeira e das doses diárias de “autoestima”. Sem eles do meu lado, com certeza, esta dissertação não teria sido concluída.

A todos os funcionários e professores do PPGAS/UFRN, que ajudaram direta ou indiretamente minha trajetória, cujo apoio foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os meus informantes, principalmente Alexandre e Rayssa, da Xtreme Tattoo e Piercing, Faby e Luciano, da Arte e Vida Tattoo, que abriram suas portas para minha pesquisa e, com toda paciência, respondiam minhas dúvidas e perguntas.

Aos Professores: Carlos Guilherme O. do Valle (PPGAS/UFRN), Roseli Porto (PPGAS/ UFRN) e Miriam Grossi (PPGAS/UFSC), cujas críticas e sugestões foram importantíssimas para a construção deste trabalho.

Ao Professor Camilo Braz (UFG), por participar da banca examinadora e por me servir de inspiração através da sua pesquisa de mestrado.

À Tristan Loloum, pela relação (pessoal e acadêmica) que construímos juntos, pautada no companheirismo, amor, incentivo e admiração.

À minha família do Recife/PE, que mesmo de longe, e sem saber direito o que faço, estão sempre na torcida por mim.

A todas as minhas amigas e amigos que estão sempre do meu lado, em especial: Haylene, Andressa, Jeanne, Fabíola, JoFagner e Monique, amo vocês.

Aos meus alunos dos cursos de Licenciatura da UFRN, aos colegas e companheiros do Departamento de Práticas Educacionais e Currículos da UFRN. Aos cursistas e tutores do Projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE). Aos parceiros do grupo de pesquisa Gênero, Corpo e Sexualidades (UFRN). Um agradecimento junto com um pedido de desculpas por ter me ausentado, em algumas situações, em função desta dissertação.

Tornar-se singular, confundir-se com os outros, ou as duas coisas ao mesmo tempo?

David LeBreton

RESUMO

Diante da pesquisa de campo realizada com um grupo ligado ao universo da *body modification*, é possível perceber alguns usos e significados associados a essas formas de intervenções corporais. A *body modification* ou modificação corporal faz parte do circuito dos piercings e tatuagens, no entanto, são formas menos diluídas socialmente e consideradas mais extremas, como: escafições, alargadores, implantes subcutâneos, língua bifurcada, surfaces e suspensões corporais. O objetivo desta dissertação é lançar um olhar antropológico sobre essas práticas, contextualizando os sujeitos envolvidos com essas técnicas, situando-os dentro de um enfoque relacional, percebendo seus percursos e trajetórias. As discussões estão centradas em torno da noção de construção corporal e estilo de vida na cidade. Ideais como *distinção pessoal* e *imitação prestigiosa* também estão presentes nesse universo, bem como questões ligadas a gênero, prazer, arte, e ao chamado circuito “alternativo”. Dessa forma, a etnografia aqui apresentada demonstra o caráter complexo e contemporâneo dessas práticas de marcações corporais, em que o corpo aparece como elemento central nas experiências dos sujeitos desta pesquisa.

Palavras-chave: Corpo. Experiência. *Outsiders*. Contexto complexo.

ABSTRACT

In view of a field research carried out by a team connected to the universe of *body modification*, it is possible to discern some uses and meanings linked to these forms of body interventions. *Body modification* or body change is part of the circuit of piercings and tattoos, although they are socially less thinned and more extreme, like scarifications, subcutaneous implants, bifurcated tongues, surfaces and body suspensions. The aim of this paper is to cast an anthropological glance on these practices, joining at the same context all the subjects involved with these techniques, placing them inside the same relational focus and capturing their journeys and trajectories. The discussions are concentrated on the notion of body building and urban life style. Ideas as *personal distinctness* and *prestige imitation* are also present in this universe, as well as matters attached to genre, pleasure, art, and to the so-called “alternative circuit”. This way, the ethnography so far presented here, reveals the complex and contemporaneous character of these practices of body markings in which the body appears as the central element in the experiences of the subjects of this study.

Keywords: Body. Experience. Outsiders. Complex context.

SUMÁRIO

Introdução	11
1º Capítulo – Introduzindo Corpos Estranhos.....	18
1. Tatuando Caminhos.....	28
2. Entrando no universo da <i>body modification</i>	36
3. História e contexto da <i>body modification</i> no Brasil.....	49
4. <i>Body modification</i> : novas imagens, novos olhares	56
5. “As imagens não falam por si só”	62
2º Capítulo – Lindos de doer	69
1. Faby – “Sou uma feminista contemporânea”	78
• Iniciação	80
• Tipos e intensidades das intervenções no corpo	84
• Contextos e relações	86
• Suspensão, dor e significados.....	89
• “Tenho uma consciência de vida diferente”	92
2. Herbert – “Suspensão com público dói menos”	95
• Iniciação	97
• Contexto e relações	99
• Suspensão e seus significados	107
3. Henrique – “Só quem fez é que vai saber”	110
• Suspensão, dor e seus significados	116
4. Alexandre - “ <i>body modification</i> é arte”	118
• Suspensão e seus significados	123
5. Rayssa – “você é totalmente ativo dessa escolha”	123
3º Capítulo – Suspension Day	128
1. O “Ritual”	133
2. Algumas falas e impressões.....	141
Considerações finais.....	147
Referências	150

Introdução

Minha proposta com esta dissertação é construir um estudo etnográfico sobre a prática da *body modification* no contexto atual. Essas formas de intervenções corporais, que fazem parte do universo da chamada *body art*¹, não são marcas tão diluídas socialmente como os piercings e as tatuagens, elas se configuram como transformações mais extremas e também menos usuais, feitas através de técnicas que englobam: alargadores, implantes subcutâneos, escarificações, *surfaces*, bifurcação de língua e suspensões corporais².

Segundo David LeBreton (2004), os processos que envolvem a prática da *body modification* sinalizam para uma problematização em torno das construções corporais contemporâneas. O corpo é visto como um espaço de intersecção entre as *orientações culturais*, que são os elementos e objetos que materializam os contatos sociais, e as *experiências pessoais*, que são as construções subjetivas. Portanto, para trabalhar com a noção de corpo, tomando a *body modification* como tema da pesquisa, deve-se analisar essas duas nuances: tanto os processos sociais e culturais que envolvem essas intervenções corporais, quanto a forma como cada sujeito se apropria dessas técnicas.

Para conhecer mais o circuito da *body modification* e seus sujeitos, passei a visitar os estúdios de tatuagem de Natal/RN³, bem como alguns outros espaços que se caracterizam como de sociabilidade frequentados pelos envolvidos com a pesquisa. Além disso, participei de um encontro com indivíduos ligados à prática da suspensão corporal em Brasília/DF. Só consegui observar alguns dados de campo porque passei a percorrer esses caminhos e percursos junto com meus informantes.

Busquei analisar esses diversos espaços por perceber que a *body modification* trata-se de uma prática inserida num constante fluxo e movimento. Meus interlocutores possuem trajetórias diferenciadas, compartilham a ideia da construção corporal através da *body modification*, mas não andam em grupo constantemente, e nem tampouco frequentam sempre os mesmo espaços. O estúdio de tatuagem era o ponto central da minha etnografia, porque era nesse lugar que eu entrava em contato com os

¹ Arte no corpo, que seriam tatuagens, *piercings* e outras formas mais extremas.

² No decorrer do texto explicarei como é cada uma dessas marcas corporais.

³ Esses são os espaços em que se realizam algumas modificações corporais, local também onde conheci alguns dos sujeitos desta pesquisa.

sujeitos da pesquisa, mas em outros momentos eu precisava encontrá-los espaços distintos. Ou seja, foram as dinâmicas e os processos que estão relacionados com a prática da *body modification* que me fizeram utilizar essa trajetória metodológica.

Nessas circunstâncias, também percebi que o fato de ser tatuada, ter a mesma faixa etária que eles e participar do circuito conhecido como “alternativo”, facilitou meu contato com o grupo e minha aceitação em determinados contextos, principalmente os de sociabilidade.

Outra característica que me fez percorrer esses trajetos durante o campo foi constatar que em Natal, por ter um cenário pequeno em relação a *body modification*, eu não poderia ficar presa ao estúdio de tatuagem, porque assim não conseguiria colher alguns dados de campo e não conheceria outras pessoas ligadas a essa prática.

Sendo assim, esta pesquisa se aproxima da perspectiva etnográfica *multissituada* (MARCUS, 1995) em que o antropólogo procura seguir os sujeitos da pesquisa nas suas trajetórias cotidianas, encontrando um fio condutor que associe e relacione o fenômeno estudado com outras práticas, percebendo dessa forma os sentidos e significados que os sujeitos atribuem as suas experiências.

Essa maneira de intervenção durante a pesquisa não é só uma perspectiva contemporânea ou inovadora de etnografia, mas uma necessidade do trabalho de campo na cidade, porque nesse contexto os objetos e as pessoas circulam em várias situações sociais diferentes. Para que o pesquisador consiga entender determinadas práticas, ele precisa caminhar junto com seus informantes. Como nos diz George Marcus (1995: 106):

O objeto da pesquisa não é, assim, necessariamente restrito a determinado grupo situado no interior de um campo de observação. Muitas vezes, o objeto consiste num determinado fenômeno social e sua construção ocorre ao se fazer determinados movimentos, seguindo pessoas, histórias, objetos ao longo de várias cadeias, superpondo situações e verificando os pontos nos quais as intersecções, ressonâncias e associações ocorrem.

Vivendo um momento acadêmico tão diverso, complexo, contemporâneo e fluido, às vezes, é interessante nos apegarmos a determinadas teorias, principalmente metodológicas, para nos guiarmos em campo e não ficarmos soltos, sem entender que aquilo que estamos fazendo é ciência.

Após o mapeamento dos trajetos, movimentos e espaços, chegou um momento do campo em que senti a necessidade de centrar minhas observações e

análises nas experiências de alguns indivíduos, concentrando assim meu olhar em cinco jovens que praticam a suspensão corporal em Natal. Nesse momento da construção do meu caminho etnográfico, a noção de *descrição densa* de Geertz (1978) me auxiliou no que diz respeito à ideia de interpretar os contextos sociais, levando em consideração que as atitudes e valores dos sujeitos podem mudar de acordo com as relações que eles estabelecem com os outros e a situação em que estão inseridos.

Outro texto que me ajudou na problematização do trabalho de campo antropológico foi o de Cláudia Fonseca (1999) *Quando cada caso não é um caso*, que me fez refletir sobre a importância em se compreender o particular, mas sempre relacionar com o geral, entendendo que sem esse exercício reflexivo há etnografia, mas não há Antropologia. Ou seja, eu tinha uma realidade particular, que era a trajetória individual de cada sujeito dentro da *body modification* na cidade de Natal, mas teria que fazer uma associação com outras práticas e dinâmicas, relacionando com categorias mais abrangentes.

Como o universo da tatuagem e do *body piercing* já me era familiar, tive que passar por um processo de estranhamento dessas práticas e dos espaços relacionados com essas formas de intervenções, porque é através do diálogo com a diferença que se abre um caminho para a reflexão em torno do objeto pesquisado (FONSECA, 1999: 65). Tudo me era muito conhecido, e tive certa dificuldade em entender como iria transformar todos aqueles fenômenos em objeto antropológico. Conteí, então, com o auxílio fabuloso das etnografias que já haviam sido publicadas sobre tatuagem e *body modification*. Assim, passei a perceber o que seria importante “olhar em campo” e como estranhar aquelas práticas que para mim eram tão familiares.

Os trabalhos de Débora Leitão (2002), Zeila Costa (2004) e Andréa Osório (2006) foram extremamente relevantes no meu primeiro contato com a *body art*. O primeiro trabalho fala sobre o “consumir tatuagem”, fazendo referência àquelas intervenções mais ligadas à moda, em que a tatuagem aparece como um enfeite corporal relacionada com práticas de embelezamento. Já a dissertação de Zeila Costa nos mostra o processo de mudança pelo qual o universo da tatuagem passou indo do “porão ao estúdio”, ou seja, o “antes” relacionado com grupos ligados aos movimentos de contracultura e o “hoje”, em que percebemos um maior uso da tatuagem por vários grupos e indivíduos, bem como sua maior aceitação. Na tese de Andréa Osório, ela faz um estudo comparativo entre dois estúdios de tatuagem, mostrando semelhanças e

diferenças, sendo o objetivo central da sua pesquisa discutir as relações de gênero presentes na tatuagem.

Esses trabalhos foram bem importantes no meu processo de estranhamento. No entanto, depois tive que me afastar um pouco dessas observações para, então, encontrar o meu próprio olhar. Tinha que perceber o que o meu campo me mostrava, qual era a realidade que estava ao meu redor e como eu teria que me inserir dentro desse contexto, mas sempre fazendo as devidas relações com essas outras pesquisas.

Já a dissertação de Camilo Braz (2006), sobre *body modification* em São Paulo, me acompanhou durante todo o processo de construção deste trabalho, retomo vários dados analisados por ele, traçando um breve paralelo entre nossas pesquisas, porém, considerando que nossos cenários possuem algumas diferenças. Além do que, alguns sujeitos do grupo estudado por mim em Natal sempre mencionam São Paulo e Brasília como o centro da *body modification* no Brasil, algumas referências utilizadas por eles são provenientes desses contextos. Então, nada mais coerente que também fazer essa relação.

Acredito que seja primordial trazer a discussão em torno da noção de *contextos sociais complexos* (BARTH, 2000), porque as diferenciações, nesse caso corporais, são frutos desses contatos entre os diversos grupos e sujeitos na cidade, a chamada heterogeneidade cultural, tão presente nos contextos citadinos. Através da imagem visual se transmite alguma mensagem identitária dentro de um espaço em que as relações se dão muito mais pela linguagem visual do que verbal. Assim, como sinaliza Miguel Vale de Almeida (2004: 30): “É a política do face a face, do encontro casual de rua, da visibilidade confirmadora que nos rodeia”.

Na cidade também as subjetividades ficam mais “à flor da pele”, pois as interações entre os grupos e os sujeitos são bem mais diversificadas e complexas. É aquilo que Abner Cohen (1969) discute no seu texto sobre o contexto urbano na África, no qual demonstra que os indivíduos passam por mecanismos de destribalização e retribalização a partir do momento que entram em contato com outros grupos e indivíduos, ou seja, esses processos de distinção identitária só fazem sentido quando estamos diante de uma situação complexa.

Continuando a reflexão em torno da chamada Antropologia Urbana, o enfoque dado por Goffman (1975) à discussão em torno das relações e não no atributo, será primordial para o entendimento do grupo desta pesquisa. Pois, em alguns

momentos as intervenções corporais dos sujeitos em questão são vistas de uma forma estigmatizada, porém, em algumas situações elas são valorizadas, ou seja, a ênfase não será na modificação em si, mas nas relações e contextos. Dialogo com a noção de *outsiders* de Becker (2008), relacionando também com a ideia de *múltiplos papéis* de Gilberto Velho (1994), sendo esta última um dos pontos principais da discussão, porque a partir do momento que descrevo os vários papéis desempenhados pelos sujeitos da pesquisa, trago uma contribuição para um maior entendimento do que está por trás da prática da *body modification*, colaborando, dessa forma, para que o caráter exótico dessas práticas e dos seus praticantes passe por uma melhor compreensão, mesmo que seja somente pelo meio acadêmico.

A pergunta norteadora desta dissertação é: como se dá o processo de construção corporal dentro da *body modification*? E o que essas práticas têm para nos dizer sobre as influências culturais e sociais no corpo dos indivíduos. Isso porque, quando pensamos em corpo, acreditamos que se trata de uma construção individual ou biológica, pois ele representa o “eu”, a “pessoa”. Porém, com um olhar mais aprofundado e científico, percebemos que as representações e os significados que atribuímos ao nosso corpo perpassam também por questões culturais e sociais, e não puramente individuais ou biológicas.

As análises desta pesquisa estão centradas em duas discussões, a primeira está relacionada ao processo de individualização (escolha individual) de um processo social. Por isso que optei por detalhar a trajetória de alguns poucos sujeitos, para perceber como se configura para cada um deles a construção corporal via *body modification*. A segunda é tomar a prática da *body modification* e seus atores como um espaço social, que mostrará apontamentos para discussões de ideias mais amplas.

Sendo assim, a noção de *corpo* é entendida como categoria orientadora das reflexões, trazendo também questões que envolvem *estilo de vida*, estando ligado às referências de um grupo alternativo no contexto urbano. Nesse sentido, estabeleço um diálogo com o texto de Luis Eduardo Soares (1994), em que o mesmo descreve as práticas alternativas contemporâneas, tendo como trinômio o *corpo-espírito-natureza*, que são tão presentes no âmbito da *body modification*. Além disso, procuro trazer as discussões em torno da dor (HELMAN, 2009), o uso de fotos como instrumento metodológico (GURAN, 2000) e construção da masculinidade (RIAL, 1998; CECHETTO, 2004).

Dessa forma, o texto está dividido em três momentos: no primeiro capítulo descrevo meus caminhos em campo; os estúdios de tatuagem que frequentei e como foi minha aproximação com o tema e os sujeitos da pesquisa. Meu olhar para as marcações corporais passou por um processo gradual de construção. Assim como os sujeitos da pesquisa fazem com seus corpos, comecei observando uma intervenção considerada mais aceita socialmente, que no caso é a tatuagem, e depois fui analisando as mais extremas, que são as suspensões corporais. Portanto, nessa parte do texto, caracterizo as dinâmicas que envolvem as tatuagens e depois discuto os outros mecanismos que implicam as modificações corporais. Nesse momento também utilizo as fotos como instrumento metodológico para dialogar com os sujeitos da pesquisa, bem como para esclarecer algumas formas de intervenção.

No segundo momento do texto, analiso as trajetórias dos sujeitos da pesquisa que já passaram pela experiência da suspensão corporal, o que acontece é que o mesmo indivíduo que possui essa experiência também possui outras formas de intervenção no corpo, como: tatuagens, *surfaces*, alargadores, escarificação e implantes. A escolha por esse grupo foi puramente metodológica, visto que eu não poderia ficar delineando várias formas de modificação sem me centrar em alguns sujeitos. O que deve ficar bem claro é que não observo apenas a suspensão corporal, mas sim todo o processo da construção corporal dos meus informantes, que inicia com a tatuagem e tem o ritual da suspensão como uma de suas práticas.

Descrevo então, cinco sujeitos mais a fundo. O enfoque das observações está na relação que se estabeleceu entre pesquisador e pesquisado; o processo de iniciação do indivíduo nas modificações corporais; os tipos e intensidade de intervenções no corpo; contexto e relações; a suspensão e seus significados, bem como outras práticas realizadas por eles. Fiz também um exercício para descobrir como eles se percebem entre si, sempre perguntando o que um sujeito pensava sobre o outro. Categorias como *projeto*, *escolha* e *negociação* (VELHO, 1987) são tomadas como centrais para o entendimento das trajetórias desses sujeitos, tendo ainda como referência outras etnografias que foram realizadas com jovens nos circuitos urbanos⁴.

⁴ Destacando duas coletâneas que trabalham com esse tema: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Org.) *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

No entanto, minha pretensão de maneira nenhuma é chegar a um postulado sobre os modificados, são muito mais questões para serem refletidas e analisadas. Tomando cuidado também em não entrar numa discussão individualizada desses sujeitos, o objetivo é perceber as relações que eles estabelecem nos seus contextos, entendendo que suas outras experiências (onde trabalham, com quem moram, quais são suas preferências e gostos) contribuem significativamente para suas construções identitárias e corporais.

No terceiro e último capítulo, comento o *Suspension Day*, evento de suspensão corporal realizado em Brasília, que contou com a participação dos *suspenders*⁵ de todo país. Dessa forma, pretendo narrar como se configurou o evento, quem foram os participantes, algumas impressões e como é o ritual da suspensão corporal em si. Os três títulos que nomeiam os capítulos desta dissertação foram retirados do campo. A expressão “Introduzindo corpos estranhos” tem a ver com o início das discussões deste trabalho e é o nome do blog de Snoopy⁶. “Lindos de Doer” é o título do livro escrito por André Meyer⁷ que descreve algumas modificações corporais contemporâneas e “*Suspension Day*” foi o nome do evento de suspensão corporal que participei.

Nesse sentido, inicio o trabalho com uma perspectiva mais geral da *body modification*. No segundo momento, uma discussão mais individual e subjetiva dessas práticas, ou seja, como cada sujeito se apropria e dá sentido e significado a sua construção corporal. E para finalizar, a descrição da prática da suspensão de uma forma coletiva ou grupal. Foi essa a sequência cronológica do meu campo: primeiro entrei em contato com o grupo de Natal e depois fui conhecer essa prática de uma forma coletiva e com sujeitos de outras cidades, através do *Suspension Day*.

⁵ Escutei essa expressão pela primeira vez nesse evento, *suspenders* são os sujeitos que praticam a suspensão corporal.

⁶ Snoopy é um profissional que realiza modificações corporais e divulga essas técnicas através de palestras pelo Brasil e América Latina.

⁷ André Meyer tem modificações pelo corpo, é profissional na área da *body art* e é considerado um dos percussores da *body modification* no Brasil. Ficou conhecido nacionalmente porque foi o vencedor de um *reality show* que envolvia resistência física, transmitido por um canal aberto de televisão.

1º Capítulo – Introduzindo Corpos Estranhos

Investe-se no corpo como lugar de prazer do qual é preciso afirmar que é seu realçando-o, assinando-o, tomando-o a seu cargo.

(LeBRETON, 2004, 9)

O corpo perpassa por construções que envolvem o social e o cultural, isso já foi comentado anteriormente, e será demonstrado durante todo o texto através dos dados etnográficos. Ademais, quando falamos sobre esse assunto nas Ciências Sociais, nos reportamos prontamente às *técnicas corporais* (1974) de Marcel Mauss. O corpo é visto por Mauss como um substrato social, uma construção relativa, variável, e que as técnicas experimentadas nele são transmitidas culturalmente. Ele também reforça a ideia da *educação e contato* entre os indivíduos como divulgadores e propagadores dos atos corporais, bem como a influência desses elementos na nossa constituição corporal biológica, ou seja, os símbolos sociais adentrando no ambiente fisiológico, modificando-o.

Prosseguindo com a revisão bibliográfica acerca do corpo através de uma leitura sobre as produções acadêmicas da chamada Antropologia Clássica, nota-se que ele (o corpo como categoria analítica) não aparece nas discussões com um enfoque centrado no indivíduo, ele aparece diluído nas observações etnográficas sobre o grupo pesquisado, como um elemento coletivo. O corpo aparece como objeto de investigação representando o “eu” mais contemporaneamente, e acredito que isso seja fruto das relações estabelecidas nesse contexto no qual há uma supervalorização do corpo como uma entidade individual.

Sobre essa distinção metodológica entre o funcionalismo/ estruturalismo da Antropologia Clássica e o individualismo Contemporâneo, LeBreton (2006) nos fala que em grupos que possuem uma forte coesão coletiva, o corpo é o elemento de ligação da energia comunitária, e através dele e dos seus rituais, o homem é incluído no seio do seu grupo. Ao contrário, em contextos individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, que marca os limites da pessoa, isto é, onde começa e acaba a presença do indivíduo.

Nas etnografias clássicas temos algumas descrições de modificações corporais associadas a ritos de iniciação, principalmente os masculinos, através de

rituais dolorosos, os meninos demonstram publicamente que toleram e suportam a dor, e assim são iniciados na fase jovem ou adulta. Em *Sexo e Temperamento*, Margareth Mead (1969) descreve o ritual de escarificação entre os meninos *tchambulis*⁸. Quando atinge a idade entre 8 a 12 anos, sendo essa faixa etária estabelecida pelos interesses cerimoniais e sociais do pai, o menino passa a ser introduzido na sua vida de valentia e coragem, passando pelo seguinte processo:

(o menino) fica preso a uma pedra, contorcendo-se, enquanto um “tio” materno, de parentesco distante, e um especialista em escarificações recortam desenhos em suas costas. Pode uivar o quanto quiser. Ninguém vai confortá-lo, ninguém tenta sustar seus uivos. Ninguém, tampouco, colhe qualquer prazer com eles (1979: 243).

Entre Os Nuer (EVANS-PRITCHARD, 2007: 257) também existe a iniciação na vida adulta pelos homens através de uma “operação bastante árdua: a testa do rapaz é cortada até o osso com uma pequena faca: seis compridos cortes de orelha a orelha”, que seriam também escarificações. O caráter coletivo do ritual também é levado em consideração assim como nos *tchambulis*, e eles acreditam que, se o rapaz é iniciado sozinho, ele ficaria isolado e poderia morrer. Nesses dois casos percebemos algumas características em comum. A primeira, que também se assemelha com a escarificação feita pelo grupo analisado nesta pesquisa, é a técnica da incisão em si, onde através de um material cortante (bisturi ou faca) realizam-se cortes na pele, produzindo marcas indeléveis. A construção da masculinidade também está presente nos dois casos, demonstra-se o suportar a dor, ter coragem e valentia através dos rituais, e isso faz parte dos processos do “tornar-se homem”, sendo essa característica não só particular a esses grupos, se estendendo também para outros segmentos.

Mas se existe um elemento distintivo bem presente nos dois casos é o caráter coletivo desses rituais. Tem-se uma demonstração pública do suportar a dor, estamos falando de um ritual coletivo, de iniciação ou aceitação ao grupo. Também percebemos essas mesmas características no filme etnográfico *Circuncisão*, de Jean Rouch (1948), no qual é mostrado um ritual de excisão entre os meninos de uma comunidade africana (Hombori, no Mali - África), onde mais uma vez aparecem as particularidades associadas à dor, a um ritual coletivo, iniciação e construção da masculinidade.

⁸ Grupo que habitava a região da Papua Nova Guiné, país da Oceania. Foi nesse local que a antropóloga fez os seus primeiros registros sobre as diferenças sociais atribuídas aos papéis masculinos e femininos.

Existem também outras formas de escarificação que não estão relacionadas nem com um ritual de iniciação masculina e nem tampouco com a *body art*. Trata-se de lesões corporais intencionais, feitas principalmente por adolescentes nos contextos contemporâneos,

Frente à avalanche de emoções que experimentam, alguns adolescentes batem sua cabeça contra uma parede, quebram a mão contra uma porta, queimam-se com um cigarro, se ferem para conter um sofrimento que leva tudo em seu caminho. Ou, em segredo, fazem inscrições cutâneas com um compasso, com vidro, com uma navalha, com uma faca (LEBRETON, 2010: 26).

Segundo o autor, essas intervenções seriam uma maneira de o adolescente se apropriar do seu corpo. Estando diante de situações desagradáveis, tão presentes nas vivências e experiências relatadas por alguns jovens, ao ferir-se ou cortar-se, estariam ressignificando os sentimentos de dor e sofrimento. “Não estar bem em sua pele implica algumas vezes a reorganização de sua superfície para vestir uma nova pele e nela melhor se encontrar” (LEBRETON, 2010: 26).

Voltando à Antropologia Clássica, temos um relato visceral feito por George Catlin sobre uma cerimônia entre os índios Mandan, no capítulo *Da tortura nas Sociedades Primitivas*, do livro de Pierre Clastres *A Sociedade contra o Estado* (2003):

Um a um, os jovens, já atingidos por quatro dias de completo jejum e por três noites insones, avançam em direção ao seu carrasco. Chegara a hora. Com furos pelo corpo e estiletos enterrados nas chagas, enforcamento, amputação, a derradeira corrida, carnes rasgadas: parecem inesgotáveis os recursos da crueldade. E no entanto: a impassibilidade, eu poderia até mesmo dizer a serenidade com que esses jovens suportam o martírio, era ainda mais extraordinário do que o próprio suplício... Alguns deles, ao perceberem que eu estava desenhando, fixaram seus olhos nos meus e sorriram; mas, ouvindo a faca arranhar-lhes a carne, eu não conseguia conter as lágrimas (CLASTRES, 2003: 199).

Essa descrição é um claro testemunho dos rituais de iniciação presentes em alguns grupos e comunidades narradas pela Antropologia Clássica. Nesse caso, e em tantos outros, o silêncio e a repressão diante da dor devem ser postos em prática pelos meninos/homens. Mas o que chama a atenção nesse relato é o sofrimento do antropólogo diante desse ritual, a dor sentida pelos índios passa a lhe incomodar e

provoca um certo desconforto, é como se fosse uma dor empática⁹. Sensação parecida acontece quando olhamos uma foto ou uma sessão de *body modification*, principalmente as que envolvem sangue e cortes profundos.

Ainda em relação aos homens, podemos observar nos dias de hoje algumas formas de modificações corporais, como as chamadas *body building*¹⁰, que são feitas sobretudo entre os jovens do sexo masculino, e poderiam estar relacionadas com a construção de um corpo musculoso e forte, conseguido através de atividades físicas, principalmente a musculação. As mulheres também procuram esse tipo de transformação corporal, sendo um pouco diferente o objetivo que se quer alcançar.

Os fisiculturistas seriam um exemplo mais extremo dessa forma de modificação. Nas academias de ginástica, através de várias sessões de levantamento de pesos, com equipamentos adequados, controle e ingestão de suplementos alimentares, e em alguns casos o uso de anabolizantes, chega-se ao corpo idealizado, um corpo com músculos aparentes que transmite uma ideia de virilidade e força. A noção do sacrifício e abstenção é bem presente nesses segmentos, porém, há uma ideia de recompensa no futuro. As características masculinas que representam domínio, autoridade, excelência e força, também fazem parte dessa construção (SABINO, 2004). A dor também entra nesses processos de uma forma bem específica, como descreve César Sabino (2004: 170):

A dor é vista de forma positiva e sua constituição é ritualizada de forma a conferir àquele que a sente e cultiva um determinado papel construído através das interações sociais nas quais o próprio sentimento da dor apresenta-se como fator fundamental da elaboração identitárias. A capacidade pessoal de resistência ao sofrimento doloroso é uma via de aquisição de *status* no grupo.

Já em relação às mulheres, pouco se fala das modificações corporais femininas na Antropologia Clássica. Isso tem a ver com o papel destinado a elas em algumas etnografias e discussões científicas, em que prevalece o olhar androcêntrico em certas observações. Mas também há o caráter privado das modificações femininas, visto que os rituais masculinos se configuram como eventos públicos em que todos participavam, inclusive os antropólogos. Nesses dois casos, não podemos nos abster de uma visão política de gênero, pois esses rituais implicam uma problematização sobre

⁹ Em alguns eventos de Antropologia ou mesmo Ciências Sociais, apresentei alguns dados desta minha pesquisa em Grupos de Trabalhos. As pessoas que assistiam, geralmente, se impressionavam muito no momento em que eram mostradas algumas fotos. De uma certa forma, a dor também era experimentada por elas, causando um certo mal-estar.

¹⁰ *Musculação.*

seus significados e suas representações: a mulher ficando destinada a um papel secundário nas produções acadêmicas, não aparecendo e participando somente de rituais privados e não públicos.

Mesmo diante desse impasse bibliográfico, temos alguns exemplos de modificações corporais femininas, como é o caso dos sapatos das meninas chinesas (século X ao XX). Num ato disciplinador e de submissão, as meninas eram obrigadas a usar um sapato que atrofiava os pés, comprometendo não só a estrutura dessa parte do corpo, como também a sua locomoção.

A justificativa era que esse seria um ato de beleza, pois o pé ficaria parecido com uma flor de lótus, e caso a menina não usasse, poderia ficar sem se casar. Esse era um procedimento extremamente doloroso, pois “quebra-se os ossos, os quatro dedos eram colocados em baixo do pé, só o dedão ficando estendido, o antepé e o calcanhar eram colocados juntos, movendo o dedão para baixo e o osso do calcanhar para frente” (PIRES, 2005: 112). Havia todo um conteúdo erótico nesse pé, segundo alguns manuais da época: o dedão era usado como um falo, e a fenda que ficava no meio do pé poderia ser penetrada.

Um exemplo bem mais invasivo de modificação corporal entre as mulheres são as excisões femininas, realizadas por alguns grupos africanos e asiáticos. A técnica consiste na amputação do clitóris da mulher, de forma que a mesma não consiga mais sentir prazer utilizando esse órgão. Essa prática gera grandes e acaloradas discussões porque alguns antropólogos acreditam que devemos relativizar esse tipo de técnica, levando em consideração os valores culturais desses grupos. No entanto, um outro segmento não só acadêmico quanto político, defende que deve haver uma intervenção para diminuir ou até mesmo acabar com esse tipo de mutilação feminina, tendo como justificativa a autonomia corporal e de decisão da mulher.

Outro caso feminino que estaria ligado a padrões de beleza é a técnica das argolas no pescoço utilizada pelas mulheres Padung, no norte da Tailândia. Elas iniciam esse processo ainda criança e vão aumentando a quantidade de argolas com o passar do tempo. O pescoço se alonga porque o ombro vai caindo com o peso das argolas, e quanto mais argolas se têm no pescoço, mais admirada é a mulher. Por trás de todo esse encantamento por essas intervenções, deve haver alguma noção de “dominação masculina”¹¹ (BOURDIEU, 1998) em torno do corpo feminino.

¹¹ Para Pierre Bourdieu (1998), essa dominação se dá através das relações de troca estabelecidas entre os gêneros (homem e mulher), sendo o corpo o local onde essas disputas pelo poder se inscrevem.

Já no século XX, mais especificamente na Europa e Estados Unidos, haviam os espartilhos, usados com o intuito de se obter um corpo perfeito e bonito para os padrões da época, algumas mulheres amarravam suas cinturas para que ficassem mais finas. Essa técnica dificultava a respiração e atrofiava algumas partes do corpo. Nos dias de hoje, temos vários exemplos de modificações, alguns menos extremos, como o caso das depilações realizadas principalmente por algumas mulheres. Por meio de processos muitas vezes dolorosos, retira-se o pelo de algumas partes do corpo, como axilas e pernas¹². Esse tipo de intervenção é bem legitimado socialmente porque além de envolver uma transformação considerada pequena, tem como objetivo um enquadramento dentro dos valores culturais. Porém, considero interessante pensarmos sobre esse tipo de intervenção porque, na maioria das vezes, ele passa despercebido.

Atualmente, estamos diante, também, dos chamados *transtornos alimentares*, bulimia e anorexia, principalmente associados ao universo feminino, que são abstinências ou restrições dos nutrientes, com o objetivo de se construir um corpo magro e esguio, sendo um reflexo dos padrões contemporâneos. Um outro exemplo de transformação extrema é o que acontece com os indivíduos que passam pela cirurgia de *redução de estômago*. Depois dessa intervenção, há toda uma construção de um novo corpo, de uma nova identidade e de uma nova imagem. Nesses dois casos, temos a ideia da “lipofobia” (horror à gordura), característica relacionada aos valores corporais das sociedades ocidentais e bastante divulgada pelos meios de comunicação, havendo sempre uma relação entre o “corpo magro” e uma sensação de felicidade.

Enfim, existe uma diversidade de modificações ou construções corporais, tanto contemporaneamente como em outros contextos. Trouxe aqui alguns exemplos, em que procurei mostrar que neles percebemos tanto processos de transformações corporais como também situações dolorosas e incômodas. Duas características bem presentes na prática da *body modification*, mas que nesse caso provocam um certo estranhamento, principalmente por serem extremas e consideradas subversivas.

O que percebemos através dessas descrições é que as técnicas corporais utilizadas pelas mulheres, muitas vezes, têm como objetivo uma prática relacionada com embelezamento, sendo este um dos elementos centrais da constituição da

¹² Os homens também retiram os pelos de algumas partes do seu corpo, principalmente do rosto. Porém, é importante refletirmos sobre as possibilidades de abertura para homens e mulheres. Pois, facilmente encontramos homens com barba, mas dificilmente observamos mulheres com os pelos das axilas crescidos.

feminilidade. Já entre os homens, os rituais corporais envolvem uma ideia de força e superação da dor, que define um pouco o modelo de construção da masculinidade.

Há outros três processos de modificação corporal que são pensados e percebidos de uma forma comparativa com o grupo desta pesquisa, quais sejam: as transformações feitas pelas travestis, as cirurgias plásticas e as modificações indígenas. É interessante não só detalhar essas técnicas, mas também refletir sobre uma possível aproximação entre tais segmentos.

Entre os índios encontramos o uso de joias corporais, que seriam os piercings para a *body art*, o ritual da escarificação, as pinturas corporais (tatuagens) e a suspensão corporal, todos eles tendo alguma conotação sagrada, religiosa, ritual, de distinção de hierarquias e de transcendência da dor. Percebemos também essas características nos grupos ligados a *body modification* de hoje, menos uma forte relação com o sagrado e religioso¹³. Porém, as BM's que mais têm uma proximidade visual com as modificações indígenas são os alargadores, não só pela prática de alargar certas partes do corpo, mas também as joias utilizadas, porque algumas delas fazem uma referência direta às joias usadas pelos índios.

Minha primeira relação de aproximação entre os modificados e as travestis¹⁴ foi por meio de uma foto. Eu estava fazendo campo no estúdio de tatuagem e o profissional que faz as modificações mostrou umas imagens, na internet, dos “modificados famosos”. Em uma delas, mostrou LaNegra, uma mexicana que é considerada uma das mais modificadas do mundo.

Fiquei impressionada como o visual dela, lembrava a imagem das travestis, comentei isso com o modificador, e ele respondeu: “é sim, o visual dela é bem travesti”. Ela tinha várias intervenções no corpo, mas ali havia uma ambiguidade de gênero muito forte, era algo feminino, mas ao mesmo tempo masculino. Era tudo muito potencializado no seu visual, sendo essa também uma característica do visual de algumas travestis. Percebemos essa ambiguidade de gênero em algumas pessoas, porém, no caso dela as modificações corporais faziam com que essa ambiguidade fosse muito mais reforçada.

¹³ Porém, em algumas situações observamos o uso de tatuagens com referências religiosas.

¹⁴ Segundo Don Kulick (2008: 21): “O termo travesti deriva do verbo transvestir, que pode ter o sentido de vestir roupas do sexo oposto (*cross-dress*, em inglês). Porém, as travestis não se caracterizam apenas por usarem roupas de mulher. Elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagens femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até 20 litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir aparência física feminina, seios grandes, quadris largos, coxas grossas, e o mais importante, bunda grande”

Entretanto, conversando algum tempo depois com os outros entrevistados, notei que essa característica era algo bem particular nela. Segundo um deles, ela tinha várias amigas travestis e por isso seu visual fazia referência a esse universo. Como não tive contato com ela, e minhas entrevistadas não apresentavam esse mesmo visual, não pude aprofundar a discussão. No entanto, esse dado me fez abrir os olhos pra esse tipo de modificação corporal, a das travestis, e assim relacionar com as modificações corporais via *body modification*, percebendo então suas semelhanças e diferenças.

Fazendo um link entre a *body modification* e as *performatividades queer*¹⁵ (BUTLER, 2002), poderíamos refletir sobre o caráter subversivo dessas duas práticas e por que não dizer transformador. Segundo Butler, é através dos atos repetitivos descontextualizados dos padrões do sexo (feminino e masculino) socialmente estabelecidos que podemos interromper ou quebrar com algumas reproduções de gênero. A *drag queen*¹⁶, por exemplo, desmantela os padrões sexuais e de gênero reconhecidos socialmente, principalmente através dos excessos (BUTLER, 2002, 65). A *body modification*, então, também poderia ser pensada dessa forma, já que as modificações possibilitam uma outra maneira de se construir e pensar o corpo, que não é aquela legitimada e reconhecida socialmente. Através também dos excessos: tatuagem em excesso, *piercings* em excesso, dor em excesso; se abre um novo caminho para outras possibilidades de comportamentos corporais, desconstruindo os tão legitimados padrões de estética, beleza, prazer e dor.

Pesquisas que trabalham com a noção de (des)construção corporal são importantes no campo das Ciências Sociais porque nos mostram, através de dados etnográficos, como se dá os processos de composição corporal. Como é o caso das pesquisas com travestis e transexuais, em que há a descrição de como as novas tecnologias podem subverter a ordem “natural” do corpo (GROSSI, 2004), mudando assim a noção de um gênero “biológico”. Essa também é a intenção deste trabalho, mostrar como algumas técnicas podem mudar a lógica do corpo “natural”, e que essas transformações também são mutáveis, variando “entre as sociedades e, dentro de cada uma delas, segundo os grupos, segundo os indivíduos, segundo os contextos e de acordo

¹⁵ Já que para Judith Butler, o gênero é performatizado através das repetições das normas, as *performatividades queer* seriam as construções que interrompem com essas reproduções. Sendo o termo *queer* relacionado com os gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

¹⁶ São homens que se vestem com roupas femininas, porém não querem “ser mulher”. Segundo Vencato (2005: 232) ao montar-se (usar maquiagem e vestimentas femininas) a *drag queen* monta seu personagem e assim pode ser apresentada para um determinado público.

com os vários momentos das biografias” (RODRIGUES, 2005: 171). Ou seja, nada é permanente, tudo está em processo de transformação e mudanças.

Continuando com essa noção de mudança corporal através das técnicas da *body modification*, poderíamos dialogar com Foucault (1987), quando o mesmo discute as relações de poder e hierarquia imprimidas nos corpos dos sujeitos. Através dos discursos normativos e disciplinadores, cria-se toda uma atmosfera do que seria um corpo ideal. Um corpo que não sente dor, saudável, heterossexual, sem intervenções consideradas dissidentes, bonito e comportado. Ou seja, “corpos dóceis” que são construídos diante de elementos controladores:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas formas e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplina” (FOUCAULT, 1987: 118).

Dessa forma, o que seria um corpo com tatuagens, *piercings*, alargadores, suspensões? Seria um corpo in-disciplinado, in-dócil, visível, doloroso, onde o sujeito rompe com os valores sociais associados a um corpo ideal. Essa discussão pode trazer alguma sinalização em torno da reflexão sobre estigma e preconceito vivenciados pelos indivíduos com modificações corporais.

Por outro lado, temos também as cirurgias plásticas estéticas, sendo as mais conhecidas o implante de silicone e a lipoaspiração. Essas intervenções ganharam força, sobretudo, por causa dos valores individualistas e estéticos tão difundidos nos dias de hoje. Numa sociedade que propaga a beleza e o consumo como algo extremamente positivo, o corpo considerado “belo” tem um alto valor de troca. “Ele [o corpo belo] dá status, passa a imagem de juventude, beleza, felicidade, atratividade sexual e longevidade” (GONÇALVES, 2001: 14).

Nesse universo estético também existem as intervenções não cirúrgicas, sendo uma das mais conhecidas o uso do botox. Através de uma substância específica (toxina botulínica), paralisam-se algumas linhas de expressões do rosto, produzindo um efeito mais jovem para o sujeito. O processo é rápido, mas também envolve uma interferência um pouco dolorosa.

Minha pretensão em detalhar alguns desses rituais corporais, descritos tanto na Antropologia Clássica quanto em outros contextos, é auxiliar no processo de relativização da prática da *body modification* nos dias de hoje, estabelecendo uma

aproximação entre elas, demonstrando, então, que existem algumas semelhanças e também diferenças. As manipulações corporais aconteceram e sempre irão acontecer em variadas situações e com significados distintos. Embora a metodologia utilizada por alguns antropólogos clássicos seja um pouco diferente da usada hoje, e o objetivo de determinados usos corporais por alguns grupos não seja o mesmo dos sujeitos desta pesquisa, é importante estabelecer essa relação porque assim podemos perceber que existe muita igualdade nessa diversidade.

Merleau-Ponty (1999: 237) defende que quando tomamos o corpo como objeto científico, “podemos ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica entre o sujeito e o objeto”, ou seja, a análise do corpo nos permite perceber a intersecção entre o individual e o coletivo, porque ao mesmo tempo que ele representa o eu, também representa o mundo. É também através do corpo que “compreendo o outro, assim como também percebo ‘coisas’” (253), por isso que o corpo entra como um dos pontos de discussão central para a sua *Fenomenologia da Percepção*. O corpo é a nossa forma de ser e estar no mundo, de perceber e experimentar, agir e interagimos no mundo através dele.

Dessa forma, poderíamos pensar que as marcas corporais (tatuagem e *body modification*) seriam uma forma de representar e agir através do corpo, uma significação do eu no mundo. Modificando o corpo, interagimos e intervimos em nosso meio de uma forma diferenciada, tanto para o próprio sujeito quanto para os outros. Adquire-se então, uma nova forma de percepção, pois o olhar, o sentir, o tocar, o experimentar, vai também sendo modificado.

Assim, o corpo deve ser problematizado não só como um lugar de rompimento, de diferenciação individual, mas também como um conector, que une o sujeito com o outro e o mundo. Durante a construção desta pesquisa procurei integralizar meu olhar para perceber essas duas forças simbólicas, o individual, que está mais associado com esses os processos de distinção, mas também o lado social, que é a ligação entre o sujeito, os outros e as técnicas difundidas social e culturalmente. Segundo LeBreton (2006: 33), “pesquisas que têm no corpo seu fio condutor, não devem nunca esquecer da ambiguidade e da efemeridade de seu objeto. Sempre, relacionando o ator para não ceder ao dualismo que invalida a análise”. Não devemos esquecer que não estamos diante de corpos, mas sim de sujeitos.

1. Tatuando Caminhos

Como afirmei anteriormente, sou tatuada e já tive alguns *piercings*. Ao todo são seis tatuagens e algumas delas são bem visíveis. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tentei pensar o porquê das minhas marcas corporais e devo confessar que não consegui pensar em nada muito fixo, os significados mudam constantemente. Porém, sempre relembro o momento da minha vida em que fiz a intervenção, como por exemplo: quando passei no vestibular ou depois do nascimento do meu filho, elas então estariam associadas a uma ideia de crescimento pessoal ou mudança de *status* (OSÓRIO, 2006). Mas o que isso tem a ver com minha pesquisa? Primeiro, a ideia da reflexividade enquanto pesquisadora, ou seja, problematizar através das minhas vivências em campo aquilo que até então eu não teria problematizado. O fato de ter o corpo marcado, embora no início tenha dificultado um pouco meu olhar, facilitou (e muito) meu contato com o grupo. Eu era “quase” um deles.

Durante o início do meu campo, fui visitar alguns estúdios de tatuagem localizados na cidade de Natal/RN e posso afirmar que todos eles possuíam suas especificidades e particularidades, mas havia algo em comum em todos eles: a estrutura física muito parecida com uma clínica médica, tudo muito organizado, branco, limpo e higienizado. Todos os tatuadores com quem conversei reforçavam a importância da assepsia nesses ambientes.

O primeiro estúdio de tatuagem que frequentei está localizado num shopping Center. Esse estúdio possui algumas características singulares, desde que se assemelha ao que poderíamos classificar como uma “empresa da tatuagem”, apresentando inclusive acessibilidade para cadeirantes (o que não é tão comum nos outros estúdios). Lá, trabalham quatro tatuadores, um *body piercer*¹⁷, duas recepcionistas e um administrador da loja.

O dono do estúdio, que também é tatuador, me contou que sua intenção com aquela loja foi criar um ambiente em que todas as pessoas pudessem se tatuar, principalmente as que não estão relacionadas com os setores alternativos da sociedade. Pelo que percebi, sua clientela é bem diferente dos sujeitos desta pesquisa, predominando as tatuagens consideradas “comerciais” ou “acessórias”: estrelas, borboletas, tribais, frases e as tatuagens das celebridades da mídia. Na semana em que

¹⁷ Profissional que aplica o *piercing*.

estava fazendo campo, o tatuador disse que quatro mulheres haviam ido ao estúdio para fazer uma tatuagem parecida com a de uma integrante de um *reality show* da TV Globo. As pessoas que querem esse tipo de tatuagem, geralmente, trazem o desenho e pedem para que alguma coisa seja mudada, seja a cor ou um detalhe, ou seja, mesmo copiando a tatuagem de uma outra pessoa, há também o seu toque pessoal.

O dono desse estúdio passa seis meses no Brasil e seis meses na Noruega, os outros tatuadores também passam uma temporada na Europa. É através dessas viagens que eles trocam informações com outros tatuadores e entram em contato com materiais considerados de melhor qualidade do que os fabricados no Brasil. Essa questão da viagem também é vista como algo que confere certo prestígio ao tatuador. Pelo fato de ter um preço mais elevado, está localizado num Shopping Center, e ter uma qualidade diferenciada, sua tatuagem acaba virando uma tatuagem de “marca”. Em geral, o público desse estúdio provavelmente não irá realizar uma intervenção considerada mais extrema, como uma suspensão corporal.

Em todos os estúdios que frequentei, a maioria da clientela era feminina, inclusive, em um deles tive acesso à ficha que os tatuados preenchem antes de fazer o procedimento, e o percentual era de 67% de mulheres. Porém, num estúdio localizado no centro da cidade de Natal, o tatuador afirmou que sua clientela é predominantemente masculina. Ele disse que sua especialidade são as tatuagens orientais, e deve ser esse um dos motivos do seu público ser masculino, pois esse estilo é mais procurado por homens.

As redes de amigos também contam muito nesse universo da tatuagem, ou seja, as redes sociais, que segundo John Barnes, “são os processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (1987: 163). Um amigo se tatua com um determinado tatuador e indica o trabalho desse profissional para um outro amigo, e assim as redes vão se formando. Acontecendo algo bem parecido com o descrito por Adrian Meyer com os processos políticos em que “os cabos eleitorais funcionam como elo entre o candidato e o eleitorado” (1987: 134). Sendo assim, o tatuado funcionaria como os cabos eleitorais, e seria o elo entre o tatuador e um futuro tatuado.

Um outro estúdio que visitei fica localizado dentro de uma sex shop¹⁸, e seria inevitável a comparação ou aproximação entre essas duas práticas: o erotismo e as

¹⁸ Loja que vende produtos do universo considerado erótico.

marcas corporais (tatuagens e *piercings*, sobretudo os genitais). O corpo, nesses dois segmentos, é um corpo sensual e erotizado, e que está sempre sendo construído em função do olhar e das sensações de uma outra pessoa. No texto de Maria Filomena Gregori (2004: 235) sobre sex shops e S/M, ela traz a discussão acerca do “deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do self”. Algo muito parecido acontece no circuito das tatuagens e da *body modification*, essa noção do cuidar de si e do seu corpo dentro de um ambiente conhecido como subversivo e transgressor. Esses cuidados estão intimamente associados com a assimilação de códigos e condutas relacionados com esses determinados segmentos.

Há também uma série de exigências que tentam normatizar esses estúdios de tatuagem, que são supervisionados pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Essas exigências vão desde a higienização dos equipamentos e materiais até a estrutura física do estúdio. A Lei estadual nº 8.417, de 2003, assevera: “Fica proibido fazer tatuagem, imprimir ou gravar desenhos, afixar piercing sobre o corpo de menores de dezoito anos de idade, sem autorização prévia por escrito dos pais ou responsáveis”. Dos estúdios que frequentei, todos estavam dentro das normas e também exigiam a autorização para os adolescentes que desejassem fazer tatuagem ou colocar *piercing*.

Fiz etnografia também numa Convenção de Tatuagem realizada em Natal. Percebi que se tratava de um público de tatuados distinto do que eu tinha visto nos estúdios que havia frequentado. Era tudo bem diferente, logo no início vi um tatuador trabalhando e bebendo cerveja, o outro sem os materiais de proteção e uma placa onde estava escrito: “Tatuagem a partir de 30,00 reais”¹⁹. Por não ser esse o público-alvo do meu trabalho, não adentrei nas conversas, perguntas e entrevistas, fui apenas fazer algumas observações. Mas depois fiquei me perguntando como esses profissionais legitimam sua profissão, pois aqueles com quem tive um contato maior buscam sua legalização através da higienização do processo da tatuagem. Também fiquei me perguntando quais os significados que esse público atribui a suas marcas corporais, já que também percebi que os desenhos das tatuagens eram bem diferentes dos que estava acostumada a ver em outros contextos.

¹⁹ Existem também as chamadas “tatuagens de cadeia”, que são aquelas realizadas pelos sujeitos que vivem uma situação de prisão. Eles se utilizam dos materiais que têm acesso dentro desse contexto, como pregos, arames e tinta de caneta, e assim marcam suas peles. Alguns estudos demonstram que certos desenhos realizados por eles tem uma relação com o crime que cometeram.

Nessa Convenção também pude estabelecer um breve contato com os sujeitos que são conhecidos como “couro²⁰ de convenção”²¹. São pessoas que entregam sua pele para que um tatuador faça a tatuagem que ele escolheu, para que depois esse desenho entre na disputa para ver quais foram as melhores tatuagens do evento. Conversei com uma mulher que estava sendo tatuada, uma caveira na região da perna, e perguntei como foi a negociação entre ela e o tatuador, e ela contou que chegou para ele e disse que queria se tatuar, ele então mostrou o desenho da caveira, ela disse que não gostou tanto, mas que queria fazer assim mesmo. É interessante perceber que ela não queria o desenho em si, já que não foi ela quem escolheu, mas sim a marca corporal. Provavelmente, ela irá atribuir significados a essas tatuagens, significados esses que poderão mudar com o tempo, num processo de re-significação.

Existem alguns elementos, códigos e características ligadas a esse universo da tatuagem, pessoas com pele branca, por exemplo, são mais valorizadas, porque segundo os tatuadores, as cores das tintas ficam mais destacadas nesse tipo de pele. Eles também sempre indicam o uso de filtro solar sobre as tatuagens para a conservação do desenho e das tintas. Outro aspecto comentado algumas vezes nesse circuito é o “estilo da tatuagem”. Logo quando fiz minha primeira intervenção corporal (há uns 10 anos), falava-se muito sobre isso, que poderiam ser: *oriental*²², *old* ou *new school*²³, *realista*²⁴, *comics*²⁵, *tribal*²⁶, dentre outras. No entanto, pouco ouvi falar nesses

²⁰ Couro fazendo uma relação com pele.

²¹ Essa expressão é usada pelos envolvidos nessas convenções.

²² As tatuagens orientais geralmente são grandes, muitas vezes ocupando todo espaço das costas, braços, pernas ou mesmo todo o corpo. Os principais motivos escolhidos são dragões, carpas, samurais, gueixas, sakuras (flor de cerejeira) e flores. (Fonte: blog Dinho Tattoo. Disponível em: <http://www.styletattoopiercing.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=7&Itemid=13>. Acesso em: jan. 2012).

²³ As tatuagens *old school* (escola antiga), por vezes são chamadas de tatuagens tradicionais. Geralmente as tatuagens têm os traços mais grossos, e são “simples”, sem muitas informações. Gaiotas, sol, mulheres, corações, dados, âncoras entre outros temas, compõem as tatuagens *old school*. As tatuagens *new school* são o resultado atual das tatuagens *old school*. Nelas, figuram os mesmos temas das tatuagens *old school*, entretanto, sua cores são mais vivas, seus traços ainda mais grossos e estilizados e percebe-se muita influência do grafite. (Fonte: blog Dinho Tattoo. Disponível em: <http://www.styletattoopiercing.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=3&Itemid=9>. Acesso em: jan. 2012).

²⁴ Trata-se da reprodução fiel de uma foto (*Portrait*) ou imagem (Realista). Geralmente essas tatuagens são em homenagem a familiares, animais ou celebridades. (Fonte: blog Dinho Tattoo. Disponível em: <http://www.styletattoopiercing.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=4&Itemid=10>. Acesso em: jan. 2012).

²⁵ Fazem referências a desenhos animados ou quadrinhos. Mas também são denominadas *Comics* tatuagens divertidas e caricaturas, na sua maioria são coloridas (Fonte: blog Dinho Tattoo. Disponível em: <http://www.styletattoopiercing.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=5&Itemid=11>. Acesso em: jan. 2012).

²⁶ Geralmente, as tribais são preenchidas em sua totalidade com tinta preta, caracterizada por traços espiralados. Podem ser: tribais abstratos, tribais em formas de flores, dragões e animais, tribais Maoris,

estilos de tatuagem durante meu campo. Acredito que hoje fique mais complicado definir em qual estilo determinada tatuagem se enquadra, podendo haver uma combinação de vários estilos num mesmo desenho, por exemplo.

É comum também escutarmos frases do tipo: “tatuagem vicia” ou então “tatuagem em número par dá azar”, essas seriam reflexões em torno dessa prática para justificar a realização constante de mais tatuagens pelos já tatuados. Outro ponto interessante é a influência da música dentro desses ambientes, em todos os estúdios de tatuagem que visitei havia música tocando, destacando o estilo musical do *hip hop*.

Vale ressaltar também que o local onde desenvolvi quase toda a pesquisa, Natal/RN, trata-se de uma cidade de praia e por ser um ambiente com costumes praianos e com sol e calor quase o ano inteiro, as pessoas que circulam pela cidade andam com roupas que mostram mais o corpo. Na praia, o biquíni e a sunga relevam muito do corpo do sujeito e com isso as suas marcas corporais. Já nos outros espaços, as roupas usadas também demonstram algumas partes do corpo, como os braços, pescoço e pernas. Ou seja, as tatuagens e marcas corporais são mais vistas. Podemos perceber essa diferença se compararmos Natal com outra cidade que tenha frio durante uma parte do ano, como Florianópolis²⁷, por exemplo. Nessa cidade, em determinada época do ano, o tatuado deixa de ser tatuado para os outros, porque devido à quantidade de roupa que ele usa (casacos, calças e cachecóis) algumas intervenções não ficam aparentes. O que não acontece em cidades como Natal, aqui o tatuado é tatuado durante quase todo o ano, e em vários contextos.

Os desenhos e locais da tatuagem vão contribuir também para o caráter relativo de aceitação pelos outros dessa marca corporal. É diferente uma pessoa que faz uma tatuagem de borboleta na virilha de uma que tem uma caveira desenhada no pescoço. Dificilmente a primeira passará por alguma situação constrangedora ou de preconceito, já a segunda pode receber olhares de reprovação. Uma técnica que alguns tatuados utilizam para driblar esses olhares, é usando o mecanismo do “esconder/revelar” (LEITÃO, 2002), no qual o sujeito esconde a marca através da roupa num ambiente em que ele saiba que sua tatuagem não será bem vista, como em alguns ambientes de trabalho, por exemplo, mostrando numa outra situação em que sua tatuagem será valorizada, num contexto de sociabilidade, por exemplo.

Tribais Celtas e Maias estão entre os mais procurados. (Fonte: blog Dinho Tattoo. Disponível em: <http://www.styletattooe Piercing.com.br/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=6&Itemid=12>. Acesso em: jan. 2012).

²⁷ Ver Costa, 2004.

Os estúdios de tatuagem foram os lugares em que eu, como pesquisadora, pude verdadeiramente, como diz Roberto Cardoso de Oliveira (1998): *olhar*, porque vi muitos desenhos de tatuagens, pessoas sendo tatuadas, tatuadores trabalhando. *Ouvir*, porque além de escutar as músicas que tocavam, eu escutei também o que aquela prática significa para algumas pessoas, bem como o barulhinho (delicioso ou doloroso) da máquina de tatuar. *Escrever*, porque escrevi muito no meu diário de campo. A isso, acrescentaria dois pontos: o de *cheirar*, porque os estúdios de tatuagem possuem um cheiro bem característico e particular, que os tatuadores dizem que é do álcool, e que eu podia reconhecer em todos os estúdios que visitei. E o de *sentir*, porque de uma certa forma eu podia sentir na minha pele aquilo que os tatuados estavam sentindo.

Esse primeiro contato com a tatuagem “acessório” foi superimportante para que depois eu pudesse perceber os outros processos que envolvem a *body modification*, como também para entender que, embora os modificados comecem suas intervenções pela tatuagem, são poucos os tatuados que possuem a inclinação para realizar uma intervenção mais extrema. A noção do estilo de vida foi primordial para esse entendimento.

Acredito também que a mudança do tema, antes o foco era a tatuagem e depois foi a *body modification*, tenha sido interessante porque me fez refletir sobre novos assuntos que até então eu não conhecia, mas também provocou uma certa ambivalência em campo, porque embora eu fosse tatuada, não tinha nenhuma modificação extrema, ou seja, para os sujeitos da pesquisa, tanto eu era considerada próxima deles quanto distante. Porém, o mais atraente disso tudo é que, para um dos entrevistados, Alexandre, dono do estúdio onde fiz a pesquisa, e também o profissional que realiza as modificações, no início eu não era modificada, mas no final da pesquisa, eu “já era um deles”, mesmo sem ter feito nenhuma intervenção no corpo.

Logo quando iniciei o trabalho de campo com modificações corporais, perguntei para esse rapaz se o que eu tinha no corpo²⁸ era considerado uma *body modification* e ele respondeu que “não, porque são pequenos e comerciais”. Depois alguns meses de “intensa” convivência, fiz a mesma pergunta (se eu era modificada) durante a entrevista e, para minha surpresa, ele respondeu: “Seu cabelo é modificado!

²⁸ Fiz referência às minhas tatuagens e ao alargador na orelha.

Rapaz, tem muita gente no *bmezine*²⁹ com o cabelo igual o seu. Você compõe um visual, já tem umas tattoos aí, uma orelha alargada...”

Ou seja, a pertença ao grupo não é uma questão apenas física e corporal, é também social e situada. Porque eu não mudei meu cabelo e nem muito menos meu corpo durante a pesquisa, mas acredito que o fato de ter convivido com eles por algum tempo, trazendo para as conversas sempre o tema da *body modification*, e o mais importante, aceitando e respeitando suas práticas, tenha surtido um efeito de aproximação e acolhimento pelo grupo pesquisado.

Nesse sentido, cabe perfeitamente tomarmos mais uma vez a noção defendida por Goffman (1975), segundo a qual o foco das discussões metodológicas deve estar centrado nas relações e não no atributo em si. Minha relação com eles mudou, pois houve um maior entrosamento entre eu e o grupo, porém, minhas marcas corporais não mudaram, demonstrando assim que a pesquisa é uma relação social e construída. Essa aproximação fez com que, por algumas vezes, eles me perguntassem: “e você, quando vai ‘subir’³⁰?”

Com relação à verticalidade dos conhecimentos estabelecidos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa em campo, acredito que essa verticalidade tenha se transformado numa “horizontalidade ambivalente”. Como assim? No meu caso eu não estava diante de um contexto em que os conhecimentos se estabeleciam de uma forma vertical ou igualitária. Os sujeitos da pesquisa detinham o conhecimento associado à prática da *body modification*, eram eles que sabiam as técnicas e também os significados associados a essas práticas, se por algum motivo não quisessem participar da pesquisa, provavelmente eu teria que mudar o tema, pois não teria acesso a determinados códigos e símbolos ligados às modificações corporais.

Em contrapartida, depois que entrei em contato com essas ideias, era eu quem detinha o conhecimento (acadêmico) em minhas mãos. Ou seja, num primeiro momento são os sujeitos da pesquisa que possuem o controle das informações, no entanto, depois é o pesquisador que faz uso desses dados de acordo com suas interpretações e análises. Diante disso, pode-se afirmar que existe uma determinada hierarquia dos conhecimentos em campo, porém, essa assimetria é logo ultrapassada através da ambiguidade nas relações.

²⁹ Site que funciona como uma rede social cujo acesso é exclusivo às pessoas com modificações corporais.

³⁰ Expressão usada, pelos sujeitos dessa pesquisa, para falar sobre o ato de realizar a suspensão corporal.

Um outro desafio que surgiu tanto em campo quanto no momento da escrita foi: como trabalhar com uma *descrição densa* (GEERTZ, 1978) dentro de uma perspectiva *multissituada* (MARCUS, 1995)? E uma das “saídas” utilizadas por mim foi sempre interpretar os contextos em que eu desenvolvia a pesquisa, levando em consideração que as atitudes e as representações estão intimamente relacionadas com o ambiente em que estamos inseridos. Meus informantes sabiam muito bem que ali estava sendo realizada uma pesquisa acadêmica antropológica, por isso, eu não podia desconsiderar o caráter intencional de certos atos e das respostas às minhas perguntas. Concordando com o que Fredrik Barth nos fala sobre as relações sociais: “O comportamento humano é intencional e interpretado em termos de concepções culturais particulares” (BARTH, 2000: 172).

Portanto, uma coisa deve ficar bem clara antes de começar a descrever a etnografia com a *body modification*: desenvolvi minha pesquisa só em lugares em que os entrevistados são considerados *estabelecidos*³¹ (ELIAS, 2000). Ou seja, eles tinham toda a liberdade para falar de suas práticas como algo não tão estigmatizado e por que não dizer, valorizado. Por conta disso, em alguns momentos, eu tinha dificuldades em perceber que estava diante de um grupo que possui uma prática socialmente considerada subversiva. E então me pergunto: será que se eu entrasse em contato com os sujeitos da pesquisa em outros espaços, como no ônibus e num shopping³², as minhas perguntas não seriam respondidas de outra maneira? Por uma questão instrumental e de possibilidades, essa comparação não foi possível, no entanto, acredito que isso não tire o mérito desta pesquisa.

A perspectiva *multissituada* não ficou restrita a espaços “reais”, também utilizei o universo “virtual” para desenvolver minha pesquisa. Fiz alguns contatos através das redes sociais e percebi algumas características do grupo através desses espaços. Depois, essas percepções eram dialogadas com os sujeitos da pesquisa, sendo validadas ou não. Não irei entrar numa discussão *on/off line* do mundo da internet, e também não concordo com algumas ideias que defendem que o universo virtual seja menos legítimo do que o real. Até porque, se tomamos a ideia de *múltiplos papéis* de Gilberto Velho (1994), percebemos que nesses canais desenvolvemos um papel que não

³¹ “Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros” (ELIAS, 2000: 7).

³² Esses dois locais foram citados pelos informantes desta pesquisa como locais em que há um maior número de olhares direcionados a seus corpos.

é menos importante do que os outros considerados reais. Ou seja, interagimos nesses ambientes e eles devem ser entendidos e problematizados como construtores das nossas identidades. As redes virtuais não substituem a contato face a face, mas o que acontece nessas redes tem uma implicação no convívio “real”.

Para finalizar essa problematização acerca da pesquisa de campo, quero salientiar que primeiro passei por um período em que conhecia os sujeitos da pesquisa e traçava com eles conversas informais sobre vários assuntos, mas o tema da *body modification* sempre entrava em pauta. Por meio desses contatos pude mapear um pouco das experiências de cada um dos informantes, além de criar um ambiente de maior intimidade, para depois realizar as entrevistas. Era através desse último contato que eu amarrava algumas ideias observadas durante o campo, abrindo-se dessa forma um espaço para a reflexão também por parte dos entrevistados sobre suas práticas e vivências.

Durante o texto usarei as expressões *modificados* e *modificadores* para falar respectivamente sobre os praticantes da *body modification* e os profissionais envolvidos com essas marcações corporais. Porém, esses nomes não são utilizados por eles e nem tampouco eles se veem como o grupo dos *modificados*. O que um entrevistado fala é a representação dele sobre as modificações, ou seja, um sujeito não representa o outro através dos seus significados.

2. Entrando no universo da *body modification*

Corpos desenhados, pintados, tatuados; implantes subcutâneos; perfurações por joias de tamanhos variados, cores e formas, em pontos diversos da silhueta; desenhos feitos a partir de incisões, queimaduras, cortes; membros e partes do corpo retirados; corpos suspensos por ganchos fincados na pele.

(BRAZ, 2006: 21)

A tradução ao pé da letra da expressão em inglês *body modification* é corpo modificado. No entanto, se fizermos uma reflexão sobre esse assunto, percebemos que todos os corpos estariam num estado modificado, já que a todo momento estamos passando por processos que envolvem uma transformação corporal. Acredito que não seja produtivo entrar na discussão dicotômica do que é individual e do que é coletivo

em se tratando do corpo. Isso porque não existe uma linha divisória que faz a separação entre esses dois processos, e não conseguiríamos distinguir até que ponto um processo envolve só questões individuais ou só coletivas.

O fato é que o corpo supostamente parece ser algo que traduz uma ideia individual, pois é através dele que o sujeito demonstra que está pertencendo ao mundo, é a sua representação como ser individual, é ele quem faz a relação pessoa/mundo, o nosso corpo nos representa até em espaços considerados virtuais. Porém, através de uma análise sobre a *body modification* iremos perceber que o corpo não é algo totalmente individual, que as construções corporais envolvem processos que estão muito mais atrelados a dinâmicas coletivas, sociais e culturais. É através do corpo que podemos expressar tanto a nossa identidade quanto o grupo ou comunidade a que pertencemos. E mais do que isso, sem o corpo, estrutura viva, não há interação e sem interação não há o sujeito enquanto ser social.

Mas, afinal o que é *body modification*? Como já foi comentado, seria corpo modificado. No entanto, nem todas as modificações são consideradas do universo da *body modification*; as plásticas, as transformações feitas pelas travestis, as mudanças ocasionadas pela musculação e ginástica não estariam dentro dessa temática, até mesmo algumas tatuagens não são consideradas do universo da *body modification*, para alguns dos meus informantes.

Numa primeira conversa que tive no estúdio de tatuagem que também realiza algumas modificações, perguntei para a tatuadora “o que é *body modification*?” Ela disse que: “É o fato de você alterar o formato físico do seu corpo de uma forma estética, da forma como você quer. É uma outra noção de beleza! A sociedade não acha bonito, mas a gente acha” (Rayssa, 25 anos, tatuadora).

Através dessa fala, podemos problematizar alguns assuntos, como a questão da estética construída dentro de uma perspectiva de grupo, pois, para eles, as modificações são bonitas, mas para os “outros” não. A ideia também deles se sentirem “fora” de um conceito de sociedade, ou seja, os *outsiders*³³ (modificados) dentro de um contexto em que existem os estabelecidos (não modificados).

No decorrer da pesquisa também percebi que há, para alguns, algo relacionado com a valorização das suas modificações e intervenções corporais. Como

³³ *Outsiders*, segundo Nibert Elias (2000), são alguns indivíduos que não possuem vivências e experiências ligadas às regras e normas estabelecidas por um setor digamos que homogêneo da sociedade, eles são os dissidentes ou fora da ordem. Porém, esse é um conceito que deve ser relativizado, pois os *outsiders* em algumas situações viram os estabelecidos e vice-versa.

por exemplo, num espaço de sociabilidade em que estava com meus informantes, um deles disse: “Aqui as pessoas acham o máximo o que eu faço”. Ou seja, o que para a “sociedade” não é tão bem visto, dentro desse contexto, a marca se torna valorizada e um artifício de prestígio social.

Caminhando pelo lado mais técnico das modificações, a *body modification* estaria dentro do universo da *body art*, que seria uma forma de utilizar o corpo como expressão artística, modificando-a através de:

Surfaces (imagem 01 da Figura 01): são joias ou brincos perfurados e colocados na superfície da pele. Eles funcionam esteticamente como os *piercings*, porém, segundo meus informantes, eles são fixados em locais do corpo mais ousados e diferentes, como: genitália, rosto, pescoço ou, como na foto: embaixo do osso da clavícula.

Escarificações (imagem 02 da Figura 01): com o auxílio do bisturi são feitos cortes na pele produzindo cicatrizes indeléveis, em formato de desenhos. O resultado da escarificação lembra um pouco o da tatuagem, só que sem a coloração. Segundo meus informantes, existem as escarificações com *skin removal*, em que, além dos cortes, retira-se um pouco da pele. Existe ainda a escarificação em alto relevo, que depois de feita a incisão, a pessoa deve retirar a casca da ferida e “passar um escovão³⁴” em cima do corte, forma-se então um queleide na pele, que fica em alto relevo.

Língua bifurcada ou *tongue splitting* (imagem 03 da Figura 01): também utilizando o bisturi, corta-se a língua no meio, fazendo com que o sujeito fique com duas extremidades. Segundo o grupo da pesquisa, essa intervenção não produz nenhum dano em relação ao paladar ou à maneira de falar do sujeito.

Alargadores de orelhas (imagem 04 da Figura 01), mamilos ou lábios, alarga-se a parte cartilaginosa da orelha ou das outras partes do corpo, formando uma abertura onde a pele fica esticada, colocando uma joia ao redor, conhecida como alargador. Em alguns casos são utilizados bisturis para “abrir o buraco”. A mesma técnica é empregada no mamilo ou nos lábios.

Implantes subcutâneos (imagem 05 da Figura 01): através de uma abertura na superfície da pele utilizando o bisturi, colocam-se os implantes que são feitos de silicone ou teflon, produzindo um efeito em alto relevo na pele. Acredito que de todas as técnicas, essa seja a que precisa de um bom conhecimento por parte do

³⁴ Perguntei que “escovão” é esse, e o modificador respondeu: “é aquela escova que a gente usa pra limpar o banheiro (risos)”.

profissional que vai realizá-la, porque levanta-se a pele para colocar os implantes. Depois, deve-se colocar umas ataduras para que os implantes não saiam do local, até haver a cicatrização. No grupo que fiz a pesquisa, percebi que geralmente colocam esses implantes em locais do corpo onde já existe uma tatuagem, produzindo assim um efeito diferenciado em relação ao desenho, uma espécie de tatuagem em 3D.

Tatuagens: para ser considerada uma modificação corporal, ela precisa ocupar uma parte bem considerada do corpo, é como se o sujeito construísse um outro tecido para sua pele. Por exemplo: se a pessoa tem uma tatuagem pequena no braço, ela não tem “um novo” braço, mas se a tatuagem ocupa toda parte do membro, aí ela construiu um outro braço, de uma forma “mais ousada, extrema e diferente”. É a construção de um novo corpo que dá o caráter performativo à *body modification*.

Suspensões corporais (imagens da Figura 02): são ganchos de metais cravados na pele. Com o auxílio de outros materiais, suspende-se o corpo do sujeito, fazendo com que ele tire o pé do chão, ficando preso só através dos ganchos. A incisão é feita momentos antes da suspensão, deixando depois uma pequena cicatriz. Os sujeitos envolvidos com essa técnica chamam de “subir” o ato de se suspender. Se fôssemos pensar metaforicamente, essa palavra poderia ser entendida como um ato de evoluir, crescer, ascender. Em nossa sociedade, diante da dicotomia “subir e descer” ou “alto e baixo”, o primeiro é sempre visto de uma forma positiva e o outro com um caráter inferior. Perguntei a um dos meus informantes se as pessoas que já se suspenderam, ou seja, que já “subiram”, são pessoas mais evoluídas, e ele respondeu: “Sim... eu sou (mais evoluído). Porque eu já me suspendi e tenho tatuagens, e eles não. Eles nunca vão saber o que eu sei... porque a experiência é única, nesse aspecto eu sou bem mais evoluído” (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

A suspensão corporal estaria mais próxima a um encontro de sociabilidade. Em uma determinada situação usei a palavra “evento” e um dos informantes me corrigiu prontamente, dizendo que é um encontro, a ideia do evento é negada por eles porque representa algo para se promover e aparecer, e, segundo eles, essa não é a intenção.

Eles se programam antecipadamente para esse encontro de suspensão, chegando, às vezes, a dois meses de preparação, período em que: manipulam os materiais, escolhem o local, pesquisam sobre a parte do corpo que irão colocar os ganchos e delimitam as pessoas que irão participar. Acredito que esse tempo de preparação também faça parte do ritual de espera pra o “grande momento”. O grupo

com o qual fiz a pesquisa geralmente se encontra em locais que só eles tenham acesso, como uma praia deserta, uma mata desabitada ou a casa de algum amigo.

De acordo com Herbert, o clima não é de total descontração, porque Alexandre, o profissional que faz as intervenções, fica tenso e preocupado, e os que irão se suspender também ficam apreensivos. Alexandre me disse que fica nervoso porque é muita responsabilidade nas suas mãos: “Já pensou se dá alguma merda. A culpa vai ser toda minha”. Mas depois, quando tudo sai da maneira certa, “Aí é só felicidade”. (Alexandre, entrevistado em março de 2011). Eles batem palmas e depois comemoram porque tudo deu certo. Essa tensão pré-intervenção também é verificada em relação às outras marcações corporais, principalmente a tatuagem.

Há também as suspensões que são realizadas para um determinado público, eles já fizeram na Casa da Ribeira, um espaço cultural de Natal, e num show de *hardcore*³⁵. Nesse caso, os olhares não são apenas dos iguais, a dor é encarada de uma outra forma e há uma perspectiva muito mais teatralizada e expressiva. As roupas, a maquiagem, as expressões faciais e corporais mudam, ou seja, a performance é outra. Vi as fotos de uma das apresentações, havia sangue artificial na boca de um dos rapazes que estava suspenso, numa tentativa não só de performatizar a suspensão, como também de provocar certas sensações em quem assistia.

Dessa forma, o sentido da suspensão nesses contextos seria o de se distanciar do público ou se aproximar? Já que, o sangue, a dor (empática) e a performance em si, podem provocar tanto uma reação de aversão quanto de admiração. Acredito que esses dois segmentos (admiração e aversão), no caso da *body modification* e mais especificamente na suspensão corporal, estejam ali caminhando lado a lado. Eles se entrecruzam nos discursos dos modificados, provocando uma certa ambiguidade, onde ora falam em chocar e ser diferente, mas ora se percebem enquanto “normais”, e tendo uma prática pouco subversiva.

³⁵ Estilo musical caracterizado por tempos extremamente acelerados, canções curtas, letras baseadas no protesto político, social e frustrações individuais, cantadas de forma agressiva (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hardcore>>. Acesso em: out. 2011).



FIGURA 01 - Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

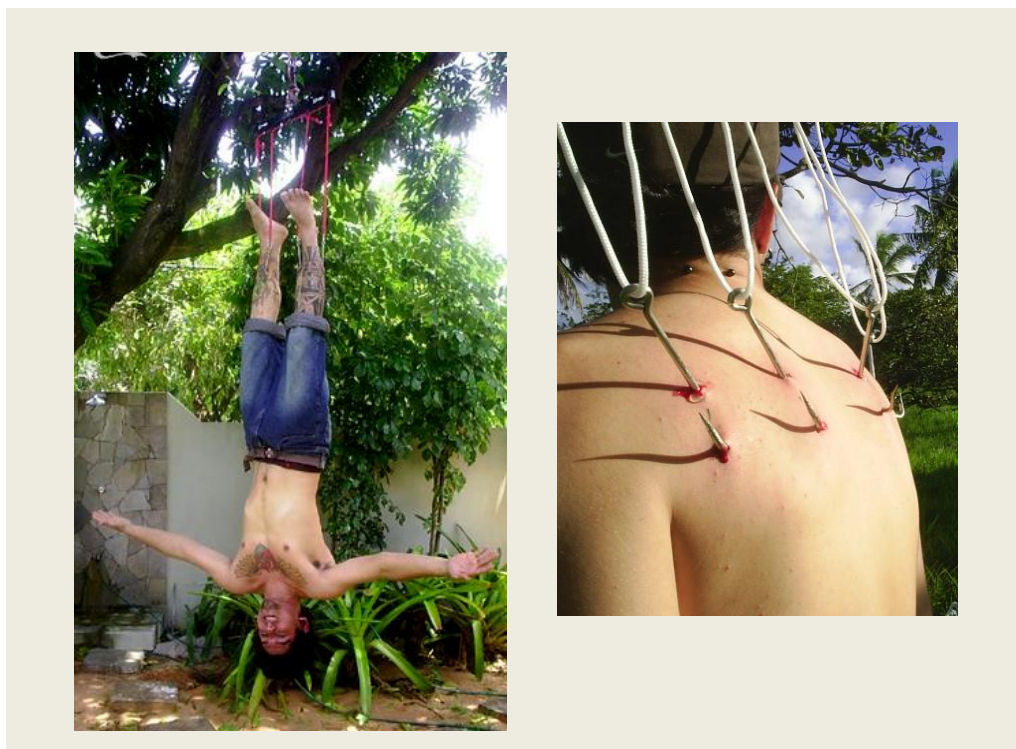


FIGURA 02 – Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

Já me questioneei e também já fui questionada se a suspensão seria uma modificação corporal, isso porque se trata de uma performance momentânea, os ganchos que são colocados na pele são retirados depois da “subida”, não se configurando como uma transformação corporal, mas sim como uma forma diferenciada de se pensar e usar o corpo. No entanto, para meus informantes a suspensão é sim uma modificação que faz parte do universo da *body modification*, e, portanto, me utilizo desse artifício para desenvolver meu trabalho, ou seja esse é um argumento “nativo”. Não pretendo chegar a um conceito sobre o que é a *body modification*, porque em algumas situações os conceitos cristalizam e enquadram certas ideias e práticas, deixando o pesquisador preso a modelos de experiências.

Para meus informantes não existe uma convenção muito bem definida do que seja *body modification*. Meu objetivo, então, é trazer alguns elementos para refletirmos sobre o assunto e o significado que seus praticantes atribuem a esse universo, sem esquecer que vivemos num contexto complexo, e que os sujeitos também são complexos, não havendo então verdades absolutas.

Beatriz Pires (2005) utiliza o termo *modern primitives*³⁶ para falar sobre as modificações corporais contemporâneas e os seus praticantes. Segundo ela, os sujeitos modificados são indivíduos que, mesmo vivendo numa sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, colocam seus corpos físicos como o centro das suas experiências. Se utilizam, então, dos conhecimentos adquiridos de outras sociedades que possuíam práticas semelhantes à das modificações corporais contemporâneas, se apropriando, dando novos significados e demarcando características próprias. É interessante essa colocação que ela traz sobre o corpo como o centro das experiências, porque é bem isso que observei no grupo onde fiz a pesquisa, o corpo passa a ser o local onde imprime-se um elemento pessoal, mostra-se uma identidade grupal, sente-se dor, prazer, consegue-se prestígio social, se marca uma condição de gênero. Enfim, para o grupo desta pesquisa há todo um emprego de sentidos e significados valorizando esse instrumento social, que seria o corpo.

Durante o texto, a autora trabalha com a ideia de “impulsos primitivos”³⁷ relacionados com a prática da *body modification*. Além dessa expressão não ser das

³⁶ Essa expressão é também usada por alguns modificados, não é só uma linguagem acadêmica. No entanto, o grupo que fiz a pesquisa não usa essa expressão para falar sobre suas práticas.

³⁷ A palavra “primitiva” não é mais usada na Antropologia porque nos dá a ideia de evolução, de um estágio inferior (primitivo) para outro superior (civilização).

mais adequadas, através da pesquisa de campo realizada em Natal, percebi que não se trata de impulsos, muito menos primitivos (tomando a palavra como foi empregada por ela), mas de uma forma muito bem pensada e articulada de construção corporal. Eles, os modificados, investem tempo, conhecimentos, trocas de experiência, valorizam suas intervenções, articulam suas práticas com a de outros grupos, se percebem enquanto agentes das suas escolhas, ou seja, estamos falando de algo que passa muito longe de um impulso primitivo. Segundo Pires (2005: 102):

Esses indivíduos (modern primitives), que associam o conhecimento às sensações, respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais, se permitem sofrer qualquer tipo de manipulação corporal.

Percebi, através da pesquisa de campo, que os grupos envolvidos com a *body modification* fazem referência aos grupos ditos “primitivos ou tradicionais”³⁸. Porém, acredito que seja muito mais como uma forma de buscarem outras referências para suas práticas e de darem sentido e significado para suas vivências do que uma característica generalizada do comportamento humano. Utilizando esse termo “impulsos primitivos”, estaríamos afirmando que existem atitudes “poucos civilizadas” nos sujeitos e que, através das modificações corporais, estes podem exteriorizá-los.

Na introdução do livro *Body Modification* (2000), Mike Featherstone chama atenção para duas correntes analíticas sobre as modificações corporais contemporâneas. A primeira, foi levantada por Bryan Turner (1999), que defende que o “neotribalismo pós-moderno”, ou seja, a *body modification* estaria ligada a marcas que são “opcionais, decorativas, não permanentes e narcisistas”, além de serem superficiais e frias. Dessa forma, elas estariam totalmente de acordo com os valores individualistas, fluidos e mutáveis ligados às relações contemporâneas e pós-modernas.

Por outro lado, Paul Sweerman (1999) diz que a *body modification* é uma maneira de resistir à superficialidade das sociedades de consumo e do “carnaval de signos”, demonstrando um compromisso com determinadas identidades e símbolos. Ou seja, nesse caso, as modificações corporais seriam um projeto de construção corporal que vai na contramão da instabilidade identitária tão presente nos contextos pós-modernos de mudanças.

³⁸ Camilo Braz (2006), na sua pesquisa, também faz referência a essa relação.

Vítor Ferreira (2008) realizou sua pesquisa de doutorado com sujeitos portadores de marcações extensivas pelo corpo (*piercings* e tatuagens), na cidade de Lisboa, em Portugal. Ele trabalha com as ideias de *visibilidade* e *intensidade* associadas a essas práticas. Através do contato empírico com os entrevistados, ele percebeu que as marcações corporais seriam uma espécie de *estratégia escapatória*, marcando seu corpo, o indivíduo estaria protagonizando sua vivência no mundo através da sua pele.

Um outro dado relevante para o entendimento sobre a *body art* é a diferenciação que esse autor traz entre os sujeitos que possuem poucas marcas corporais e os que possuem marcações extensivas, sendo estes últimos relacionados a práticas ligadas ao chamado estilo de vida alternativo³⁹. Essas vivências alternativas, segundo Ferreira, estariam conectadas a toda uma rede de relações, não ficando pressas somente à construção corporal:

Essas técnicas (marcações extensivas pelo corpo) encontram-se frequentemente ancoradas a culturas de *dissidência*, ancoradas em espaços de sociabilidade juvenil vulgarmente designados como subculturas ou tribos urbanas [...] Isso no sentido de instalar e desenvolver modalidades experimentais alternativas às modalidades dominantes de aparência, de lazer, de residência, de vida em comum, de conjugalidade, de profissionalização até, exaltantes de valores hedonistas e individualistas, de ludicidade, autenticidade e de expressão e realização individual (FERREIRA, 2008: 159).

David LeBreton (2004) assinala os processos de individualização e busca por novos significados através da prática da *body modification*. Ele diz que as modificações corporais contemporâneas seriam uma forma de socialização entre os jovens, e que através dessas práticas há uma busca por elementos que representem uma experiência pessoal de distinção, uma procura por singularidade e ao mesmo tempo pertença. Num corpo que, para essas gerações (jovens), estaria inacabado e imperfeito, “cuja forma o indivíduo deve completar com seu próprio estilo” (LeBRETON, 2004: 91).

Percebemos essa ideia discutida por LeBreton, sobre imprimir seu próprio estilo no corpo, muito mais nos jovens dos segmentos médios urbanos do que em outros segmentos, essa busca pela valorização da aparência e da singularidade é bastante presente nos grupos de jovens. Observamos processos de homogeneização e

³⁹ Utilizarei as ideias relacionadas ao estilo de vida alternativo, segundo Luis Eduardo Soares (1994). Mais à frente, comentarei um pouco mais sobre esse segmento.

pertença, que seriam o outro lado das diferenciações. Porém, essa noção de grupo na contemporaneidade é algo bem relativo e fluido, pois os sujeitos não só mudam constantemente de grupos, como também os grupos recebem influências de outros segmentos. Sendo essa fluidez visível através da aparência “misturada” nos indivíduos, e de uma possível negação pelo sujeito ao pertencimento por um único grupo social. Mais uma vez, reforçamos a ideia de *múltiplos papéis* defendida por Gilberto Velho (1994), que nos faz refletir diante da seguinte perspectiva:

Os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc. [...] Podem a qualquer momento transitar de uma para o outro, em função de um código relevante para suas existências. [...] Os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear (VELHO, 1994: 26).

Essa ideia de ter seu “próprio estilo” é algo bem divulgado pela mídia, sendo também incorporada no discurso dos sujeitos. Valoriza-se quem segue um modelo próprio de se vestir, quem se diferencia dentre os demais pelo corte de cabelo, pelas roupas ou marcas corporais. O sujeito adquire um certo prestígio social quando se destaca nas relações com os outros, é a noção de individualização e de distinção pessoal, tão valorizada nos contextos urbanos contemporâneos.

Dessa forma, através da linguagem visual os sujeitos se afirmam enquanto pertencentes a determinados grupos, classe social, gênero, raça e ou geração. É possível identificar através de uma roupa que se veste, por exemplo, a qual segmento aquele indivíduo pertence. Porém, algumas vezes isso não é tão claro, já que depende de tanto outros aspectos, como: quem está olhando e qual a mensagem o sujeito quer transmitir naquele momento. De uma certa forma, usamos nosso corpo para falarmos quem somos nós e a que grupo pertencemos, aquele ditado popular que diz “as aparências enganam” nesse caso não funciona tão bem.

E em se tratando de pessoas que têm o corpo tatuado ou modificado, essa linguagem visual do “quem sou eu” fica bem mais clara e evidente, já que eles transformam e usam seus corpos de uma maneira, digamos que mais extrema. Pois alguns processos de modificações corporais além de dolorosos, são irreversíveis, ou seja, imprime-se na pele um “estilo de vida” que irá permanecer na mesma, teoricamente, pelo resto da vida.

Através das falas dos envolvidos com a pesquisa, observamos que há um caráter de construção corporal grupal, mas também há um processo de fortalecimento do “eu”, de uma busca por diferenciar-se socialmente buscando algo tão valorizado nos dias de hoje: o ter seu próprio estilo, como já foi dito anteriormente, e evidenciá-lo usando seu corpo.

O culto ao “eu” e ao individualismo é algo inegável nos contextos sociais contemporâneos, e o corpo entra como o símbolo principal desse fortalecimento pessoal, havendo, então, dois processos de construção corporal que se destacam socialmente: ou o sujeito se enquadra dentro de um padrão social corporal, e aí entram as plásticas e as mudanças ocasionadas pelas ginásticas e clínicas de estética, através da construção de um “corpo perfeito”, padronizado e legitimado socialmente, se obtém prestígio social e com isso o indivíduo se fortalece pessoalmente, havendo a valorização do “eu”, como pessoa; ou então, busca-se artifícios que rompam com esses modelos, e aí entram as desconstruções corporais consideradas subversivas, como as *body modifications*. Dessa forma, também há uma valorização por parte do grupo a que essas pessoas pertencem, e um prestígio social, mesmo não sendo tão reconhecido como da outra forma, proporcionando, então, o fortalecimento do “eu”.

Não quero afirmar que existe uma dicotomia que faz com os sujeitos optem ou por um modelo corporal estabelecido ou por um subversivo, citei esses dois exemplos porque envolvem mudanças corporais mais visíveis e que têm como objetivo a busca por um mesmo sentido, que é o de se diferenciar dentre os outros e com isso conquistar prestígio social e valorização pessoal. Isso tudo sendo conduzido pelo discurso que de que a pessoa vai se sentir melhor com seu corpo e consigo mesmo depois das mudanças. E que, num mesmo corpo pode haver intervenções tanto para o lado socialmente reconhecido como para o outro, um exemplo disso foi que afirmou uma das entrevistadas que tem no corpo algumas modificações. Ela disse que vai colocar silicone nos seios, ou seja, é um corpo dissidente (já que prevalecem as *body modifications*), mas que também quer se enquadrar socialmente no padrão de beleza feminino. Isso demonstra como as construções subjetivas são relativas e como são borradas as margens entre subversão e enquadramento social.

É importante pensar como se dá essa construção, porque ela só acontece devido ao reconhecimento por parte dos “outros”, as transformações corporais, e não só corporais como todas as outras que envolvem identidade, só fazem sentido dentro dos processos sociais e culturais. O sujeito precisa não só do reconhecimento do “outro”

para formular o seu “eu”, como também necessita do “outro” como parâmetro de comparação. Seja para ser um igual ou diferente. O jogo de espelhos no caso da construção corporal é imprescindível. Ou seja, é num contexto relacional que a ideia do corpo vai se construindo pessoal e socialmente.

Durante a entrevista, Herbert falou dos “benefícios” sociais em se ter intervenções corporais, nesse caso a tatuagem: “As (pessoas) que têm preconceito passam longe... ter tatuagem é ótimo nesse sentido, porque afasta as pessoas preconceituosas. Te aproxima de boas pessoas e te afasta de má pessoas... e contra assalto, isso aqui é massa. Os assaltantes te respeitam muito”.

Notamos nessa fala como o preconceito em relação à tatuagem é visto, para ele, como um ponto positivo, já que, pessoas preconceituosas ao verem as tatuagens se afastam. Outra questão é com relação aos ganhos que ele obteve depois de ser um tatuado, pois os assaltantes passaram a respeitá-lo, ou seja, houve um fortalecimento social dessa pessoa. E para finalizar, ele diz o seguinte: “Já as mulheres têm fetiche por homens tatuados”, havendo também uma maior aproximação do sexo oposto por conta das suas intervenções corporais. Nesse caso, também é importante pensar os *piercings* genitais e no mamilo (no caso das mulheres), que seriam um “atrativo” a mais, sexualmente falando, e que, segundo eles, as pessoas ficam curiosas querendo ver e com isso se aproximam. Ou seja, mais uma vez, houve uma valorização social que acarretou em “ganhos pessoais”.

É interessante também pensar no caráter relativo do preconceito e do estigma em relação à *body art*, se para algumas pessoas essas intervenções corporais são vistas com um enfoque negativo, no caso desse rapaz não, ele se utiliza desse artifício de outra forma. No discurso dos entrevistados isso é algo bem presente, ao invés de se falar sobre preconceito, eles preferem falar de algo que valorize suas marcas corporais, como: “eu tenho coragem de fazer o que muita gente queria fazer, mas não tem coragem” (Faby), privilegiando não só as marcas em si como sua atitude em fazer e enfrentar “os outros”.

Quando perguntei para essa mesma entrevistada porque achava que as pessoas olhavam para ela na rua, respondeu: “nem é tanto preconceito, é mais curiosidade”, ou seja, ela acaba incorporando a ideia de algo que não é tão estigmatizado e atribui isso também para o olhar das outras pessoas. Acredito que isso faça parte do processo de valorização das modificações corporais, como ela sabia que

estava falando para uma pesquisadora, seria mais interessante enaltecer ao invés de menosprezar essas práticas.

Enfim, voltando às definições sobre o que é *body modification*, o que percebi de acordo com a pesquisa de campo que realizei, é que existe uma noção de estilo de vida compartilhada entre os envolvidos com a prática das modificações corporais. A forma como os sujeitos se apropriam dessas técnicas e os significados que eles atribuem às modificações estão relacionados diretamente com as vivências e experiências que eles tiveram ou têm, mas que são, de uma certa forma, experimentados de maneiras bem semelhantes. Por exemplo: eles compartilham as ideias de liberdade e autonomia, a faixa etária é bem parecida, a relação com os familiares é levada em consideração, eles frequentam os mesmos espaços de sociabilidade, gostam dos mesmos estilos musicais, se preocupam com a aparência e o corpo, dentre outras características.

No entanto, de forma alguma estamos diante de um grupo homogêneo, as trajetórias são bem diferenciadas, tendo alguns significados bem específicos. Estabelecendo uma relação entre as características partilhadas por esses indivíduos, podemos compreender o estilo de vida relacionado com a prática da *body modification*, e o que leva esses sujeitos a modificarem seus corpos.

Para Bourdieu (1983: 83),

O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva.

Essa relação construção corporal e estilo de vida não se dá única e exclusivamente dentro do universo da *body modification*. Ela é uma característica dos sistemas sociais modernos, em que marca-se no corpo elementos ligados ao estilo de vida. Como afirma Giddens (1993: 42), “O corpo na modernidade torna-se um portador visível da autoidentidade, estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida”.

De acordo com meus informantes, o *piercing* e a tatuagem são as portas de entrada para esse estilo de vida relacionado com a *body modification*. Espera-se completar 18 anos para fazer sua primeira incisão no corpo e depois iniciam os outros processos, sendo que alguns nem esperam essa idade. Nem todos os sujeitos que fazem uma tatuagem ou colocam um *piercing* depois passam por essas outras intervenções

corporais. Acredito que essa inclinação a entrar no universo da BM tenha a ver com a subjetividade de cada indivíduo, subjetividade essa que foi construída social e culturalmente, recebendo influências do contexto em que está inserido.

Dentro do grupo que pesquisei, posso afirmar que, visualmente, apenas dois dos entrevistados possuem o que poderia ser classificado como uma aparência mais extrema, os outros possuem tatuagens, *piercing*, *surfaces*, escarificações, alargadores e fazem suspensão, só que o corpo deles não foi tão modificado quanto os outros. No decorrer do trabalho detalharei mais especificamente esses indivíduos e relacionarei sua construção corporal com outras práticas, e aí ficará mais claro essa distinção até dentro do mesmo grupo.

Mas o que deve ficar bem claro sobre a *body modification*, é que essas formas de intervenções corporais não são tão usuais como os *piercings* e as tatuagens. Não encontramos essas marcas em outros grupos sociais, elas são bem restritas e específicas a um determinado segmento. Por exemplo: observarmos que as tatuagens hoje em dia podem ser vistas nos corpos de vários sujeitos em contextos diferentes, não ficando associadas a alguns grupos (alternativos), como acontecia no auge dos movimentos de contracultura, em que as tatuagens marcavam os corpos dos sujeitos ligados à cultura *hippie* ou *punk*.

Tanto os sujeitos envolvidos com essas práticas quanto os outros, a veem como uma forma extrema de intervenção corporal. É como se fosse uma distinção da distinção, eles são os *outsiders* dos *outsiders*, porque existe o universo da *body art*, que envolve todas essas práticas, mas que dentro desse universo eles precisam se diferenciar ainda mais. É como se a tatuagem (que para alguns envolve um processo de diferenciação) não fosse o suficiente para se distinguir socialmente, eles precisam de outras formas de intervenção que seriam mais extremas e “diferentes”.

3. História e contexto da *body modification* no Brasil

Fala-se muito da origem da *body modification* relacionada a outros grupos considerados “tradicionais”, como por exemplo os índios, onde existe a noção de uma re-leitura ou apropriação sobre essas práticas. No entanto, as marcações ligadas a grupos urbanos ganharam força em meados dos anos 1990 com os movimentos cidadãos reivindicatórios, principalmente os *punks*. A estética das roupas pretas e

cabelos desestruturados começou a produzir um efeito, digamos que, um pouco mais visível nos circuitos alternativos das grandes cidades. E é nesse universo que os *piercings* tomam “corpo”, abrindo espaço também para as outras formas de modificações mais extremas. Na década de 1970 Fakir Musafar experimentou várias formas de intervenções corporais e ficou conhecido por alguns como o “pai das modificações corporais contemporâneas”. Ele foi um dos primeiros a usar o termo *moderns primitives*.

Porém, não vou aqui me alongar nessa discussão sobre a história da *body modification*, porque essas não são as referências utilizadas pelo grupo pesquisado por mim. Alguns nem conhecem Fakir Musafar e só um deles falou sobre a influência revisitada do movimento *punk*. As referências usadas pelos meus informantes estão intimamente relacionadas com a cena da *body modification* no Brasil. E mais do que isso, a história do grupo se mistura com a trajetória profissional de Alexandre, que foi “o cara” que importou as modificações corporais para a cidade de Natal. Ou seja, é muito mais interessante e representativo falar sobre esse caminho, digamos que mais nacional e regional, do que relatar uma origem que nada tem de significativo para meus informantes. Dessa forma, no terceiro capítulo da dissertação, onde descrevo a trajetória de cada um dos entrevistados, quando falo sobre Alexandre, estou também descrevendo um pouco da história da *body modification* no contexto desta pesquisa.

A história da *body modification* no Brasil é uma história bem personificada, porque está associada com a trajetória profissional dos pioneiros das modificações nas cidades em que eles trabalham. André Fernandes em São Paulo, Walnei Santos em Recife, Eduardo Bez em Brasília e Alexandre em Natal, dentre outros que não consegui mais informações. Todos eles possuem alguns elementos em comum, como por exemplo a idade, aproximadamente 30 anos (ou seja, não são tão jovens) e o percurso profissional, eles são *body piercers*, e passaram a aprender as técnicas da *body modification* como uma forma de crescimento profissional. É como se chegasse um determinado momento da suas carreiras que eles precisassem se especializar em outros segmentos. E as técnicas da *body modification* são, objetivamente falando, mais complexas do que os *piercings*. Através do aprendizado dessas técnicas, eles se tornam profissionais mais reconhecidos dentro do universo da *body art*.

Segundo Henrique, um dos informantes da pesquisa, as modificações corporais são o “ápice da carreira profissional de Alexandre”. Ainda de acordo com ele,

se o *body piercer* consegue realizar uma suspensão corporal, então é porque ele “se garante”⁴⁰ muito com as outras coisas”.

Alexandre afirmou que aprendeu algumas técnicas da *body modification* com André Fernandes, profissional que trabalha em São Paulo. Essas trocas de conhecimento são bem comuns nesse universo, tanto o da tatuagem quanto o das modificações corporais, em que um profissional mais experiente ensina o que sabe para um outro sujeito que está começando sua trajetória. Porém, essa reciprocidade envolve alguns critérios. De acordo com Alexandre, não é para qualquer pessoa que eles transmitem os códigos ligados à *body modification*, é só para “profissionais de verdade”. Caso contrário, qualquer pessoa sem nenhum comprometimento com a profissão passa a fazer determinadas intervenções, que podem dar errado⁴¹, dificultando assim a aceitação da *body modification* por setores mais amplos da sociedade.

Dessa forma, percebemos que existe toda uma rede social de trocas entre os modificadores, através dos encontros, viagens e contatos pela internet, vão se estabelecendo relações de intercâmbio sobre o universo da *body art*. E assim, as modificações vão sendo difundidas e re-apropriadas por outras pessoas, tendo sempre o profissional como o principal divulgador dessas práticas. Ou seja, os *body piercers* não só realizam as marcações nos corpos dos indivíduos, passam a fazer parte da história corporal do modificado, como também divulgam essas técnicas. A cena da *body modification* no Brasil, e em cada cidade, está totalmente relacionada com os profissionais que atuam nesse determinado contexto.

Outro fator que deve ser ressaltado sobre os modificadores é que eles possuem nos seus corpos algumas modificações. Primeiro, experimentam as intervenções em seus corpos, seja ele mesmo fazendo ou outro profissional, e depois aplicam em outras pessoas. Se por acaso, o profissional não possuir as marcações no corpo, ele fica sem prestígio com os outros trabalhadores da área. É como se seus corpos fossem os “comerciais ambulantes” das tatuagens, *piercings* e *body modification*. Essa também seria uma maneira de afirmar e valorizar ainda mais as suas profissões e as marcações corporais. Sem esquecer o caráter “aprendiz” disso tudo, já que um profissional pode “testar” seu conhecimento e habilidade no corpo de um outro conhecido.

⁴⁰ Essa é uma expressão muito usada pelos jovens natalenses, “se garantir” é ter domínio ou conhecimento sobre alguma coisa.

⁴¹ Caso o *piercing* inflame no local da aplicação ou então a pele sofra um rompimento no momento da suspensão, isso seria “dar errado”.

Voltando à história da *body modification* no Brasil, é interessante pensarmos o papel dos meios de comunicação nessa construção. É inegável que a internet ajudou e muito para difundir essas práticas e facilitar o contato entre os modificados. No entanto, em relação aos canais televisivos abertos, a *body modification* é mostrada com um caráter, digamos que, mais estigmatizado. Existem dois acontecimentos que são marcantes dentro dessa divulgação: o primeiro foi uma sessão de suspensão realizada ao vivo num programa de televisão considerado sensacionalista, no ano de 2007⁴². A suspensão seria pelos joelhos, e na hora de “subir”, a pele da modificada rasgou. Foi uma situação bem complicada porque era tudo ao vivo, mas pelo encaminhamento dado pelo apresentador, parecia que era aquele desfecho que ele esperava para aumentar sua audiência.

Depois desse episódio, alguns modificados e modificadores escreveram na internet mensagens se retratando com a população, dizendo que aquele não era um profissional habilitado para tal intervenção e que a partir de então eles procurariam não se expor dessa maneira nos meios de comunicação. Esse caso foi relatado por Alexandre, e ele disse que houve uma grande repercussão entre as pessoas que gostam e que praticam a *body modification* no Brasil.

O outro caso que ficou bem conhecido não só entre os modificados, mas também por outros setores, já que foi bastante divulgado pela mídia, foi o suicídio de Felipe Klein, no ano de 2004. Na época, ele era considerado “um dos caras mais modificados no Brasil”. Segundo Alexandre, em um ano o rapaz transformou todo o seu corpo. Vamos ao caso: Felipe tinha 20 anos, classe média alta e filho do político Odacir Klein, que foi Ministro dos transportes do Governo de FHC⁴³ e deputado por alguns mandatos. Em uma discussão com seu pai, Felipe se jogou da varanda do seu apartamento, morrendo em seguida. Em uma reportagem que ganhou o Prêmio Esso de jornalismo 2004, o jornalista Renan Antunes de Oliveira, descreve não só o suicídio como também faz um resumo da vida de Felipe. Por meio de uma narrativa extremamente tendenciosa, mas que deve agradar à crítica e ao público, já que ganhou esse prêmio. Ele inicia a matéria com a seguinte sequência:

Ele tinha tudo para ser feliz. Juventude, saúde, talento, dinheiro, o amor de belas garotas. Mas Felipe construiu para si um mundo dark e animal. Tatuou demônios no peito - e foi vencido por eles.

⁴² Programa Repórter Record, exibido no dia 08 de outubro de 2007, na Rede Record de televisão.

⁴³ Fernando Henrique Cardoso.

Na noite do sábado 17 de abril, um corpo de aparência incomum foi levado pela polícia ao necrotério da Avenida Ipiranga. Tinha duas protuberâncias esquisitas na testa. O médico-legista abriu o couro cabeludo, abaixou a pele até o nariz e se deparou com algo muito raro: dois chifres implantados na carne, feitos de teflon. Cada um era quase do tamanho de uma barra de chocolate Prestígio.

O cadáver estava todinho tatuado. Trazia argolas de metal nos genitais, mamilos, lábios, nariz e nas orelhas - e estas tinham orifícios da largura de um dedo.

De entre os chifres saíam três pinos metálicos pontiagudos.

A língua fora alterada: cortada ao meio e já cicatrizada, parecia a de um lagarto.

Durante toda essa reportagem, e também em outras que foram veiculadas na época, há uma livre associação entre a *body modification* e os desvios de comportamentos considerados patológicos ou depressivos. Por outro lado, Felipe era muito bem reconhecido no universo da *body modification* no Brasil. Alexandre me disse que até ele já cortou o cabelo igual ao de Felipe para imitá-lo, e que ele lançava moda entre os modificados, além de ser convidado para diversas Convenções de Tatuagens, para ser jurado das competições. Sobre a sua morte, houve um fato bem peculiar, já que ele correu pela sala, pegou impulso e então pulou, seu corpo foi encontrando a 11 metros do edifício. Sobre esse dado, Alexandre disse: “Ele sentiu prazer, antes de morrer”. Ou seja, a morte de Felipe, para o modificador, é revestida por uma aura que mistura prazer com morte, e esse jogo simbólico é bem presente na prática da *body modification*, principalmente a suspensão corporal. Isso, não só pelo fato de envolver dor e sangue, mas também pelos nomes usados em algumas posições “coma, *resurrection*⁴⁴ ou *suicide*⁴⁵”. De acordo com LeBreton (2007), essa proximidade entre algumas práticas com a morte seria uma forma de:

experimentar, à custa do próprio corpo, a capacidade íntima de olhar a morte de frente sem fraquejar. [...] Somente a morte solicitada simbolicamente, como se fosse um oráculo, pode expressar a legitimidade em existir. Ela é uma instância geradora de sentido e de valor quando a ordem social se esquiva desse papel (LEBRETON, 2007: 89).

⁴⁴ Ressurreição.

⁴⁵ Suicídio.

O programa “Tabu na América Latina”, exibido no canal televisivo National Geographic⁴⁶, mostrou em um dos seus episódios algumas práticas relacionadas à *body modification* e seus simpatizantes. O que mais me chamou atenção foi a trajetória corporal e pessoal do modificado chamado Caim, conhecido como o “Capeta Colombiano”. Segundo ele, suas transformações são para ficar parecido com aquilo que ele considera ser o “bicho do mau”. Ele possui chifres na testa e tem a parte inferior do nariz cortada, dentre várias outras modificações.

Na chamada do programa, ele falava a seguinte frase: “quando me olho no espelho não fico feliz com o que vejo (pausa) porque ainda falta muito para me transformar no que quero”. Através dessa frase podemos perceber, primeiro, um ar de polêmica criado pela edição e pelo próprio Caim, já que esperava-se que ele falasse que não está feliz com o seu corpo porque se arrependeu das intervenções que realizou. Notamos, também, a ideia de uma construção corporal contínua, é como se existisse uma vontade de modificar ainda mais o corpo em busca de uma imagem idealizada ou procurada.

Por meio da imagem mostrada por esse documentário observamos a criação em torno de um “monstro” contemporâneo. Aquele que produz uma certa distância nas pessoas, provocando, em algumas situações, repulsa, medo ou até nojo. Mas essas estruturas corporais também seriam uma forma de confrontar os valores sociais corporais, demonstrando que esses sujeitos não só não se enquadram nos padrões de estética, como também reivindicam novas construções sociais acerca dos valores corporais.

Caim é um dos representantes da *body modification* que se mantêm financeiramente com suas performances corporais. Ele participa de feiras, convenções de tatuagens, e outros eventos, sempre mostrando o lado mais extremo das modificações. É uma forma espetacular da prática da *body modification*, despertando a curiosidade, mas também a repugnância. Algo parecido acontecia na Europa em meados do século XIX, onde os tatuados eram vistos como atrações de circo. O intuito era mostrar um desempenho que valorizasse o “exótico” e o “diferente”, bem semelhante às intervenções de alguns modificados nos dias de hoje.

Porém, as modificações corporais não são mostradas e exibidas apenas com um teor exótico ou estigmatizante. Existe, atualmente, uma incorporação por parte

⁴⁶ Esse programa foi exibido no dia 23 de maio de 2010.

dessas técnicas e dos seus praticantes, por setores ligados à música ou à moda, por exemplo. Temos o exemplo do clipe musical (e performático) *Born This Way* (2011), da cantora Lady Gaga, onde ela aparece com imitações dos implantes subcutâneos no rosto, fazendo com que suas expressões faciais ficassem modificadas. Os implantes não eram definitivos, ela usava não só no clipe, mas também nos shows, entrevistas e em algumas aparições públicas. Esse uso causou um certo impacto nas mídias sociais, e alguns programas televisivos aqui do Brasil fizeram matérias para discutir o tema da *body modification* tomando esse exemplo da Lady Gaga como ponto central.

Na São Paulo Fashion Week, evento de moda que provoca não só uma grande concentração de pessoas e atenção, como também uma movimentação por parte dos meios de comunicação, uma marca de roupas bem conhecida trouxe o *Zombie Boy* para seu desfile. Ele tem 25 anos, é modelo, tem o corpo todo tatuado, inclusive o rosto e a cabeça, com imagens de ossos que fazem lembrar uma caveira. Ele também fez parte do clipe da cantora performática Lady Gaga, ficando assim ainda mais conhecido. A questão é que mesmo sua imagem sendo associada a algo “desconcertante” (palavras de um jornalista que o entrevistou) ou mesmo “bizarro”, por conta das tatuagens, o fato de está inserido no universo da moda lhe confere certo prestígio social, que lhe distancia do lado negativo muitas vezes relacionado com as modificações mais extremas.

Nesses dois setores, o da moda e da música, valoriza-se muito a ideia de ter seu próprio estilo, relacionada um pouco com o lado do consumo. Noções estas que estão intimamente ligadas aos valores individualistas contemporâneos. Portanto, não é à toa que a tatuagem e a *body modification* dialogam tão bem dentro desses dois universos.

Enfim, almejei mostrar aqui um pouco de como as modificações corporais são divulgadas, sobretudo pelos meios de comunicação. Porque essas mídias ajudam e muito a construir todo um imaginário social em relação à prática da *body modification*, tanto negativo, quando se mostra de forma bizarra ou estereotipada, quanto positivo, a partir do momento que relaciona com outros setores considerados de “prestígio social”, contribuindo assim, para visões e opiniões polêmicas sobre esse assunto.

4. *Body modification*: novas imagens, novos olhares

Nessa parte do texto discuto o uso das imagens como instrumento metodológico para analisar a prática da *body modification*, quero primeiro evidenciar que foram as dinâmicas em campo que fizeram com que eu me aproximasse dessa parte mais fotográfica da pesquisa. São dois os fatores “responsáveis” por essa aproximação: 1) durante o início do campo não pude presenciar nenhum ritual de modificação corporal realizado no estúdio, então as fotos entraram como fenômeno visual para suprir esse “vazio”. 2) Percebi que o grupo da pesquisa valoriza muito suas fotografias de modificações corporais e não poderia desconsiderar esse fato, passando a utilizá-lo assim como dado de campo.

Além disso, o uso das imagens (fotos e vídeos) é algo que faz parte das vivências e experiências dos grupos de jovens dos segmentos médios urbanos, estando associados a determinadas facilidades do mundo tecnológico, como o uso das câmeras fotográficas digitais e dos celulares com inúmeras funções, relacionados também a internet e suas redes sociais. Portanto, fazer pesquisa com esses grupos é também considerar as imagens como material etnográfico.

Meu primeiro olhar sobre o universo da *body art* foi o de gênero, mais relacionado com as diferenças entre as tatuagens ditas femininas e masculinas. Era notável a forma como se constrói as representações de gênero nesse contexto, pois existem diferenças significativas entre o que os homens e as mulheres escolhem como marca corporal. E as fotos, nesse momento foram importantíssimas porque me permitiram visualizar um número bem maior de tatuagens, femininas e masculinas.

Continuando com minha trajetória no campo, fui conhecer alguns estúdios de tatuagem e *body piercing* na cidade de Natal, como descrevi no início deste texto. Em um deles, conheci um rapaz com aproximadamente 25 anos que começou a descrever uma sessão de suspensão corporal que havia realizado há pouco tempo. Ele não sabia que eu era pesquisadora e que estava ali coletando dados para minha pesquisa. Não me identifiquei porque estávamos todos na sala de espera do estúdio de tatuagem, conversando sobre vários assuntos, e como sou tatuada poderia me passar por um dos clientes. Ele, então, começou a falar da “brincadeira”, segundo suas palavras, que fizeram: ele colocou um gancho na pele das costas e o outro rapaz também fez a mesma

coisa, e eles começaram a brincar de cabo de guerra⁴⁷, em que um puxava o outro na direção contrária.

O que mais me tocou foi a forma como ele descrevia tudo aquilo; era como se ele estivesse achando bom e interessante ver a nossa⁴⁸ reação, que nesse momento, era de surpresa e agonia diante da possível dor que ele sentiu. Foi então que resolvi falar que era pesquisadora e que minha investigação era sobre tatuagem. Ele me falou sobre as intervenções que tinha pelo corpo (tatuagem, *surfaces*, escarificação e algumas suspensões corporais) e como começou a fazê-las. Por alguns motivos me senti “afetada⁴⁹” por essa descrição: 1) eu não achava que existia esse tipo de prática em Natal. 2) no momento da descrição, senti algo doloroso no meu corpo, como um mal-estar, um dor empática. 3) fiquei “curiosa” em saber mais sobre o assunto e sobre as pessoas que estão envolvidas com essas práticas corporais.

Quando cheguei em casa fui procurar, na internet, mais informações internet sobre a *body modification*. Cada foto e vídeo que eu encontrava me *afetavam* profundamente, mas à medida que ia avançando nas fotos, a dor e o mal-estar sentidos no meu corpo iam sendo amenizados. Não precisei fazer nenhuma modificação corporal para me sentir *afetada* por esse grupo e por suas intervenções corporais. Olhar as fotos e vídeos na internet, e escutar a descrição feita pelo rapaz, já me aproximava daquela possível dor experimentada por eles. Porém, hoje (no momento que estou escrevendo esta parte do texto) olho uma foto sobre modificação corporal e já não sinto tanto a sensação estranha que sentia no início da pesquisa. É como que se aquela expressão antropológica do “olhar, olhar e olhar até se familiarizar” tivesse funcionado muito bem, principalmente com o auxílio das imagens.

Dessa forma, tomando essa experiência como exemplo e dialogando com as noções levantadas por Milton Guran (1997) sobre a fotografia “para contar” e a “para descobrir” auxiliando nas observações em campo, a utilização das fotos por mim, nesse momento da pesquisa, seria então “para descobrir”, pois através delas pude ter um maior contato com o tema da investigação e assim comecei a levantar algumas reflexões sobre o campo, observando, de antemão, algumas técnicas relacionadas à *body*

⁴⁷ Brincadeira infantil em que os integrantes seguram uma corda, cada um em uma extremidade. Eles então puxam a corda cada um para o seu lado, tencionando a mesma. Ganha quem puxar o maior número de corda ou conseguir que o seu adversário ultrapasse a linha que divide os dois lados.

⁴⁸ Nesse momento, havia também um casal de clientes do estúdio.

⁴⁹ Embora utilize a mesma expressão usada por Jeanne Fravet Saada (2005), não fui “afetada” pelo grupo de pesquisa assim como ela defende que o antropólogo deve ser afetado, ou seja, experimentando e provando a prática que está sendo analisada.

modification que até então eu não conhecia. Segundo Guran (1997: 154), a fotografia “para descobrir”:

corresponde àquele momento da observação participante em que o pesquisador se familiariza com o seu objeto de estudo, e formula as primeiras questões práticas com relação à pesquisa de campo propriamente dita. É o momento de impregnação, em que o pesquisador vivencia o cotidiano de uma comunidade e começa a “perceber alguma coisa”, sem, entretanto saber exatamente do que se trata. Algumas coisas percebidas ficam a nível das sensações, não chegando a se transformar em dados, mas serve para balizar o trabalho de campo.

Assim, percebi que em campo precisava contar com dois recortes: tanto com as imagens, quanto com a aproximação com os sujeitos modificados. Um outro motivo que me fez utilizar as fotos como instrumento metodológico foi que as imagens, para o grupo pesquisado, fazem parte do processo das modificações corporais. Segundo um dos informantes, e principalmente no caso das suspensões corporais, “tem que ter foto pra registrar o momento, sem foto não tem graça”. É como se o registro visual fizesse parte de todo o processo. No caso das sessões de suspensão corporal, eles escolhem o ambiente onde será realizada a intervenção pensando nas fotos que irão fazer, e o tempo que alguns demoram na subida depende também da qualidade das fotos que já foram feitas. Uma das informantes disse que em uma das suspensões que realizou, a mais dolorosa de todas, ela subiu, tirou foto e já desceu, ou seja, a foto entrou como uma das etapas da suspensão.

Essas imagens ganham um novo significado quando divulgadas pela internet. Nesse momento podemos perceber a construção identitária através do olhar dos outros, porque no momento que eles fazem a suspensão, apenas poucas pessoas participam. Geralmente, são os sujeitos que vão “subir”, os profissionais que irão fazer a suspensão e alguns, pouquíssimos, amigos e namorados. Portanto, a foto colocada na internet através das suas redes sociais, entra como um instrumento para aumentar o número de olhares. Ou seja, o que antes se restringia a uma prática quase que privada, já que poucas pessoas puderam ver e participar, passa, então, a se configurar como algo quase público, onde várias pessoas poderão ter acesso visual à intervenção.

É interessante pensar como o grupo se utiliza de instrumentos para coletivizar a prática da *body modification*. Em se tratando de tatuagens, implantes, escarificações, as outras pessoas podem visualizá-las mais facilmente no corpo do

modificado, ou seja, há um compartilhamento desses símbolos no contato face a face. Porém, no caso da suspensão isso não acontece tão diretamente, já que se trata de um ritual momentâneo e que produz pequenas cicatrizes. A foto e a internet entrariam como auxiliares na socialização e divulgação desses processos de construção corporal.

Como já foi dito anteriormente, a internet e as redes sociais são fundamentais nos processos que envolvem as modificações corporais. Isso porque, foi através da internet que essas intervenções foram sendo divulgadas mundo afora. E é também através dela que os modificados trocam informações, materiais, se conhecem e publicam suas fotos. Dessa forma, a identidade desses sujeitos vai sendo construída também levando em consideração as relações que se estabelecem nessas redes, e elas acabam servindo como um instrumento de identificação e afirmação das modificações corporais.

Eles, os modificados, se utilizam dos blogs⁵⁰, orkut⁵¹ e facebook⁵² para interagir tanto com seus “iguais” quanto com os “outros”. Nesses espaços virtuais, eles mostram suas intervenções corporais, principalmente as suspensões, já que poucas pessoas têm acesso para ver ao vivo, e de uma certa forma, esperam um *feedback*, seja ele negativo ou positivo. Quando perguntei a um dos entrevistados o porquê dele colocar as fotos de todas as suas suspensões numa rede social virtual, ele respondeu: “é pra ver a reação das pessoas”.

Dentro dessas redes sociais, existe uma em que eles interagem apenas com seus “iguais”, o *bmezine (body modification e-zine)*⁵³. Nesse espaço, somente pessoas que possuem modificações corporais podem ter uma página e acessar os conteúdos⁵⁴, é um site mundial que possui vários tipos de intervenções corporais, que

⁵⁰ É um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. Acesso em: jun. 2011).

⁵¹ É uma rede social que tem por objetivo ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acesso em: jun. 2011). Cada indivíduo tem uma página falando quem ele é, contendo algumas fotos, e as pessoas interagem através dos seus grupos de amigos e das comunidades que fazem parte.

⁵² Usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em: jun. 2011).

⁵³ É a contração de *electronic e fanzine*, ou seja, um “fanzine eletrônico”. Trata-se de uma publicação periódica, distribuída por e-mail ou postada num site, e que foca uma área específica (como informática, literatura, música experimental etc.) (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/E-zine>. Acesso em: jun. 2011).

⁵⁴ Para ter acesso a uma página, o sujeito deve mandar uma foto sua com alguma modificação corporal e uma carta falando sobre o interesse em participar desse espaço. Caso ele use a página de forma desrespeitosa com os outros integrantes, ele é excluído do site.

vão desde as tatuagens até a bifurcação de pênis ou amputação de membros do corpo. É nesse espaço virtual também que eles se afirmam e valorizam suas intervenções, pois as outras pessoas, que entendem dessas práticas, comentam a coragem e ousadia do sujeito modificado, lhe conferindo assim prestígio entre eles. Conversando com o profissional que realiza as modificações em Natal, ele disse que uma foto sua de uma suspensão corporal ficou uma semana na página principal do *bmezine*. Ele falou isso com um ar de orgulho e ainda disse: “é o reconhecimento do trabalho do cara⁵⁵”.

* * *

Durante a pesquisa de campo, me vi diante de um impasse: as modificações corporais consideradas mais extremas não eram realizadas com tanta frequência nos estúdios, assim como as tatuagens. E a suspensão corporal só acontece, segundo eles, quando uma pessoa incentiva a realização da mesma. O grupo de Natal precisava de alguém que motivasse e organizasse o “evento”, pois nenhum deles estava com vontade de executar tal função. O profissional, então, me sugeriu esse papel, por uma série de fatores eu não quis me colocar nessa situação, porém, sabia que essa experiência seria extremamente rica para mim e para minha pesquisa.

Foi diante desse impasse, e relacionando com o grande valor dado pelos sujeitos da pesquisa às suas imagens, que percebi a necessidade de utilizar as fotos como instrumento metodológico. Mas para utilizá-las, teria que levar em consideração alguns aspectos: as fotos foram feitas pelo próprio grupo, então a forma como elas são apresentadas e mostradas transmitem, direta ou indiretamente, algo sobre eles. E depois, teria que trabalhar com a ideia de representação e porque não dizer re-significado, já que os sujeitos da pesquisa iriam interpretar junto comigo o que aquelas fotos representam para eles e como elas são vistas pelos “outros”.

As imagens foram escolhidas pelos próprios informantes, ou seja, estava diante do que o grupo queria me falar sobre suas vivências, experiências, e sobre o que é *body modification* para eles. As fotos representavam, então, a ideia e a imagem de como eles querem ser vistos. Segundo Guran (1997: 153):

quando ela [a foto] foi produzida ou assumida pela comunidade estudada, encontra-se forçosamente impregnada pela representação

⁵⁵ “O cara” expressão usada para falar sobre um sujeito com conotação positiva e destaque social.

que a comunidade ou seus membros fazem de si próprios e por consequência expressa de alguma maneira a identidade social do grupo em questão.

A metodologia utilizada caracterizou-se da seguinte maneira: em frente ao computador e às fotografias, pedi para que eles falassem algo sobre aquela imagem. Me inspirei um pouco no filme etnográfico *Eu, um negro* (Jean Rouch, 1959), em que o antropólogo solicitou aos jovens africanos, que foram anteriormente filmados, que criassem suas próprias narrativas das cenas.

Essa dinâmica foi realizada de uma maneira quase “informal”, porque o acesso a computadores num estúdio de tatuagem, que foi onde realizei essa parte da pesquisa, é algo bem comum e recorrente. Então, diante das fotografias, eles iam me falando sobre as modificações e algumas impressões sobre os sujeitos da foto. Devo ressaltar que antes de realizar essa atividade em campo, eles me mostraram vários materiais que estão na internet, como vídeos e perfis em redes sociais de pessoas com modificações. Sendo assim, a internet, o computador e as imagens já faziam parte do meu contato com eles.

Outro ponto que deve ficar bem claro: fiz essa dinâmica com os dois profissionais que fazem as modificações corporais, mas que também possuem várias marcas no corpo. Ou seja, a visão deles sobre *body modification* é bem relacionada com o lado profissional das modificações e há toda uma tentativa de legitimar essas práticas, já que eles se mantêm financeiramente com essas intervenções, principalmente as tatuagens.

Num primeiro momento, acreditava que deveria usar alguns artifícios fotográficos e transformar as imagens que utilizo nesta dissertação para que não mostrassem o rosto dos modificados, em algumas até me utilizo desses artifícios. Porém, na maioria não. Isso por alguns motivos: o primeiro, eles não só me forneceram essas fotos como me autorizaram a fazer uso das mesmas no meu trabalho. Segundo, eles mostram essas fotos em todos os ambientes virtuais que fazem parte, ou seja, não é uma prática “escondida” e algumas modificações estão em seus corpos de forma visível.

Terceiro, li em um dos blogs sobre modificações corporais que eles não gostam quando, nas entrevistas, não falam a sua verdadeira identidade e colocam “quadrinhos”⁵⁶ nos seus rostos, “marginalizando” de uma certa forma essas práticas e

⁵⁶ Técnica usada para desfocar a imagem de forma que não podemos identificar o rosto da pessoa.

seus praticantes. E por último, me utilizando desses instrumentos eu não estaria contribuindo para exotizar ainda mais essas práticas e esses sujeitos? Essas também são as mesmas justificativas que me levaram a utilizar o nome próprio dos entrevistados, sem substituí-lo por identidades fictícias.

5. “As imagens não falam por si só”

Acredito que seja importante trazer a descrição do diálogo realizado com os sujeitos da pesquisa usando as fotografias. Porque foi através dele que pude perceber alguns aspectos e representações que não só serviram para conduzir o restante do trabalho de campo, como me ajudaram a reconhecer certos significados atribuídos a *body modification*.

Apresento então, as fotos juntamente com os comentários feitos pelos profissionais que realizam as modificações em Natal/RN. E à medida que descrevo as falas, também faço algumas análises sobre o grupo e a prática da *body modification*:

“É bacana como foge da estética... o peito é pra tá liso!” (Rayssa⁵⁷, junho de 2010)



FIGURA 04 – Implante subcutâneo. Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

⁵⁷ Uma das informantes desta pesquisa, mais à frente, falarei um pouco mais sobre ela.

Observando a foto, além da modificação em si chamar atenção, também percebemos o uso da máscara cirúrgica pelo rapaz. Eles possuem essa preocupação com a questão da higiene e assepsia, não só como uma forma de se proteger contra as infecções que podem vir a ocorrer, já que é um processo que envolve uma incisão na pele, mas também como uma forma de se perceberem enquanto profissionais e mostrarem que as modificações corporais são feitas com cuidado e respeitando todas as regras da “boa limpeza”. O sujo e impuro que, às vezes, são associados a essas práticas, dá lugar a algo limpo e “dentro das normas”, reforçando a ideia de um enquadramento social dentro de um universo considerado “subversivo”.

Já na fala de Rayssa, observamos o caráter de uma estética diferenciada atribuída às modificações. Para eles, existe uma forma corporal (que é o peito liso), em que eles transformam para deixar de outra maneira. Os modificados consideram a *body modification* uma prática diferente dos padrões corporais estabelecidos socialmente, porém, para eles há uma noção de estética grupal, eles acreditam que seus corpos e suas imagens ficam mais interessantes com certas marcações. Se para algumas pessoas as modificações corporais são feias e antiestéticas, para os modificados não. Eles não realizam as intervenções com o intuito de estragar sua imagem, mas sim, para produzir um novo visual dentro de determinados padrões que são associados à *body modification*. Dessa forma, percebemos que eles possuem uma norma corporal e estética própria.

Por meio da sua pesquisa de campo, Vitor Ferreira (2008) constatou que havia por parte dos seus entrevistados, outra forma de ser perceber o corpo, que não era aquela conhecida e difundida por amplos setores da sociedade:

Onde tradicionalmente tem sido encontrado patologia e desvio – considerando a gramática de leitura e recepção historicamente institucionalizada sobre o corpo marcado – o trabalho empírico realizado sobre a gramática de produções dos cultores mais radicais da marcação do corpo, descobriu uma experiência, simultaneamente *estética e sensitiva* (FERREIRA, 2008: 234).

“Tem gente que a gente nem queria fazer porque a pessoa é muito doida. Essa menina mesmo tava dizendo que vivia rolando na areia [...] Aí eles não cuidam direito. Assim não dá certo e suja o nome da gente” (Rayssa).



FIGURA 05 – Surface. Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

Segundo o depoimento da profissional, ao ver essa foto, percebemos que para se ter um *piercing*, é necessário que haja um cuidado com a manipulação do mesmo após sua aplicação, para facilitar a cicatrização. É como um “cuidar de si”, uma preocupação com o seu corpo, já que o mesmo possui um elemento estranho⁵⁸ (o *piercing*). Os modificadores imprimem e transmitem algumas regras de higiene e cuidado que passam a ser associadas, assimiladas e re-apropriadas pelos sujeitos que possuem a modificação. Sobre essas técnicas corporais que fazem parte do contexto da *body art*, Camilo Braz afirma:

Poderíamos talvez pensar que as práticas ganham contornos de técnicas corporais apreendidas e repetidas tanto por aqueles que as realizam nos outros, quanto por aqueles que têm o seu corpo modificado. Os corpos, aqui, mesmo que não os pensemos enquanto socialmente inscritos, em termos abrangentes, estão sujeitos a regras e técnicas criadas dentro do próprio campo (BRAZ, 2006: 54).

⁵⁸ Estranho até então, mas que passa a se tornar familiar no momento da aplicação em diante.

Se o sujeito não cumprir com esse cuidado e o *piercing* inflamar no local da intervenção, o nome dos profissionais pode ficar “sujo” no mercado. Como se os materiais usados na hora da colocação não fossem adequados e o modificador não estivesse qualificado para tal intervenção. Segundo Mary Douglas, a ideia da sujeira faz referências a algo desorganizado: “a impureza é essencialmente desordem [...] A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio’ (DOUGLAS, 1976: 6).

Ao que parece, não é essa imagem relacionada com a sujeira e “fora da ordem” que os profissionais envolvidos com a *body modification* querem transmitir sobre suas práticas e intervenções corporais. Isso porque, eles se mantêm financeiramente com essas marcações corporais, uma vez com o nome “sujo” no mercado, perde-se o prestígio e o reconhecimento social, o que, conseqüentemente poderá ocasionar uma queda na procura dos clientes pelos seus serviços.

“Os índios utilizavam isso pra saber quem eram os mais guerreiros” (Rayssa)



FIGURA 06 – Suspensão corporal. Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

Através dessa foto podemos perceber alguns elementos, um deles é que essa sessão de suspensão foi realizada, como eles falam, “com contato com a natureza”. O grupo de Natal escolhe os locais em que vão “subir” levando em consideração esse contato. Isso porque, segundo eles, os grupos de outras cidades, principalmente de São Paulo, geralmente fazem as suspensões em locais “fechados”, e eles aqui podem ter esse contato maior com a natureza. Outro aspecto que chama a atenção é o caráter performático da suspensão, a começar pelo adesivo que está cobrindo os seios dela, em formato de cruz, que é um dos símbolos do movimento que alguns deles fazem parte: o *straight edge*⁵⁹. E o pé dela, que segundo a mesma, é o “pezinho de bailarina para dá um charme a suspensão”.

Também através dessa foto, pude constatar o lado performático das suspensões corporais e com isso aprofundar o “meu olhar” sobre esse aspecto das modificações corporais (a performance). Ou seja, a fotografia me permitiu ter acesso a algo que dificilmente eu teria sem o auxílio da imagem, sendo essa uma das contribuições das fotos para a Antropologia, assim como defende Guran (1997: 157):

Ela [a fotografia] obriga a uma percepção do mundo diferente daquela exigida pelos outros métodos de pesquisa, dando assim acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios. Estas informações – definidas por Maresca (1996: 113) como “*as trocas que passam pelo silêncio, pelos olhares, expressões faciais, mímicas, gestos, distância, etc*” - podem ser úteis mesmo quando não nos é possível enquadrá-las no contexto lógico do discurso científico [...] A fotografia é considerada por Piette (1996: 149) como “*o meio ideal para se descobrir esses detalhes e estimular um novo olhar sobre a vida social*” [grifos do autor]

A relação estabelecida por eles entre essa técnica (suspensão conhecida como O-Kee-Pa⁶⁰) e a prática dos índios, nos faz pensar, mais uma vez, sobre uma busca pela legitimação das modificações corporais contemporâneas, relacionando-as, assim, com outros grupos e referenciais. Parece que a intenção é mostrar que não foram eles quem inventaram a suspensão, que isso não é “coisa só de doidão”, que outras

⁵⁹ É um modo de vida associado à música *punk/hardcore*. Ele defende a total abstinência em relação ao tabaco, álcool e as chamadas drogas ilícitas. Mais a frente, comentarei mais sobre esse movimento.

⁶⁰ Comunidade indígena que possui um ritual que há uma suspensão corporal. Segundo um dos informantes, no caso dos índios eles “ficavam pendurados até a pele se romper”.

peças, ligadas a outras referências ditas “tradicionais”, como é o caso dos índios, também possuem essas práticas. Essa seria também uma forma de “romantizar” essas intervenções corporais, realizando tal comparação pode-se amenizar o processo de estranhamento pelos outros.

“Essa menina aí esperou completar 18 anos pra fazer a primeira suspensão” (Rayssa)

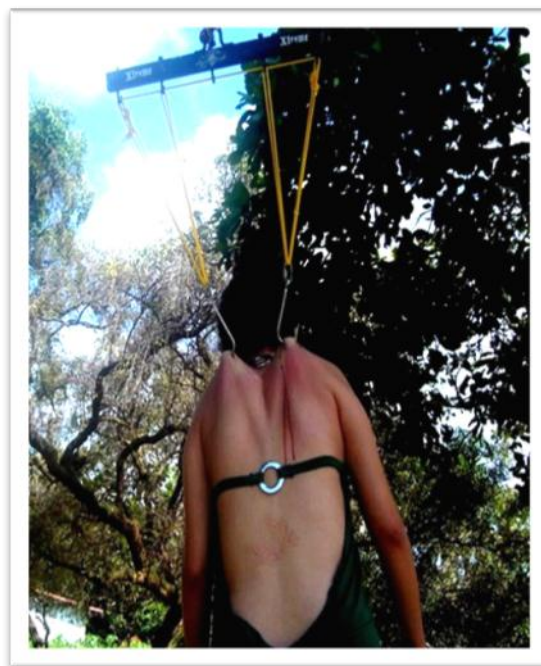


FIGURA 07 – Suspensão corporal. Fonte: acervo dos profissionais da *Xtreme tattoo e piercing*.

Nesse caso, há uma noção de ritual de passagem, já que a “menina” esperou completar 18 anos pra fazer a primeira suspensão. Não pela idade cronológica em si, mas no contexto em que vivemos, completar 18 anos implica uma ideia de autonomia e liberdade maior, associada também com fatores de responsabilidade, como ingressar na Universidade ou conseguir o primeiro emprego. Portanto, nessa passagem de faixa etária há uma mudança de status social, que para essa garota está relacionado à primeira suspensão corporal. Caso parecido também acontece com a prática da tatuagem.

O que se pode perceber através dessa aproximação com os sujeitos da pesquisa, por meio das fotografias, é que as imagens produzem um certo choque para

quem as vê. Porém, com esse contato que tive no campo, notei que existe, por parte dos modificados, uma estratégia por mostrar um lado mais *estabelecido* (ELIAS, 2000) socialmente, utilizando uma expressão nativa, digamos que mais “careta”⁶¹. Observamos isso através da constante preocupação com o lado profissional, com o ambiente limpo e ligado à natureza, a associação com a prática dos índios, a não relação com setores marginalizados da sociedade. Enfim, vemos então uma ambivalência na prática desse grupo, pois ao mesmo tempo que eles possuem um estilo de vida considerado mais subversivo e dissidente, em que os mesmos se afirmam enquanto “diferentes”, há também uma procura por mostrar um lado mais enquadrado socialmente.

E isso se deve ao fato não só de uma busca por um reconhecimento social, como também porque essa ambivalência faz parte das dinâmicas sociais contemporâneas, em que as margens sociais identitárias estão cada vez mais borradas. Ou seja, dentro de um estilo de vida considerado subversivo, encontramos práticas estabelecidas socialmente, demonstrando que as construções subjetivas são elaboradas levando em consideração vários contatos sociais e culturais. O sujeito reage a essas aproximações de forma bem específica; tanto se enquadrando socialmente, como buscando outras formas de vivências e experiências.

Assim, como defende David LeBreton (2006: 55): “Cada comunidade humana elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido. Cada ator apropria-se do uso desse repertório de acordo com a sensibilidade e os acontecimentos que marcaram sua história pessoal”.

⁶¹ “Caretas” são aquelas pessoas que não fazem uso das substâncias psicoativas.

2º Capítulo – Lindos de doer

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.
(Caetano Veloso, Dom de Iludir)

A discussão sobre o grupo é algo que já me rendeu muita reflexão. Diante da leitura de algumas obras antropológicas, como: *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), *Sociedade de Esquina* (2005) e *A Utopia Urbana* (2003), fiquei com a impressão de que para se constituir um grupo, tinha que haver um espaço em que os sujeitos sempre estivessem presentes. E no meu caso, em Natal, isso não acontecia. O estúdio de tatuagem é um lugar em que eles se encontram, mas isso não é algo tão frequente. Então, como iria localizar meu grupo? A ideia de uma homogeneidade grupal ainda era algo muito presente nas minhas primeiras análises. No entanto, ela foi sendo gradativamente superada com a pesquisa de campo e com o contato com as leituras da chamada Antropologia Contemporânea.

Mas, outra indagação aparecia frequentemente: como percebê-los como um grupo se o “objetivo” das suas modificações está mais relacionado com uma diferenciação individual? Porque, embora eles compartilhem de uma mesma prática, a sua busca não é por um padrão corporal, como acontece com as plásticas ou no caso das ginásticas. A busca é por algo que os diferencie até dentro do seu próprio grupo. É a busca pela singularidade e diferenciação que move essas transformações e usos corporais, muito embora essas técnicas sejam repassadas de sujeito para sujeito pelo grupo social a que eles pertencem. E até quando se imita alguém, tenta-se imprimir uma característica pessoal.

Ou seja, estou falando de um grupo como categoria analítica, em que os sujeitos possuem práticas e estilo de vida semelhantes, que compartilham as mesmas experiências corporais (*body modification*), mas que procuram se diferenciar uns dos outros, possuindo representações e significados diferenciados sobre suas intervenções corporais.

Observo que existem dois subgrupos dentro do grupo pesquisado: um, que são os praticantes da *body modification*, mas que também estão relacionados com a profissão da tatuagem e do *body piercer*, que aqui serão representados por Faby,

Alexandre e Rayssa. E o outro, que são os que simpatizam e se apropriam das modificações corporais, mas que não têm nenhuma relação profissional com esse segmento, Herbert e Henrique fazem parte desse universo. A forma de perceber e de modificar seus corpos é bem diferente, pois os primeiros possuem modificações consideradas mais extremas e o corpo quase todo tatuado, além disso, eles falam muito sobre o lado profissional da *body modification*, com um discurso “politicamente correto” (GREGORI, 2004).

Já os outros, Herbert e Henrique, não possuem em seus corpos modificações tão extremas e seus discursos são mais libertários. Percebo também a noção de “capital cultural” (BOURDIEU, 1987) associada às vivências desses dois. Esse “capital cultural”, segundo Bourdieu, seriam os conhecimentos que os sujeitos vão adquirindo ao longo de sua vida, que não estão associados somente ao ambiente escolar, mas também a trocas estabelecidas no contexto familiar, as oportunidades de viajar, ir ao cinema, museu, teatro, ter acesso a livros, boas músicas e se relacionar com pessoas que também possuam um certo conhecimento.

Essas características, segundo Bourdieu (1987: 43), podem ser percebidas através de três apontamentos: o primeiro, no estado “corporificado”, que seria a imagem dos sujeitos, a apresentação visual, o modo de falar, a beleza e cuidados pessoais; o segundo, no estado “objetificado”, ou seja, os bens culturais, como pinturas, livros e apreciação de arte; e o terceiro, através do estado “institucionalizado”, que seriam as qualificações educacionais.

Porém, já que estamos diante de um contexto complexo e as experiências e vivências também se complexificam nesse contexto, é inegável que a partir do momento que meu contato com os sujeitos se ampliasse, as ideias de um grupo homogêneo seria totalmente desfeita. As modificações, trajetórias, relações, visões de mundo, gostos e preferências são bem diferentes entre um sujeito e outro, e isso não é uma grande novidade, já que as pessoas possuem formas divergentes de reagirem às práticas sociais. Teria que me livrar, então, do modelo funcionalista-estrutural⁶² que insistia em me perseguir, sendo este um esquema muito fácil de seguir, como diz Jeremy Boissevain (1987: 229):

⁶² Nesse modelo há um entendimento de que a sociedade é composta por partes e instituições que trabalham em conformidade uma com as outras. Recebe uma série de críticas por não dá espaço para os conflitos e mudanças sociais.

é uma técnica tentadora, um modelo simples e muito seguro. Proporciona um esquema analítico simples para dados frequentemente complexos. Há poucos perigos em se obterem dados que perturbem o esquema, pois as informações coletadas refletem as questões propostas e, portanto, a teoria se articula.

Mas não era esse caminho fácil que eu teria que percorrer. Se eu estava diante de um contexto complexo, teria também que complexificar minhas análises. Diante disso, faria mais sentido trabalhar com a noção de *trajetória individual e campo de possibilidades* (VELHO, 1994), sendo essa primeira, a forma como cada sujeito reage aos estímulos provenientes dos contextos em que estão inseridos, e assim traçam suas trajetórias e *projetos*⁶³. E o campo de possibilidades está mais associado a uma “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos” (VELHO, 1994: 40). Dessa forma, privilegiaria as experiências de cada sujeito da pesquisa, bem como as significações sobre suas práticas sociais, mas sem esquecer o caráter geral dessas trajetórias, entendendo, assim, o contexto social em que eles estão inseridos.

Durante as descrições dos informantes, dialogo com alguns conceitos que ajudam na compreensão das suas experiências. Um deles é a noção de *escolha* individual. Isso porque, estamos diante de uma prática em que os indivíduos “escolhem” se tatuar, fazer uma suspensão ou um implante. Elegem essas intervenções para fazer parte do seu corpo e da sua vida. Porém, essa *escolha* não é algo puramente individual, muito pelo contrário, ela perpassa questões coletivas, não sendo uma decisão aleatória.

Mas, como pensar essas interferências sociais dentro de discursos carregados fortemente por frases individualistas do tipo: “eu fiz porque gosto” ou “eu me sinto melhor desse jeito”? A saída, então, seria buscar o maior número de referências que os sujeitos possuem dentro de suas relações com os outros, quais sejam: a família, os amigos ou relacionamentos afetivos. Além disso, busquei também entender os espaços que eles frequentam, tais como: mercado de trabalho, ambientes de sociabilidade, viagens, porque somente assim eu conseguiria dar sentido a essas práticas dentro de uma perspectiva contextual.

As vivências fragmentadas, os *múltiplos papéis* e os vários contatos interpessoais, propiciam inúmeras formas de apropriação dos códigos sociais (VELHO,

⁶³ *Projeto*: é a conduta organizada para atingir finalidades específicas (VELHO, 1994: 40).

1994), em que cada sujeito formula sua própria compreensão e valores acerca dos objetos e práticas culturais, mas que, esses mecanismos são fruto de construções sociais. Ou seja, através das experiências de vida do sujeito, ele vai adquirindo certas visões de mundo, fazendo com que a apropriação do que está ao seu redor seja feita de uma forma bem específica. Portanto, na descrição das trajetórias dos sujeitos da pesquisa, faço uma reflexão sobre a forma como cada um se apropria do universo da *body modification* e como eles fazem uso dessas marcas distintivas e incorporam não só no seu corpo, mas também como um estilo de vida.

Outra noção que não pode faltar é a ideia de *projeto individual* (VELHO, 1987), muito embora os sujeitos da pesquisa possuam vários projetos: um relacionado com a família, outro com o trabalho ou com o seu corpo. Esse último parece que se tornar central nas suas vivências. Eles têm um projeto para seu corpo, em que estão sempre projetando, pensando e articulando o que será a próxima intervenção a fazer, e buscando estratégias para realizá-las.

Eles entram no campo da *body art*, geralmente, através da tatuagem, que até então não me parece muito ligada a um projeto de vida, mas sim a um acessório corporal, e depois iniciam um processo de busca e realização por mais intervenções, para efetivamente entrarem no universo da *body modification* e sentirem que estão construindo o corpo que querem (ou sonham) ter. A suspensão corporal seria o ápice desse projeto, é como se a partir do momento que realiza esse ritual, o indivíduo passa também a fazer parte do universo das modificações corporais, vivendo efetivamente esse estilo de vida.

Embora algumas modificações corporais sejam reversíveis, segundo um informante, cerca de 80% das intervenções podem ser removidas do corpo. O discurso da reversão não é muito presente nas falas dos envolvidos com a pesquisa. Durante o campo não conheci ninguém que tenha feito algo pensando em tirá-lo depois. Muito pelo contrário, o discurso da permanência é constante, porém, observei que alguns deles vão mudando de opinião e passam a mudar ou re-significar algumas marcas, principalmente as mais fáceis de serem removidas, como no caso dos alargadores, *piercings* e *surfaces*. Falei sobre isso porque o *projeto* envolve uma reflexão sobre perdas e ganhos diante da sua execução. Gilberto Velho (1987: 29) nos ajuda a refletir sobre isso:

O projeto, sendo consciente, envolve algum tipo de cálculo e planejamento, não do tipo *homo oeconomicus*, mas alguma noção, culturalmente situada, de riscos e perdas quer em termos estritamente individuais, quer em termos grupais.

Durante as conversas com os sujeitos da pesquisa, procurei saber como eles lidam com essas reflexões: as perdas e ganhos sociais diante das suas intervenções. Isso porque estamos diante de modificações corporais que não são tão bem vistas por alguns setores da sociedade. Então, procurei perceber quais os mecanismos que eles utilizam para serem aceitos nas suas interações sociais. Entendendo que o projeto também perpassa a noção de “dar sentido ou uma coerência as experiências fragmentadas” (VELHO, 1987: 31). Ou seja, como os modificados lidam com as relações estabelecidas com os outros e seus olhares, nos espaços de convivência heterogêneos.

Além disso, busquei entender como eles ajustam as finalidades entre os *projetos individuais e os sociais*, sobretudo os projetos pensados pelas suas famílias, pois geralmente há um modelo pensado pelos pais de como deve ser a conduta dos filhos. Dessa forma, tentei perceber como eles lidam com os conflitos gerados por esse choque de ideias e de vivências. Pensando tudo dentro da perspectiva das fragmentações das experiências e entendendo que não existe um papel social que o indivíduo exerça totalmente nos vários espaços que frequenta, que não há uma atribuição desempenhada linearmente, mas sim uma multiplicidade de papéis que muitas vezes entram em conflito:

Em uma sociedade moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitos dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito (VELHO, 1987: 33).

Sendo assim, a ideia de *negociação* é imprescindível. Como se dá as negociações entre os modificados e os outros sujeitos com quem se eles se relacionam? Segundo Gilberto Velho (1987: 33), “os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentam um mínimo de plasticidade simbólica, um razoável potencial de metamorfose”. Mas como realizar essa metamorfose de algo que está presente no seu

corpo de forma indelével, que não se pode tirar da pele em determinadas situações e depois colocá-los de novo, como fazemos com as roupas que vestimos, por exemplo.

Essa ideia das negociações não é uma característica só do grupo envolvido com a *body modification*, estamos a todo instante negociando com diversos atores sociais em diferentes contextos. No entanto, no caso do objeto de estudo desta pesquisa, há uma negociação mais intensa, visto que, setores considerados desviantes ou subversivos precisam, de uma certa forma, “suar mais a camisa” nas suas negociações. Em uma conversa com um cliente na sala de espera do estúdio, ele me falou sobre um amigo que possui o corpo quase todo tatuado e é professor de uma escola de ensino fundamental. Segundo esse rapaz, seu amigo “precisa mostrar que é bom duas vezes mais do que os outros não tatuados”. Ou seja, o estigma criado em relação ao tatuado deve ser desfeito, mostrando que se é um bom profissional.

Um outro conceito que será bastante falado na descrição das trajetórias dos sujeitos é a ideia de *dor*. Quando se fala em *body modification*, logo há uma associação com essa noção, porque todas as intervenções corporais envolvem um processo doloroso. Numa entrevista em um programa de televisão Freakboy Du⁶⁴, um rapaz com aproximadamente 30 anos, envolvido com as técnicas da *body modification*, quando indagado sobre dor, respondeu da seguinte maneira: “quanto mais velho eu vou ficando, mais dor eu sinto”. Para ele, o suportar a dor está associado com o vigor e a energia relacionados com a juventude. E essa sensação vai mudando quando se adquire mais idade.

Então, é com base nesses significados que trabalhamos com a noção da dor. São os símbolos e códigos que estão ligados ao universo da *body modification*, e como os modificados transmitem esses valores. Levando sempre em consideração que as demonstrações de dor “expressões faciais, trejeitos, palavras e modificações na conduta” (HELMAN, 2009: 171) estão intimamente relacionadas com o contexto cultural em que está inserido o sujeito, como também aos processos de socialização do mesmo. Como por exemplo, aquela conhecida história de que “meninos não choram”, que produz uma certa ideia de que os homens devem suportar a dor bem mais do que as mulheres. Dessa forma, já vão se construindo as diferenciações de gênero em relação à dor. São essas variações de gênero, classe social, contexto cultural, geração, que nos

⁶⁴ Nome social, apelido.

darão elementos para pensar sobre os comportamentos diante das situações consideradas dolorosas.

As reflexões estão baseadas na chamada “dor pública”, que é a tradução ou exteriorização da “dor privada” (HELMAN, 2009). Ou seja, a dor só passa a ser um comportamento de dor quando ela é demonstrada através de uma ação verbal ou não verbal. No caso das modificações corporais, é consenso e eles não escondem que as intervenções envolvem uma sensação dolorosa. No entanto, eles lidam de uma forma bem específica com essa dor, já que em algumas situações, principalmente em relação às suspensões corporais, deve-se não só superar essa sensação como também não exteriorizar que está passando por uma situação incômoda.

Diante disso, podemos nos perguntar: será que esse mesmo sujeito que pratica uma suspensão corporal, estando em outro contexto, como por exemplo num hospital, sendo “furado” por uma agulha de injeção, não demonstraria a dor de uma outra forma? O não demonstrar, o suportar e o encarar a dor, são extremamente significativos dentro das análises dos indivíduos que praticam a *body modification*.

Enfim, essas foram algumas categorias utilizadas por mim para guiar minhas entrevistas e meus olhares diante dos sujeitos da pesquisa. Porém, outras questões serão discutidas no decorrer das descrições das trajetórias individuais. E outras, em algumas situações, ficaram esquecidas, diante da relevância dos diversos temas surgidos durante as conversas. Não apresentarei aqui a biografia desses indivíduos de forma linear e acabada, os temas e assuntos foram surgindo de acordo com o relato das experiências de vida de cada um deles. Pode ser que em alguns momentos a narrativa pareça um pouco fora de propósito, e o tema da *body modification* saia um pouco de cena, dando lugar a outros, mas o entendimento é que as outras práticas desses sujeitos contribuem significativamente para as suas construções corporais.

* * *

Durante a pesquisa entrei em contato com outras pessoas que não fizeram parte da pesquisa efetivamente por alguns motivos, mas sobretudo pela falta de um contato mais próximo entre nós. Uma delas foi Thamyres, estudante de *design*, 20 anos, que começou suas intervenções corporais por uma escarificação, fato curioso, já que, geralmente eles iniciam com os *piercings*, depois a tatuagem, para depois fazer uma

modificação mais extrema. Segundo Alexandre, ela esperou ansiosamente completar 18 anos para fazer sua primeira suspensão: “Ela tem potencial para fazer várias outras coisas, só que lhe falta independência financeira em relação aos pais”, disse ele. Encontrei com ela duas vezes, coincidentemente, mas conversamos pouco.

Um outro rapaz, socialmente conhecido como Cobaia⁶⁵, que não cheguei a entrevistar porque o contato com ele é muito difícil, possui algumas tatuagens pelo corpo, a língua bifurcada, uma escarificação na perna, implantes no peito e já fez duas suspensões. Ele é pedreiro, e de acordo com Alexandre, “ele é da periferia mesmo”, ou seja, não é do mesmo circuito social dos outros entrevistados.

Quando era criança, ele amputou (perdeu) um dos dedos da mão porque colocou no raio da bicicleta. Quando começou a fazer parte do universo da *body modification*, ele acabou “incorporando” o dedo perdido às modificações corporais. Se alguém perguntasse quais intervenções ele tinha feito no corpo, ele incluía o dedo amputado também. Existem as modificações que amputam parte do corpo, como dedos, parte da orelha e o pênis. Porém, no caso desse rapaz foi um acidente, mas ele, através das modificações corporais, re-significou o que havia acontecido, transformando o que seria um fato doloroso, e que gera situações estigmatizantes, num ato intencional, em que passa a ser o agente da construção do seu próprio corpo.

Fiz etnografia também num festival de rock que aconteceu na cidade de Natal, por acreditar que nesse evento encontraria um maior número de tatuados. Em uma das apresentações, o vocalista de uma banda fez uma sessão conhecida como *play piercing*, técnica que consiste em realizar várias perfurações com agulhas, como se fosse colocar um *piercing*, porém sem a joia. Ele estava cantando quando um outro rapaz entrou no palco e fez 10 perfurações em cada braço e uma na testa, deixando as agulhas juntamente com as seringas⁶⁶. Depois ele retirou as agulhas com as seringas e colocou em vários colares presos no pescoço. Como ele estava com uma blusa branca, o sangue vermelho das agulhas se destacou, e ele ainda colocou mais sangue artificial. Ele disse que resolveu fazer essa performance porque o tema do CD novo da banda tem a ver com corpo. Disse, ainda, que tem muita vontade de fazer uma suspensão, só que no palco e cantando.

⁶⁵ Não acho que esse apelido seja à toa, já que ele foi o primeiro a ter a língua bifurcada e implantes no corpo colocados por Alexandre.

⁶⁶ No procedimento da colocação do *piercing* realizado nos estúdios não é preciso a utilização das seringas.

Os sujeitos da pesquisa realizada em Natal/RN são:

Nome	Idade	Profissão	Marcações no corpo
Faby	25 anos	<i>Body Piercer</i> e recepcionista	- Tatuagens (quase o corpo todo), <i>piercings</i> , <i>surfaces</i> , escarificação, língua bifurcada e 8 suspensões.
Alexandre	32 anos	<i>Body piercer</i> e modificador corporal	- Tatuagens (quase o corpo todo, incluindo parte da região do pescoço e antebraço) - Alargadores na orelha e já teve também embaixo dos lábios - Implantes subcutâneos nos braços - 1 suspensão
Rayssa	26 anos	Tatuadora, formada em Jornalismo	- Tatuagens (quase o corpo todo, incluindo antebraço e acima dos seios) - Alargadores na orelha e no umbigo - <i>Piercing</i> no septo e no mamilo - 1 suspensão
Henrique	23 anos	Estudante de História	- Tatuagens (dois pés, panturrilha, duas cochas, virilha, costela, dois braços e um antebraço, peito) - <i>Piercing</i> genital - 2 suspensões
Herbert	25 anos	Arqueólogo e Historiador, mestrando em Arqueologia	- Tatuagens (duas panturrilhas, peito, braço e antebraço, acima das nádegas) - Alargadores - 4 suspensões

1. Faby – “Sou uma feminista contemporânea”

Antes de começar a falar sobre a trajetória de Faby, devo problematizar a relação estabelecida com ela e com os outros sujeitos, pois cada contato se construiu de uma maneira bem específica, alterando assim o andamento do campo. Como falei anteriormente, não existia um espaço em que eu encontrava todos os entrevistados, tive que ir ao encontro deles em vários locais diferentes. Por isso, faço uso do termo “relações em campo” e não “inserção em campo”.

Meu primeiro contato foi com Rayssa e Alexandre no estúdio em que ambos trabalham. Eles foram bastante receptivos, entendendo minha pesquisa, me ajudando e respondendo algumas perguntas que para eles eram um pouco óbvias, mas que para mim era uma grande descoberta.

Henrique, eu encontrei na Universidade, mas já nos conhecíamos, foi ele quem me apresentou Herbert. Acredito que o fato de estarem também inseridos no âmbito acadêmico tenha surtido um efeito diferenciado, pois os mesmos contribuíram de uma forma mais intensa com minha pesquisa. Mas acredito que o grande problema do trabalho de campo com grupos urbanos está relacionado com o tempo e a disponibilidade dos informantes, além do estranhamento (e não conhecimento) pelos sujeitos em relação às pesquisas antropológicas.

Já com Fabiana, minha relação foi um pouco complicada, porque ela não atendia a nenhum dos critérios que facilitavam meu contato: não nos conhecíamos, ela não era do chamado circuito acadêmico⁶⁷ e nem estava com muita vontade de falar sobre suas modificações. Foi através de Rayssa, outra informante, que se estabeleceu nossa primeira aproximação. No entanto, as pessoas que lhe conheciam faziam comentários do tipo: “ela é chata”, “não conversa com muita gente” e “é super na dela”⁶⁸.

Fui ao estúdio de tatuagem onde ela trabalha e quando cheguei lá, tive logo que me identificar como pesquisadora porque não fazia sentido algum me apresentar como cliente. Ela estava trabalhando no computador e não me deu a mínima importância, ignorando totalmente minha presença. Havia um cliente na sala de espera e comecei a conversar com ele. Demorei algum tempo e resolvi ir embora, mas não

⁶⁷ O que percebi durante o campo é que quanto mais próximo da Universidade o informante estava, mais fácil era o contato com ele.

⁶⁸ Expressão usada pra falar sobre uma pessoa que no convívio social não conversa muito e que interage socialmente de forma mais reservada.

desisti, por achar que o contato com essa informante poderia ampliar e aprofundar o tema desta pesquisa. Na semana seguinte, fui ao estúdio novamente, e dessa vez levei minha câmera digital, que é semiprofissional. Havia um cliente na sala de espera que tinha várias tatuagens pelo corpo, perguntei então se ele me deixaria fazer umas fotografias, e ele autorizou. Na hora que tirei a câmera da bolsa, ela olhou e comentou: “É profissional, é? Tira aqui umas fotos minhas que nunca tirei foto com ninguém profissional”. Depois desse momento, nossa comunicação fluiu de uma forma mais tranquila, embora ainda não suficiente para que falasse sobre *body modification*. Porém, ela já havia saído da frente do computador⁶⁹.

Passei a frequentar o estúdio e a conversar com ela sobre vários assuntos, principalmente sobre temas os relacionados à “beleza”. Esse era o tema que mais nos empojava, conversávamos sobre roupa, esmalte de unha, ginástica, cabelo. Mas também falávamos sobre música, festas e pessoas em comum que conhecíamos. Nosso contato foi melhorando e se estabeleceu uma relação de amizade. Isso porque, compartilhávamos vários aspectos da vida em comum.

As trocas estabelecidas entre nós duas foram extremamente positivas, sobretudo as trocas musicais. Faby gosta muito de escutar hip hop e rap e acabou me mostrando esse universo musical, que até então era pouco conhecido por mim. Passei não só a conhecer, como também a gostar desse tipo de música. Nossas conversas, e até na entrevista, sempre tinham um fundo musical, que na maioria das vezes era de mulheres cantoras.

Um dia estávamos conversando e ela disse que era “chata mesmo”, que tinha problemas na vida dela como todo mundo tem, que tem contas pra pagar, que tem que trabalhar todos os dias, e que acha uma falsidade essas pessoas que vivem sorrindo e feliz o tempo todo. Percebi que existia uma resistência por parte dela em conversar com algumas pessoas que iam ao estúdio, inclusive comigo. Mas acredito que isso seja uma forma também de se preservar, tanto dos olhares quanto das perguntas sobre suas intervenções corporais e seu estilo de vida.

Durante o exercício que fiz para observar como o grupo se percebia entre eles, um dos rapazes disse sobre Faby: “ela é doce e áspera ao mesmo tempo”. E era bem isso o que havia notado nela. Num primeiro momento, ela não se mostra receptiva com as pessoas, mas depois ela é superagradável. Talvez por não conhecer as ideias e

⁶⁹ O computador, nesse caso, era como se fosse uma barreira que separava a gente.

opiniões dos outros, por achar que de alguma forma eles podem desrespeitá-la ou serem indiscretos, ela não demonstre ser tão aberta, mas depois, quando percebe uma boa aceitação, sua atitude muda. Seu visual também demonstra um pouco essa “contradição”, ao mesmo tempo que se vê algo bem delicado e feminino, através da maquiagem, joias e roupas, também se percebe uma agressividade, através das inúmeras tatuagens e das intervenções mais extremas.

- **Iniciação**

O processo de iniciação feito por ela nesse universo, segundo a mesma, “foi tudo ao contrário”, porque começou com um *piercing* no mamilo (que já é um pouco diferente), quando tinha 17 anos. Depois fez sua primeira escarificação e em seguida sua primeira tatuagem. Como o universo da *body modification* é predominantemente masculino (PIRES, 2005; BRAZ, 2006) e estamos numa cidade que pode ser considerada com um contexto um pouco tímido da BM. Para ela, sendo mulher e morando em Natal, conseguir entrar nesse circuito e se destacar, teria que ser diferente dentro do diferente, por isso começou pelo caminho contrário. Do grupo pesquisado, ela é a que mais mantém um intercâmbio com sujeitos de outros estados, principalmente São Paulo e Brasília. Ou seja, trata-se de uma informante fundamental para perceber como se disseminam as práticas relacionadas à BM.

Segundo ela, é sempre bom viajar para esses lugares porque lá encontra seus amigos (modificados) e tem vontade de fazer mais coisas no corpo. Ela diz que se sente muito bem quando está com eles (seus “iguais”) porque gostam das mesmas coisas que ela. E quando volta para Natal fica um pouco decepcionada porque as coisas aqui funcionam de outra maneira, com uma cena bem pequena em relação a *body modification*, e uma aceitação bem menor pelas outras pessoas. Quando está em São Paulo, percebe que o olhar em relação a seu corpo é bem diferente do que observa em Natal.

Faby entrou em contato com esses amigos através da internet, foi procurar pessoas que gostassem das mesmas coisas que ela: modificação corporal, não comer carne, não beber e nem usar drogas. Na época, o contato era via fotolog, mas depois ela conheceu todos ao vivo e disse que hoje tem uma relação de amizade com eles. A maneira como fala sobre esses amigos é bem interessante porque é como se

houvesse uma relação muito íntima e próxima, como se não existisse a distância espacial entre eles. Ela, inclusive, fala sobre fofocas, intrigas e relacionamentos. Sempre que eu perguntava sobre alguém que vi na internet ou na televisão falando sobre modificações corporais, ela dizia que conhecia ou que era seu amigo.

Percebo que nesse caso há uma identificação, em relação à construção identitária, que ultrapassa as fronteiras espaciais. Muito embora seus amigos morem em São Paulo ou Brasília, eles parecem manter uma relação de proximidade, pois o que une essas pessoas não é o contato face a face cotidianamente, mas sim, uma identificação do estilo de vida. É o compartilhamento de representações e práticas que os tornam “amigos”. O uso da internet, e algumas viagens, facilitam muito essas trocas.

Outra relação “local/global” se dá através da *imitação prestigiosa*, na qual os sujeitos procuram imitar aquelas pessoas que possuem um certo prestígio social dentro desse universo. Segundo Mauss (1974: 405), “o que se imita são atos que obtiveram êxito por pessoas que são legitimadas no lugar de autoridade por aquele que o imita”. Ou seja, no caso dos modificados, imitam-se aqueles que possuem um certo destaque no circuito da *body modification*, e esse destaque acontece principalmente pela quantidade de modificações e o seu caráter ousado e “autêntico”. É o caso da mexicana LaNegra, que segundo um dos meus informantes, “[...] dita a moda da modificação corporal, quando ela faz alguma coisa no corpo, logo as outras meninas querem imitar”. E isso aconteceu com Faby também. LaNegra cortou a franja em formato de triângulo, logo Faby imitou esse corte de cabelo e várias outras meninas desse circuito também fizeram o mesmo. Mais uma vez, devo ressaltar a importância da internet para esse grupo, e como esse contato influencia na construção corporal desses sujeitos. A internet, nesse caso, funciona como uma possibilidade de relação entre o local/global.

Perguntei quem Faby admirava no circuito mundial da *body modification*, Lukas Spira, ela respondeu; trata-se de um francês que possui várias modificações no corpo. Ele inclusive foi um dos informantes de LeBreton quando este desenvolveu sua pesquisa sobre construção social em torno da dor. Ela disse: “eu admiro muito ele porque ele é *straight edge* e tem modificações extremas pelo corpo”. Ou seja, essa relação entre o movimento *straight edge* e as modificações corporais não é algo tão específico do contexto desta pesquisa em Natal.

No seu processo de iniciação na *body modification*, houve uma forte influência da relação que ela estabelecia com uma amiga, alguns envolvidos com a pesquisa afirmaram que havia uma clima de competição entre as duas. Isso porque

Bruna⁷⁰ já havia feito algumas intervenções no corpo e foi ela quem, de uma certa forma, introduziu Faby nesse contexto.

Segundo Faby, Bruna não acreditava que ela poderia levar a sério as modificações corporais, e Faby, logo foi mostrando o contrário. As intervenções que uma realizava, a outra queria fazer também. Iniciou-se então um ciclo de competição entre as duas e Faby começou a tomar o lugar que antes era só de Bruna. Isso foi se agravando ainda mais pelo fato de que elas paqueravam o mesmo rapaz que era envolvido com a prática da *body modification*.

Faby relatou que na sua primeira suspensão Bruna estava presente e que até então elas eram muito amigas, mas quando percebeu que Faby estava entrando mesmo nesse universo, ela começou a mudar. Depois disso, Bruna fez a suspensão pelos seios, porque de uma certa forma tinha que superar a outra, e nesse período ela era a única mulher do Brasil que tinha conseguido fazer essa suspensão. Aí foi a vez de Faby, que se suspendeu pelas nádegas, e foi considerada a única mulher na América Latina a conseguir esse feito.

Fora as outras “competições” que existiam entre elas, até o fato de não comer carne entrava na disputa. Em uma das discussões entre elas, Faby disse: “eu não como carne, nem fumo e nem bebo de verdade, não sou como você que faz essas coisas escondido”. Tudo isso tendo como pano de fundo, num primeiro momento, o rapaz que elas paqueravam, mas que depois quem entrou na disputa foi Alexandre, que era concorrido por realizar as modificações corporais.

Sobre esse afeto entre os sujeitos, que nesse caso foi entre as amigas, Grozs (2000: 65) faz o seguinte comentário:

Não sendo autoidêntico, o corpo deve ser visto como uma série de processos de tornar-se, ao invés de como um estado fixo de ser. O corpo é tanto ativo quanto produtivo, embora não seja originário: sua especificidade é uma função de seus graus e modos de organização que, por sua vez, são os resultados ou consequências de sua capacidade de ser afetado por outros corpos.

Eu tenho muito material etnográfico sobre as duas, porém, nunca vou saber ao certo como aconteciam essas brigas e disputas porque conheço apenas a versão de uma delas, que é a de Faby. Bruna não mora mais em Natal, os informantes desta

⁷⁰ Nome fictício.

pesquisa comentaram que ela foi embora porque disse não aguentar mais os olhares de reprovação das pessoas daqui, que andava pela rua e todo mundo olhava estranho para o seu corpo e suas modificações. Ela foi pra São Paulo e hoje trabalha nesse contexto da *body art*, colocando *piercings* e fazendo algumas modificações mais extremas.

Procurando informações sobre ela na internet, vi que tem o corpo com bastantes modificações: alargadores, muitas tatuagens, *surfaces* no rosto, sobrancelha raspada, um visual meio *Pin Up*⁷¹. Na página de uma rede social, vi diversas fotos das suas suspensões. Mesmo possuindo as mesmas intervenções de Faby, o visual das duas não chega a ser parecido.

Enfim, mas o que essa história toda tem de relevante para a Antropologia? O principal: que a construção corporal é fruto de relações sociais. Fica claro durante toda essa descrição que a influência de uma outra pessoa, no caso Bruna, foi determinante para que Faby não só entrasse no universo da *body modification* como a cada dia procurasse modificar mais seu corpo.

A ideia da superação é algo bem presente dentro do grupo: supera-se o próprio corpo, supera-se a dor e superam-se os outros. Mas toda essa superação só tem sentido dentro de uma perspectiva relacional, em que o outro entra não só com seu olhar, mas também como modelo de comparação.

Fica evidente que Faby tem o estilo de vida relacionado com a prática da *body modification* como projeto de vida, não só corporal, mas também profissional. E que esse *projeto* recebeu fortes influências de uma outra pessoa, ou melhor, de outras pessoas, mas que ela acabou incorporando todas essas práticas para suas vivências e experiências cotidianas. Depois, tanto o rapaz que as duas paqueravam quanto Bruna foram embora de Natal, mas Faby continuou com o seu *projeto*, fazendo com que as modificações entrassem, segundo ela, na sua vida.

Se analisarmos essa *escolha*, perceberemos que nossa ideia de “sentir-se bem” com determinada vestimenta, por exemplo, também está associada ao olhar do outro e às construções sociais e culturais em que estamos inseridos. Escolhemos a calça que está na moda, o vestido que foi muito elogiado em outra situação, uma blusa que ficou super bem em outra pessoa. E tudo isso fazendo uma certa “previsão” de como as pessoas irão olhar e nos avaliar. Sem esquecer que depois que escolhemos a roupa,

⁷¹ As *Pin Up's* eram mulheres fotografadas em jornais, calendários, revistas e cartões postais na década de 1950. Seu visual era extremamente sensual e erótico, tendo algumas características em comum: o batom vermelho, o delineador nos olhos e roupas com a cintura marcada. A *Pin Up* mais famosa internacionalmente foi Marilyn Monroe e nacionalmente Carmem Miranda.

provavelmente vamos em frente ao espelho e conferimos se toda aquela produção está aprovada. O que representaria o espelho nesse contexto? O olhar do outro. Porque se nos contentássemos só com a nossa opinião e nosso olhar, nos olharíamos de cima pra baixo, sem a ajuda do espelho. Ou seja, não é só na construção corporal relacionada com a *body modification* que a opinião do outro influencia, as nossas *escolhas* pessoais, em outros contextos e situações também.

- **Tipos e intensidades das intervenções no corpo**

Hoje Faby tem a pele branca, mas antes ela era mais morena, o cabelo muda constantemente, mas na época da pesquisa era longo e preto. Tem o corpo quase todo tatuado, segundo ela só falta uma parte da coxa e as costas, que futuramente serão marcados. Alargadores que chegam na altura do queixo, alargadores na parte de dentro da orelha, dois *piercings* no nariz, um *surface* do lado da sobrancelha, língua bifurcada, dois *surfaces* na parte da frente do pescoço, que formam quatro bolinhas. Ela raspa a sobrancelha para desenhá-la sempre de uma forma diferente, já foi arqueada, mais grossa, fina e de bolinha. Duas tatuagens que cobrem quase toda região do pescoço, uma *tattoo* acima do peito com o nome “família”, os braços são “fechados” com flores, e no braço esquerdo tem três implantes subcutâneos de bolinhas.

As outras intervenções são escondidas, mas sei que ela tem uma escarificação nas costas (uma flor), várias tatuagens e já teve alargadores no mamilo. Já fez 8 suspensões, dentre elas uma pelos seios (que deixou uma cicatriz relativamente visível) e uma pelas nádegas. No universo desta pesquisa, ela é a que tem o visual com mais intervenções, se destacando também no cenário nacional da *body modification*.

É importante destacar que para os outros modificados, e também pra ela, antes de modificar seu corpo, “ela era feia demais, mas agora tá uma gata”. A partir do momento que começou a intervir no seu corpo, que começou a fazer uso dele como gostaria de fazer e a se relacionar com os sujeitos ligados a BM, ela então passa a ser considerada e também a se considerar mais bonita. Se antes ela estava numa situação não tão valorizada socialmente, depois muda seu status social (ou melhor, grupal).

Podemos analisar essa construção através de duas perspectivas: a primeira, que é a relatividade do conceito de beleza. Porque se para o grupo ela é vista como uma pessoa bonita, para outras pessoas que não estão relacionadas com esse

universo, suas modificações podem ser consideradas feias e agressivas. E a outra, diz respeito a tomar para si o seu corpo, à medida que ela passa a ser o agente da construção do seu projeto corporal, projeto este ligado a noções de liberdade, autenticidade e autonomia, ela passa também a ser mais reconhecida pelo grupo.

Para analisar a aparência dela, é imprescindível falar das fotos e dos processos de construção corporal pelos quais passou. Através das imagens a que tive acesso, pude perceber a trajetória das intervenções corporais realizadas por ela. E no caso de Faby aconteceu algo bem surpreendente, porque suas transformações foram realizadas em um período de tempo relativamente curto⁷². A primeira foto a que tive acesso foi quando ela tinha 18 anos, e fez sua primeira suspensão, na época tinha apenas uma escarificação nas costas e uma tatuagem na panturrilha. Seu cabelo era encaracolado e grande, ela era magra e tinha a pele bem morena.

Na segunda foto, em que ela tinha 22 anos, o visual já estava um pouco diferente do anterior. Seu corpo já tinha várias tatuagens, seu cabelo estava curto, raspado nas laterais e com uma franja cortada em forma de triângulo, ela já não era tão magra como antes, seu rosto já tinha alguns *piercings* e suas orelhas estavam alargadas, ela também tinha raspado as sobrancelhas. Sua pele, que antes era morena, estava passando por um processo de embranquecimento, sua sobrancelha estava desenhada no formato de bolinhas e seus lábios estavam maiores, ela fazia isso com o auxílio da maquiagem.

O corpo dela, que hoje está com 25 anos, já passou por outros processos. Na época em que estava com 22 anos, além das intervenções corporais, tinha todo um lado performático envolvendo seu visual, como a sobrancelha de bolinhas e a franja em formato de triângulo. Hoje ela está com a pele bem mais branca, quando perguntei como ela conseguiu “se embranquecer”, disse que antes vivia no sol e que hoje raramente faz isso, mas quando tem que fazer, usa o moleton e passa filtro solar do mais forte possível.

Ela também possui mais intervenções corporais, como a língua bifurcada, implantes no braço e mais tatuagens pelo corpo. Mas seu visual, embora com muitas modificações, não é tão extremo como quando tinha 22 anos. Ela está com os cabelos longos e lisos, usa uma maquiagem mais discreta e sua sobrancelha, embora mude constantemente, não é tão ousada como antes.

⁷² Quero deixar claro que todos nós passamos por transformações corporais, mas nesse caso, as intervenções provocam mudanças mais visíveis.

O que podemos pensar sobre essas transformações? A construção corporal como processo social e variável está totalmente presente. Mas nesse caso, ela passou de uma situação com poucas intervenções corporais para uma bem extrema e performática, e depois ela diminuiu o caráter expositivo das modificações. Isso mostra que o uso corporal está totalmente associado a determinados momentos da vida. Nada é para sempre, as construções são contingentes, às vezes contínuas ou não, mas também há quebras e muitas mudanças.

Esse processo de construção corporal pelo qual ela passou não se caracterizou como algo linear, porque a lógica seria que ela aumentasse suas intervenções e suas performances, mas isso de fato não aconteceu. Segundo Alexandre, quando mostrei a foto de Faby com 22 anos, ele disse que essa época foi o auge das modificações na vida dela. Ou seja, ela chegou no auge e depois, digamos que se “acalmou”, e passou a usar seu corpo de uma outra maneira.

- **Contextos e relações**

Faby, Alexandre e Rayssa são os sujeitos da pesquisa que vivem o “estilo de vida *body modification* de ser”, eles têm uma forte ligação tanto com a prática da *body modification* quanto com os sujeitos que também estão associados a essas práticas, que vivem em outros lugares. Eles possuem algumas características em comum, como o fato de serem vegetarianos, com um estilo de vida mais “careta” (não usar drogas e nem consumir muita bebida alcoólica), possuem várias intervenções no corpo, estarem ligados ao movimento *straight edge*, profissões que estão relacionadas com o universo da *body art* e nos seus discursos há uma forte referência a valores como “família” e ser uma pessoa do “bem”.

Faby é casada com um tatuador, mas afirma que tem duas casas, uma onde mora com os pais e outra em que mora com ele. Trabalha no estúdio de tatuagem junto com seu companheiro, não tem filhos, mas disse que quer se estabilizar financeiramente para poder realizar o desejo de ser mãe. Outra característica em comum que percebi nesse grupo dos profissionais ligados a *body art*, é que analisando sua trajetória de vida, percebi que suas origens familiares são de classe social média baixa. Eles viveram em bairros da periferia de Natal e não tiveram acesso a escolas consideradas de boa qualidade, mas a profissão os ajudou a ascender financeira e

socialmente. Hoje possuem veículo próprio, fazem viagens (inclusive para fora do País), possuem entradas em atividades culturais (cinema, teatro, shows), têm acesso a bens de consumo e ajudam financeiramente seus pais.

Esse aspecto da independência financeira é bem relevante para discutirmos a ideia dos choques de *projetos* entre o modificado e sua família:

No início foi muito difícil, eu sou a caçula de três e somos completamente diferentes. Meu irmão é evangélico, minha irmã nem brinco usa e eu. Meu pai, minha mãe e meu irmão fizeram toda uma atmosfera do que eu iria ser, que é o que eu digo muito a minha mãe “você criaram muita coisa em cima de mim que não aconteceu”; que eu ia ser a bonequinha da casa, ia ser médica, advogada [...] qualquer coisa! Menos isso que eu sou hoje. Foi muito difícil eles se acostumarem [...] eles têm uma visão deturpada do que é tatuagem, que não é certo, aquela coisa toda. Foi muito difícil até eu mostrar pra eles que não era desse jeito que eles pensavam, que eu ia trabalhar, ganhar meu dinheiro. E quando eu comecei a trabalhar com isso eles duvidavam, “que isso lá é trabalho direito!” Até que eles começaram a perceber que eu trabalhava, ganhava meu dinheiro, tinha minha independência, também comecei a ajudar a pagar as contas em casa. Sempre comprando alguma coisa pra casa, aí eles começaram a perceber que isso é um trabalho, que dá pra sobreviver disso e ser assim... e eles começaram a perceber que não era uma coisa negativa, que não era o que eles queriam, mas eles respeitavam. Porque eles veem que eu sou feliz assim... eu sempre digo pra minha mãe: “mãe, você prefere que eu seja do que jeito que você quer mas infeliz, ou do jeito que eu sou mas feliz. Você prefere que eu seja infeliz, depressiva em casa, ou que eu seja assim e as pessoas olhem e achem diferente, mas que eu seja feliz (Faby, entrevistada em março de 2011).

As escolhas de Faby contrastam com as escolhas feitas por seus irmãos. Ela fala dos choques de projetos, um idealizado por sua família, que queriam que ela fosse a *bonequinha da casa, médica ou advogada*, e um outro seguido por ela, dentro do universo da *body art*. Faby, então, cria estratégias de *negociações* para lidar com esses desejos desencontrados: através da ajuda financeira, ela paga algumas contas e compra coisas para a casa dos pais. Ou quando ela afirma para sua mãe que é feliz desse jeito, e até pergunta se ela prefere ver a filha feliz ou depressiva.

Diante dessa troca financeira e dessa argumentação em torno da “felicidade”, cria-se um ambiente de maior possibilidade de aceitação, ou melhor, de respeito. E assim vão se estabelecendo as relações de conflito e negociação entre os modificados e seus familiares, tudo isso dentro da ideia da troca e reciprocidade.

Outro fato relevante é que, como para sua mãe esse universo da *body modification* proporciona um retorno financeiro, ela passa a defender a filha e suas modificações através do discurso econômico:

E aí minha mãe passou a aceitar e hoje em dia ela aceita, ela me defende. Se alguém na rua fala alguma coisa de mim, ela vai em cima, mete o “bocão”⁷³ mesmo, dizendo que tudo isso é caro. Hoje ela tem o maior orgulho de dizer que eu sou filha dela (Faby, entrevistada em março de 2011).

Perguntei se o fato de ser “livre de veneno”⁷⁴ (carne, drogas⁷⁵ e álcool) não ajudou nesse processo de aceitação pela família:

Ajudou muito mesmo, porque de uma certa forma você ganha mais confiança, porque infelizmente nesse meio existe muito disso. Então, eles tinham muito medo, que era muita droga, tudo muito liberal, mas como eu não era assim, eles ficaram mais tranquilos. “ela é assim, mas pelo menos não usa drogas”, não vai ter problema com a polícia, ou coisa assim (Faby, entrevistada em março de 2011).

As escolhas realizadas dentro das normas sociais entendidas como “corretas”, como o não uso de drogas, ajuda no processo de reconhecimento das modificações corporais. É uma medida amenizadora para uma prática bem estigmatizada, já que esse circuito conhecido como alternativo sofre uma forte relação com o uso de drogas, que também sofre uma forte estigmatização e é relacionado com setores considerados marginalizados. No entanto, acredito que essas especificidades presentes nas vivências e trajetórias dos sujeitos sejam fruto das construções subjetivas de cada um. Porque nem tudo que é subversivo é igual, nem todos os alternativos usam drogas, nem todas as tatuadas são libertárias.

Enfim, o que fica claro diante desse caso é a complexidade das experiências, porque segundo a visão de algumas pessoas, dentro desse contexto da *body art* o uso das substâncias psicoativas é algo bem comum. Através desse exemplo, podemos perceber a importância do trabalho de campo, porque assim desconstruímos

⁷³ Falar o que se quer, sem pensar muito nas consequências.

⁷⁴ Ela e Rayssa possuem essa mesma frase tatuada na perna: “livre de veneno”, é uma tradução da expressão *poison free*, que é um dos lemas do movimento *straight edge*.

⁷⁵ Uso a palavra “droga” porque essa é a nomenclatura falada por eles, sei que existe toda uma discussão sobre a utilização dessa palavra e que em alguns contextos é mais interessante utilizar a expressão *psicoativos*.

certas afirmações e generalizações, e passamos a perceber que nem tudo é o que parece ser.

- **Suspensão, dor e significados**

Faby já fez oito suspensões, a primeira foi aos 18 anos, uma flor de lótus⁷⁶. Depois ela não parou mais:

Eu fiz primeiro porque eu acho bonito e também eu tinha vontade de saber como era aquela dor e queria superar. Porque cada suspensão é diferente, tem uma que dói mais, outra que dói menos. Então era mais pelo fato de superar a dor e também por gostar. Eu gosto da dor, da experiência [...] eu gosto é de tudo! É todo um contexto, pra gente que faz é complicado falar [...] só fazendo pra saber! É muito relaxante é muito prazeroso [...] transcende! (Faby, entrevistada em março de 2011).

Essa superação que Faby menciona está relacionada com a dor primeiramente, mas também podemos pensar na superação em relação ao outro, já que o contato que ela tinha com sua amiga pode ter impulsionado a competição e a superação. Outra coisa que percebemos é a noção de *experiência*, as outras formas de intervenções corporais têm mais a ver com aparência estética, já a suspensão tem um caráter mais próximo a uma experimentação. Essa é uma experiência distintiva, em que, no momento que você passa a fazer uma suspensão, você muda seu status diante da *body modification*, dos seus praticantes e do grupo.

Ela fala da dor como uma sensação positiva – “eu gosto da dor” –, e dessa forma, pensamos no caráter relativo das sensações, já que a dor é reconhecida socialmente como algo não tão agradável, mas para Faby, ela tem um outro significado. A suspensão também é relatada como uma prática prazerosa, que pode ser vista não só como um prazer corporal, mas como um prazer social, já que envolve, como ela mesma falou, “todo um contexto”. Ou seja, é um prazer associado aos códigos representativos da *body modification*.

Ela fala sobre a ideia de “transcender”, que também vai estar presente nas representações de um outro informante. Podemos, então, fazer uma comparação com

⁷⁶ No terceiro capítulo descreverei como é cada suspensão.

outras práticas corporais consideradas alternativas, como a yoga e a meditação, que propõem essa mesma noção de transcendência, através de um conhecimento corporal, práticas nas quais o sujeito deve desapegar-se da matéria para atingir determinados fins, que seria o de chegar a sensações corporais não atingidas facilmente.

Não estou aqui querendo afirmar que as sensações da yoga ou meditação sejam as mesmas da suspensão corporal. Fiz essa comparação porque os sujeitos envolvidos com essas práticas corporais buscam seus significados e sentidos através da ideia de *transcender*, de se chegar a um nível diferente corporalmente falando, e também porque essas práticas consideradas alternativas possuem pontos centrais em comum, como a noção de conhecimento corporal e uma busca por vivências e experiências que fujam do convencional. Nesse sentido, pode-se afirmar que suspensão corporal possui uma forte relação com essas outras experiências do chamado circuito alternativo.

Para Faby, a dor deve fazer parte dos processos que envolvem as tatuagens e modificações corporais. Segundo ela, quem usa anestésico está tirando a essência dessas práticas: “Se vai fazer, tem que aguentar [a dor]”. Só nos casos das maquiagens definitivas é que ela disse que coloca um pouco de xilocaína⁷⁷, que alivia a dor, mas não totalmente. Perguntei qual modificação no seu corpo tinha doído mais, ela disse que não foi uma suspensão, mas sim um alargador no mamilo:

Doeu muito, e foi um sofrimento à toa porque depois tirei [...] Eu vejo a dor como algo que faz parte da vida da gente. Seja de diferentes formas, como por exemplo, quando a gente perde uma pessoa querida, a gente sente uma dor no coração da gente. Quando a gente faz uma tatuagem também a gente sente dor, mas assim, são coisas que tem que ser superadas. É o que eu costumo dizer: dor dá e passa. Você pode achar que vai morrer naquele momento, mas passa. Depois você esquece ou lembra, tenta superar, faz de novo, entendeu? (Faby, entrevistada em março de 2011).

Nessa fala, ela mesma relativiza a noção de dor. Essa comparação que ela faz entre “a dor do coração” e as dores de uma tatuagem, por exemplo, nos faz refletir sobre essas tantas dores que temos que enfrentar durante nosso dia a dia, mas temos que superá-las e ter o entendimento que “dor dá e passa”. Esse sentido relativo da dor seria uma forma de significar sua prática e de uma certa forma “naturalizá-la”, percebendo

⁷⁷ Anestésico leve.

que existem outras dores que são até mais incômodas do que uma suspensão ou tatuagem. Mas essa ideia de superação da dor tão presente nas falas dos sujeitos desta pesquisa, nos faz pensar também sobre a noção de individualismo. A partir do momento que o sujeito se prontifica a superar uma determinada coisa, tem-se um processo que envolve um fortalecimento pessoal. Esse indivíduo passa a se distinguir diante dos outros, por conta da sua coragem e seu potencial de superação, angariando assim prestígio social e reconhecimento diante dos outros.

Pedi para que descrevesse como foram pensadas e executadas as suspensões realizadas por ela:

O da bunda foi o seguinte: eu já tinha visto fotos, aí eu pensei: isso aí não é tão comum, poucas pessoas fazem, então eu vou fazer. É aquela história de ser diferente, foi isso que eu vi, e não tinha visto nenhuma mulher se suspender pela bunda. Eu tinha visto homens, não via mulheres. E pela expressão eu achava que era uma coisa muito dolorosa, mas é estranho, eu acho que é legal [...] então eu vou fazer. Eu vou me lascar, mas eu vou fazer. Tanto é que uns dias antes Alexandre ficava me perguntando o que eu ia fazer e eu dizia: “ah! eu tô pensando”, e um dia antes eu disse a ele que tinha decidido fazer um torso, aí ele disse: “Faby, tu é doida [...] vai se suspender pela bunda”; “vou”, aí ele: “homi, deve doer demais”; “eu sei, mas eu quero fazer”. Cheguei lá e fiz. Aí tive a ideia de furar o shortinho pra não ficar de calcinha (Faby, entrevistada em março de 2011).

Anteriormente é feita uma pesquisa sobre a suspensão que se pretende realizar, tendo as experiências de outras pessoas como modelo a ser seguido ou reconstruído. Os modificados procuram muitas informações sobre *body modification*, seus praticantes e suas referências. Eles conhecem os nomes das suspensões, quem já fez, qual o resultado, enfim, há toda uma busca por conhecimento relacionado a esse universo. Através dessa declaração de Faby percebemos o caráter performativo da suspensão, através da atitude dela em “furar o shortinho”. Perguntei então se as suspensões tinham mesmo esse lado performático e ela respondeu: “rola, tem que rolar [a performance]. Um posezinhas assim (nesse momento ela faz uma pose com as mãos) na hora da foto. Tem que fazer cara de que não tá doendo. Ah! E tem que ter a foto pra registrar”.

O próximo trecho da entrevista nos releva um pouco sobre as sensações de dor que ela sentiu durante as suspensões da bunda e dos seios:

- Você passa quanto tempo?

No começo eu passava mais, a do joelho eu passei meia hora. As outras foram menos, a da bunda foi menos tempo, foi cerca de 5 minutos, foi rápido. Porque doeu muito, porque dói no cú e a furada dói muito também... dói demais. Eu esperava que doesse, mas não como doeu. Acho que é porque essa pele é muito sensível [...] Quando vai subir dói muito, porque parece que tá rasgando tudo. A do peito também doeu muito, mas a dificuldade que eu tive foi com a respiração. Fiquei muito tempo sem respirar e procurava a respiração e não conseguia, e eu não conseguia levantar a cabeça, mas ainda consegui.

- Você já passou mau?

Não... Nunca! (Faby, entrevistada em março de 2011).

- **“Tenho uma consciência de vida diferente”**

Muito embora ela fale sobre essa “consciência diferente”, ela também reivindica algo “normal”, essa ambivalência está presente em quase todos os discursos dos entrevistados. Isso porque, o “ser diferente” diante dos outros é sempre falado, mas em compensação eles relatam suas modificações de uma forma que para eles é algo normal, que faz parte do seu cotidiano. Eu não percebia que a prática deles tinha como objetivo chocar as pessoas, ou até mesmo a mim, era tudo relatado de uma forma muito simples e “natural”. Ou seja, estamos diante de dois significados: o da diferença, mas também o da normalidade.

Certo dia Faby me contou sobre um filme que recentemente havia assistido, que contava a história de uma mulher que desejava muito colocar silicone nos seios. E ela relatou o filme da seguinte maneira: “Olha a loucura da mulher! Foi em frente ao espelho e cortou a parte de baixo dos seios com uma faca pra tentar colocar o silicone”. E aí a gente pensa: como as visões de mundo são relativas, não? Porque Faby já fez uma incisão na pele bem parecida com essa do filme, só que não foi pra colocar silicone, mas sim pra realizar uma suspensão. Para ela, a atitude da mulher foi uma “loucura”, mas colocar ganchos de metais acima dos seios pra se suspender não é tão louco assim. Nesse caso, ela quem era a “normal” e a mulher do filme, a diferente. Estamos o tempo todo lidando com esses valores, e na maioria das vezes, o que nos é familiar é percebido como normal e o estranho é que é diferente.

Os significados que ela atribui a suas marcações estão sempre relacionados com os outros e com a “sociedade”. Quando perguntei qual a intervenção que considera mais ousada, ela respondeu: “acho que é a língua bifurcada. Porque sempre que alguém vê, remete logo aquela coisa de língua de cobra”. Nesse caso, foi o olhar dos outros que determinou o caráter ousado da sua modificação. Continuando com a noção de “ser diferente”, ela completa: “me considero sim uma pessoa diferente [...] pela sociedade que a gente vive sim. As coisas que eu acredito e a vida que eu levo fogem muito do padrão”. Nesse momento seria impossível não relacionar com os *outsiders* de Howard Becker (2008: 15),

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamentos a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um *outsiders*.

A definição de Faby sobre o que é “ser diferente” e a ideia de *outsider* defendida por Becker se entrecruzam perfeitamente. Pois, além de Faby se perceber enquanto diferente, ela acredita que exista um padrão de comportamento para os que fazem parte da “sociedade”, mas que ela estaria fora dessas vivências, regras e experiências compartilhadas pelos outros.

O “ser diferente” não está associado apenas com ter o corpo tatuado e modificado. Faby segue o estilo de vida ligado ao movimento *straight edge*, que na tradução para o português seria “caminho correto”. Movimento ligado a setores da juventude que recebe influências dos grupos de contracultura *punk e hardcore*. Eles têm como lema a expressão *poison free*⁷⁸, que seria a abstinência de certas substâncias como o álcool, as drogas e o consumo de carne. Ela faz parte desse movimento há sete anos, e resolveu participar depois que assistiu a um vídeo sobre a crueldade contra os animais. Sua decisão foi ideológica. Um dos símbolos desse movimento é um “X” nas costas das mãos, e ela tem esse desenho tatuado nesse mesmo local do corpo. E pelo que percebi, ela vive realmente esse estilo de vida, ficando livre de todos “os venenos”.

⁷⁸ Livre de veneno.

Mais uma vez aparece uma ambivalência na sua trajetória, porque esse movimento é “pautado por posições rígidas e proibições expressas” (SOUZA, 2007), que contradizem totalmente a ideia de liberdade, principalmente corporal, ligada à prática da *body modification*. Faby também faz parte de um grupo feminista, o WENDOR. Segundo ela, nos encontros do grupo as participantes conversam sobre a situação da mulher na sociedade e desenvolvem técnicas corporais de defesa pessoal. Perguntei, então, se ela se considera feminista, e sua resposta foi a seguinte:

Sou uma feminista contemporânea [...] eu meu cuidado, eu tenho certas coisas que as feministas acham atrasadas: eu quero ser mãe, quero casar, ter minha casa. Às vezes elas não acham isso tão legal assim. (Faby, entrevistada em março de 2011).

Acredito que esses outros referenciais na vida de Faby, como a adesão ao movimento *straight edge* e a um grupo feminista, contribuam e muito para a construção do seu projeto corporal. Durante nossas conversas, sempre observava um lado “político” de perceber o mundo, seja em relação às mulheres, à defesa dos animais, à rejeição às práticas racistas e homofóbicas, ou até mesmo na forma de respeitar as outras modificações, como a das travestis: “Eu conheço vários [travestis]... Eles são pessoas felizes. Eles não nasceram do que jeito que queriam nascer, e se transformam pra ficar do que jeito que querem”. Todo esse conjunto de visões de mundo é o que produz e constrói seu corpo. Aquele ditado popular que diz “o corpo fala” se encaixa perfeitamente nesse caso. Faby não é só diferente na aparência, mas também nas suas percepções de vida e de mundo.

Para finalizar, trago aqui um trecho da entrevista onde ela fala sobre estética e uma reflexão sua acerca de uma pergunta feita constantemente aos tatuados: “E quando você ficar velho, com vai ser?”

A estética conta, mas não conta tanto assim, até porque vou ficar velha. As pessoas dizem “você tem o corpo assim porque você hoje tá bonitinha, mas depois você vai ficar velhinha”. Eu sei disso, a flor (tatuagem) vai ficar murcha, as minhas tattoos vão perder a forma, vão ficar cheias de pregas [...] Com todo mundo vai ser assim, comigo não vai ser diferente. Quer dizer, vai ser diferente sim, porque eu vou ficar uma velhinha interessante. Eu vou ter história pra contar, e vou ser uma velhinha que vou me destacar.

2. Herbert – “Suspensão com público dói menos”

Se com Faby eu tive um pouco de resistência em conversar sobre o tema da *body modification*, com Herbert as dinâmicas foram totalmente diferentes. Nos conhecemos num espaço de sociabilidade em Natal e ele já sabia que eu estava fazendo a pesquisa mas não me conhecia, então pediu para um amigo seu, que também era um dos informantes, nos apresentar. Achei interessante o fato de ter tomado a iniciativa e já no primeiro contato se mostrar bem empolgado em compartilhar comigo suas experiências.

Percebi que no caso dele havia uma necessidade de falar sobre um assunto que com outras pessoas não tinha uma grande abertura. Ele havia encontrado uma pesquisadora que não só escutaria, como também “valorizaria”, de uma certa forma, suas experiências. Ele é estudante de mestrado e acredito que isso também tenha facilitado essa abertura, pois entende a linguagem acadêmica e sabe da relevância de pesquisas como estas.

A partir desse primeiro contato, continuamos nos comunicando pela internet, e sempre que ele ia encontrar com seu outro amigo, que também fazia parte do universo desta pesquisa, me convidava para sair com eles. Esses encontros, geralmente em espaços de sociabilidade, como os bares alternativos, eram extremamente significativos para mim, porque eu começava a perceber certas características de cada um e qual a relação deles com a *body modification*. E dessa forma começava a refletir sobre alguns pontos que seriam amadurecidos mais adiante, principalmente no momento da entrevista. Minha inserção nesses espaços era interessante porque eu me tornava amiga/companheira deles, porém, em alguns instantes eles se lembravam da minha pesquisa e falavam algo como: “o gravador tá ligado?” ou então: “anota no teu caderninho isso que falei”, demonstrando que sabiam do meu interesse estando ali naquele contexto, e que portanto, nem tudo que eles estavam falando era totalmente espontâneo.

No entanto, Herbert tinha uma certa resistência em conceder a entrevista. Com já falei anteriormente, eu primeiro conhecia os sujeitos da pesquisa para, depois, usar o gravador e sistematizar as perguntas. A primeira tentativa de entrevista com ele foi totalmente frustrada, ele marcou na praia e não foi. Achei um pouco estranho ele ter marcado a entrevista nesse local, mas depois pensei que esse seria o lugar em que ele

poderia mostrar todas as suas marcas corporais, já que na praia as pessoas usam roupas que deixam o corpo mais à mostra.

Depois, ele marcou o encontro num Shopping Center, mas ligou antecipadamente dizendo que não poderia ir. Numa outra tentativa, resolvi perguntar se a entrevista não poderia ser no estúdio de tatuagem. Mais uma vez, ele não foi. Como a recusa também faz parte do processo de construção da etnografia, não desisti, mas teria que problematizar essa ausência dele nas entrevistas, porque nos outros momentos, menos sistematizados, ele se mostrava bem interessado em me ajudar. Perguntei a ele o porquê dessas ausências, e ele me respondeu: “depois que eu lhe der a entrevista, você não vai mais querer saber de mim”.

Enfim, descrevi essa relação que foi estabelecida no campo porque ela deve ser levada em consideração diante do que será discutido sobre a trajetória de Herbert e suas representações. Quando perguntei o que achava da minha pesquisa, ele respondeu que “veio aquela coisa meio egocêntrica e achei irado”, dizendo que ficou contente porque como faz parte do meio acadêmico, viu que existiam trabalhos alternativos, e isso dava força para continuar com sua pesquisa. “É a questão da ruptura, do diferente [...] é como se fosse uma revolução que faz evoluir o meio acadêmico”, afirmou. Ou seja, eu estava diante de um rapaz que queria muito falar e mostrar suas experiências com a *body modification*, que gosta de ser *diferente*, e que tem alguns conhecimentos sobre o funcionamento e andamento de uma pesquisa acadêmica.

Herbert tem 23 anos, mora em Recife/PE, onde estuda, mas sempre que pode vem a Natal, principalmente nos finais de semana. Mora numa casa com outros estudantes, ganha uma bolsa de mestrado, porém, recebe ajuda dos pais para complementar as despesas. Quando começou as intervenções no corpo, morava com o pai, é filho de pais são separados. É interessante o que ele fala sobre essa relação: “Bom mesmo é ter pais separados porque a relação é sempre mais sadia”. Já morou por um ano na Europa, e quando fez essa viagem já havia realizado algumas intervenções no corpo.

Em relação à aparência, o que mais chama atenção nele é a orelha alargada, mas sem os alargadores. Ele já teve 22 milímetros de abertura, o que é considerada uma modificação extrema. Porém não usa mais a joia e também não quis fechar o furo, fazendo com que uma parte da cartilagem fique aberta. Ele disse que várias pessoas perguntam se não vai fechar e ele responde que não, que gosta assim,

“porque é diferente”. Herbert possui várias tatuagens espalhadas pelo corpo, fez quatro suspensões, incluindo uma num show de rock para um grande público.

Porém, se fizermos uma comparação entre as modificações do corpo dele com a dos outros sujeitos desta pesquisa, percebermos que Herbert é o que tem menos intervenções no corpo. Porém, acredito que, mesmo o corpo dele tendo um número menor de modificações, o fato de frequentar espaços sociais mais “misturados”, ou seja, em que não predominam o grupo dos tatuados, possa causar um maior estranhamento. O corpo de Faby, o de Alexandre e o de Rayssa, são os que possuem mais intervenções, mas eles trabalham com a *body art* e se relacionam afetivamente com pessoas do mesmo circuito.

Já no caso de Herbert, que trabalha com arqueologia, viajando por cidades do interior do Rio Grande do Norte, é estudante numa Universidade pública, onde embora haja uma maior aceitação por marcas corporais, não se configura como um ambiente “tatuado”. Ele se relaciona afetivamente com uma jovem que não possui nenhuma intervenção no corpo. Dessa forma, há um destaque maior para suas intervenções, como também olhares e comentários a respeito das suas marcas. Por isso que o discurso do ser “diferente” é algo muito presente nas suas falas, porque ele convive com pessoas que não compartilham da mesma construção corporal que a sua, tornando-se um “diferente”.

É dele inclusive a frase que me marcou muito durante o campo e que me serviu de inspiração para trazer a discussão sobre os contextos complexos: “somos diferentes para nos sentirmos normais”. Ou seja, é através de um maior contato com outros “diferentes” que o sujeito com uma identidade dissidente se sente um “normal”.

- **Iniciação**

Assim como Faby, o processo de iniciação de Herbert nas modificações corporais está bem interligado com as relações que estabelecia e estabelece com outras pessoas. A noção de *imitação prestigiosa* (MAUSS, 1974) entra de novo em cena e dessa vez também associada a um “ar de competição”:

Eu tinha uma namorada que tinha a orelha alargada, Jaqueline, acho que era a namorada mais bonita que já tive. Ela começou alargar, aí eu

disse: então vou alargar essa porra. Aí ela começou com 3 (milímetros) e eu me uma semana já tava com 5. Agora eu tirei, mas eu cheguei a 22, 23 (milímetros) (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Nesse caso, não procurou imitar qualquer pessoa, buscando um processo de identificação corporal com a namorada que, segundo ele, “era a mais bonita”. A reprodução se dá através de um modelo que é bem reconhecido e valorizado socialmente, e nesse exemplo, é a beleza da namorada que recebe esse valor. Com as tatuagens foi uma ação contínua, ele disse que procurou o estúdio de Rayssa e Alexandre para fazer a primeira e que depois não parou mais.

Durante esse período, passou a estabelecer uma relação de amizade mais intensa com esse casal e também com Henrique, e mais uma vez entra a noção de uma “competição” entre eles. Só que dessa vez é algo que passa a fazer parte do discurso deles e há também uma conscientização desse processo.

Primeiro perguntei se ele havia influenciado Henrique a se tatuar, ele responde que “sim, mas se você for perguntar pra ele (Henrique) ele vai dizer que não” (risos). Claro que a noção de uma imitação não é tão bem vista, já que, nesse circuito o que é valorizado é o lado ousado, diferente e singular de construir e modificar seu corpo. Por isso que Herbert diz que Henrique irá negar essa associação. E ele continua o assunto:

É que nem quando ele [Henrique] fez a tatuagem dele, eu fiz primeiro e acho que de uma certa forma eu que influenciei ele. Alexandre vai dizer que existe uma rivalidade entre a gente [Herbert e Henrique].

- Existe uma rivalidade entre Faby e Bruna?

Tem sim, mas a minha com Henrique é positiva. É uma coisa sadia.

- Vocês competem em outras coisas?

Só com tatuagem e mulher.

- E como é?

De mulher ele tá ganhando, porque ele começou a fazer academia e é modelo, aí tá ganhando. Mas ele teve inspiração em mim, no fundo no fundo (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

As relações de amizade vão contribuindo significativamente para o projeto corporal de Herbert, como também para outras relações, afetivas ou sexuais, por exemplo. É interessante perceber como, nesse caso, a mulher entra como “moeda de

troca”, um troféu no processo de competição entre os rapazes, ou seja, quem namora mais mulheres é o que está “ganhando”. Depois pergunto se Alexandre influenciou a sua decisão em realizar as suspensões, ele responde: “sim, ele [Alexandre] fica botando pilha pra gente subir”. E mais do que isso, o fato dele ser vegetariano também é fruto dessa relação. “Alexandre influenciou minha vida!”, afirma Herbert. Mais uma vez, percebemos como essas ligações sociais vão interferindo na construção pessoal de cada um, sem esquecermos que o fato de ser um grupo de jovens faz com que essas relações de imitação se tornem mais intensas e aproximativas.

- **Contexto e relações**

Pelo fato de Herbert ter uma trajetória social em que convive com indivíduos de diversos grupos e identidades corporais, além de incorporar o discurso da diferença, também comenta sobre alguns mecanismos relacionados com prestígio social, principalmente levando em consideração o que ele chama de “playboys”, que seriam aqueles jovens que estão dentro dos padrões corporais e relacionais legitimados socialmente.

Em Natal, eles são representados pelos rapazes que usam roupas mais ou menos parecidas, frequentam lugares considerados de “playboys”, escutam forró e sertanejo universitário e valorizam muito questões relacionadas com dinheiro, como um automóvel caro, um celular com muitas tecnologias ou roupas que de uma certa forma ostentem um valor financeiro.

Já os alternativos não possuem uma maneira muito estilizada de se vestir, alguns usam roupas pretas, outros têm um estilo mais hippie, frequentam lugares considerados “alternativos”, têm um gosto musical ligado ao rock, MPB e reggae, e valorizam questões relacionadas com o “saber intelectual” e o uso de psicoativos, principalmente a maconha. Comentei aqui de uma forma mais geral para exemplificar esses grupos abordados por Herbert, no entanto acredito que numa pesquisa de campo mais específica, perceberíamos que tais grupos não possuem essas características de uma forma tão fechada e fixa, mais uma vez reforçando que as margens sociais entre os indivíduos de determinados grupos são extremamente borradas e flexíveis.

Essas diferenças [entre playboys e alternativos] só existem num espaço social [ele quer dizer espaço de sociabilidade], num espaço de trabalho não existe essa diferença, certo? A diferença mesmo é a roupa que usam e as pessoas que andam [que são os amigos] e tem uma velha estória que diz que “playboy” tem mais dinheiro, mas isso não é verdade não. Tem muito “playboy” que tem pouco dinheiro, mas gasta uma nota com roupa, só pra se sentir bem aceito no meio. Mas tem muito alternativo que tem grana e que veste uma roupa feia pra se sentir bem aceito no meio também (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Ele completa sua fala com a seguinte afirmação: “Enquanto o playboy tem seu paredão [carro com som], os alternativos têm suas tatuagens” (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

É interessante esse comentário sobre tais diferenciações porque ele comenta as estratégias de inserção social ou grupal realizada pelos sujeitos. Entre os “playboys” há a valorização do “paredão”, que seria um carro que possui um som com uma grande potência, ou seja, quanto mais potente o carro e o som, mais reconhecido o sujeito será entre seu grupo.

Já entre os alternativos, quanto mais tatuagem ele tiver, segundo Herbert, mais prestígio social ele também terá. Por isso é que um dia quando estávamos num espaço de sociabilidade, ele disse: “Aqui eu sou valorizado”. Suas tatuagens e modificações nesses espaços alternativos ganham um novo valor. Pude observar também que nesses espaços de sociabilidade há uma exibição maior das tatuagens, é comum em alguns shows de rock os rapazes tirarem a camisa e mostrarem suas marcas corporais. Igualmente, acredito, que também seja nos espaços de sociabilidade que os “playboys” mostrem seus paredões de som.

Essas duas formas de se obter prestígio social (tatuagem e paredões) podem estar relacionadas também com uma aproximação entre os sujeitos, seja uma relação afetiva ou de amizade. Como relata essa música de forró, que é um dos estilos musicais mais escutados pelos “playboys”:

Pego meu carro, meus amigos e vou pro bar
Ligo o meu paredão de som e as mulheres começam a chegar (Música de Forró: “O Delegado e o juiz”; banda: Mulher Chorona).

Para alguns sujeitos que se autorreferem como alternativos, e inclusive Herbert deixa claro nas suas falas, o comportamento e atitude dos playboys são

reprováveis, desvalorizados e até inferiorizados. É como se o estilo de vida do “outro” fosse estranho e menos interessante; a importância dada aos carros e os sons, o estilo de música que eles escutam, a extrema consideração às questões financeiras, enfim, tudo isso se transforma em discurso desvalorizado pelos alternativos. Provavelmente, entre os playboys acontece a mesma coisa, só que ao contrário.

Continuando com esse universo das músicas de forró, uma outra canção fala sobre tatuagem nas mulheres, fazendo uma associação com uma categoria estigmatizada socialmente, a prostituição:

Você passou dos limites, tava dando bola até pros meus amigos,
fazendo escola em mesa de bar
Fez uma tatuagem, frequentou lugares que nem prostituta, se vai
frequentar eu não vou perdoar (Música: “Não vou perdoar”;
Banda: Aviões do forró).

Essa relação entre a mulher tatuada e as prostitutas é algo bem comum no campo da tatuagem, escutei diversas vezes esse tipo de associação quando iniciei meu campo num estúdio de tatuagem “comercial”. Em uma das conversas, uma mulher com aproximadamente 40 anos que iria tatuar as iniciais dos filhos, disse que o seu marido reprovava a tatuagem porque para ele: “isso é coisa de puta. Se você for na Rua do Salsa⁷⁹ vai encontrar várias mulheres tatuadas”. Na entrevista com Herbert, ele afirmou que suas tatuagens atraem a atenção das pessoas, e então perguntei se entre as mulheres tatuadas era a mesma coisa, ele respondeu o seguinte:

Só que na mulher afasta. Porque a gente vive num mundo machista. E não sei se você já ouviu, mas tem uma frase que os homens dizem que é assim: “mulher com tatuagem fode”. A princípio atrai, por conta do fetiche, mas depois não sei, acho que afasta (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Faby também comentou a mesma coisa, que às vezes está andando na rua e os rapazes soltam piadinhas machistas, sempre de caráter sexual, sobre suas tatuagens. Mas por que essa associação? É inegável que o passado da tatuagem está um pouco relacionado com esse lado da prostituição, visto que, quando a tatuagem chegou ao

⁷⁹ A Rua do Salsa é conhecida local, nacional e internacionalmente como um espaço de prostituição. Essa associação é realizada de uma forma carregada de preconceitos e estigma.

Brasil, trazida pelos marinheiros, foram as prostitutas as primeiras mulheres a se tatuarem. Porém, não acredito que seja essa a “justificativa” para tal associação.

No livro *A Casa e a Rua*, Roberto DaMatta (1985: 47) comenta a situação feminina em determinados contextos, principalmente o da casa: “as mulheres estão, como os criados e os empregados, sob o controle dos homens, numa escala hierárquica”. E complementa fazendo uma relação entre a mãe solteira e a prostituta, afirmando que as duas vivenciam situações de preconceito ou estigma porque elas quebram com o controle masculino, em que um homem só detém o poder sobre o corpo da mulher. A mãe solteira, por engravidar sem o marido, e a prostituta, por “vender” seu corpo pra vários homens.

Acredito que possa existir essa relação entre a tatuada e a prostituta porque ambas rompem com os padrões corporais e, de uma certa forma, fazem uso do seu corpo do modo que querem, passando por cima de uma “dominação masculina” que determina formas e maneiras de se portar e usar o corpo. Mas isso não é só com a tatuagem, é comum escutarmos algumas mulheres falando que não pintam as unhas de determinada cor porque o marido não gosta, ou que não cortam o cabelo porque o marido prefere comprido.

Dessa forma, percebemos que o corpo da mulher, para ser bem aceito por alguns dos seus companheiros, deve ficar longe de marcas corporais e formas desviantes. Como Herbert mesmo fala: “vivemos numa sociedade machista”. Porém, as tatuadas, as prostitutas, as lésbicas, as militantes feministas, as travestis, estão por aí usando seus corpos e suas vivências para quebrarem esses padrões e romperem com certos valores machistas, e assim ajudarem a construir novos olhares e experiências subjetivas acerca do corpo, gênero e identidades.

Entretanto, não podemos esquecer que a relação entre preconceito e tatuagem é muito mais complexa, pois o estigma e o preconceito não estão unicamente associados com um corpo feminino tatuado, mas sim com várias outras questões: como o desenho da tatuagem, os locais, as posturas em que seus corpos e atitudes se inserem em relação ao masculino e aos padrões sociais. Enfim, podemos pensar essa relação de gênero refletindo exatamente dentro de um universo relacional e contextual. Outra ideia sobre a qual podemos pensar é a ambivalência provocada pela mulher tatuada, porque em alguns momentos provoca-se uma relação de fetiche, mas em outros também existe a questão do preconceito. Ou seja, há uma complexidade envolvendo essas relações e os significados atribuídos a elas.

Voltando um pouco à questão da aproximação entre os sujeitos, que pode ser ocasionada, por exemplo, pelo paredão de som ou pela tatuagem, pode-se afirmar que as intervenções corporais representam um fenômeno corporal que agrega os indivíduos. Fica claro, durante esta dissertação, que os sujeitos desta pesquisa se conheceram e aprofundaram suas relações também por conta da tatuagem e das modificações corporais. Sendo assim, elas se configuram como um elo entre esses indivíduos. Porém, a tatuagem não funciona só como uma agregadora grupal, existem relações também que são estreitadas e mais intensificadas através dessas marcas corporais, como por exemplo, as tatuagens em homenagem, que são aquelas que têm o nome ou a fisionomia da pessoa querida, ou mesmo possuem um significado que esteja relacionado com outra pessoa.

Esse tipo de tatuagem (em homenagem) é o que mais está movimentando os estúdios de tatuagem hoje em dia. Podemos até falar que a maioria das pessoas que tem tatuagem no corpo ou fizeram a tatuagem para homenagear alguém diretamente ou então associam à tatuagem a algum momento da vida que esteja relacionado com outra pessoa.

No livro *Teoria das Compras* (2002), Daniel Miller fez uma etnografia do consumo nos supermercados de Londres, desenvolve uma descrição do ato de comprar não só como algo negativo ou influenciável (pelos meios de comunicação), mas também como uma expressão de amor. Através das compras realizadas pelas donas-de-casa se fortaleciam os laços de parentescos entre elas e os seus familiares.

A tatuagem, em algumas situações, tem um sentido bem parecido com esse fato relatado por Daniel Miller (2002), uma relação de consumo que também está envolvida por uma questão de aproximação entre as pessoas. Não me refiro apenas às tatuagens em homenagem, que seriam uma aproximação mais direta, como também às relações que se estabelecem entre os sujeitos, tendo a *body modification* como principal fator de conexão entre eles, que é o caso dos sujeitos desta pesquisa e dos participantes do *Suspension Day*.

As marcas corporais produzem reações as mais diversas possíveis nos outros indivíduos e essas reações (de curiosidade na maioria das vezes), em algumas situações, são transformadas em discursos aproximativos, um diálogo, diríamos assim. Como nos conta Mirna, 31 anos, estudante de mestrado em Filosofia, que possui o braço todo tatuado:

Quando eu fiz, eu fiz pra mim. Mas depois eu pensei que não é só pra mim porque tá no meu corpo e as pessoas olham. Sempre vem alguém falar das minhas tatuagens. Antes de fazer eu não sabia que ia repercutir desse jeito [...] As pessoas vêm me perguntar porque eu fiz, o que significa, se doeu, se eu me arrependi (Mirna, conversa durante um Festival de Rock em Natal/RN, 2010).

Na trajetória e nos discursos de Herbert, pude observar que ele é um rapaz das “intensidades”, tudo para ele é vivenciado de uma forma muito intensa e grandiosa. Até a relação que estabeleceu comigo foi de uma forma bem aproximada, e toda essa intensidade de vida é traduzida na sua forma de construir o corpo através das tatuagens e das suspensões. Ele tem uma ligação muito forte com a música, inclusive já teve uma banda de rock. Atualmente gosta de escutar rock inglês e música brasileira, principalmente Caetano e Otto. Segundo ele, “música é a melhor coisa do mundo. Eu devia fazer como *Nietzsche*, esquecer tudo e ir estudar música, a música me inspira”.

Durante o desenvolvimento da pesquisa ele sofreu um acidente de carro. Estava em alta velocidade e foi desviar de um senhor que atravessava a rua quando seu veículo capotou. Foi um acidente grave, ele ficou internado por quase dois meses. Quando ligou para me falar do acidente, ele disse: “venha aqui no hospital me visitar e ver a *body modification* que eu ganhei no meu braço”, fazendo uma referência às consequências do acidente, relacionando-as também com as modificações corporais.

Ele é praticante de *jiu jitsu* e tem uma preocupação com sua aparência física, algumas vezes, por exemplo, comentou que sua barriga estava grande. No seu discurso há uma grande referência ao uso de drogas (palavra nativa), ou psicoativos (academicamente correto), mas sempre fazendo alusão a algo do passado: “Faço *jiu jitsu*, quando eu tinha 13 anos eu fiz dos 13 aos 16. Aí parei no período das drogas pesadas e voltei agora, e agora voltei à minha vida de esportes, eu espero” (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011)

Com relação ao consumo de bebida alcoólica, ele diz: “quando eu bebo eu fico com uma autoestima do caralho”. É interessante notar, e quero que isso fique bem claro durante o texto, que há uma diferenciação entre o discurso dos profissionais da *body modification* (aqui representados por Faby, Rayssa e Alexandre) e os não profissionais (Henrique e Herbert) em relação ao consumo de drogas e álcool. Se os primeiros querem desvincular a associação drogas das modificações corporais, os outros já não demonstram tanto essa preocupação nas suas falas. Podemos então pensar, e isso já comentei anteriormente, que essa desvinculação por parte desses profissionais é uma

forma de legitimarem suas práticas e profissões, já que esse universo alternativo já é muito marcado e estigmatizado pelo uso de drogas.

Ele diz também que é viciado em adrenalina, e que talvez seja esse um dos motivos que lhe façam gostar de suspensão corporal, “a suspensão é o suprasumo das minhas experiências doidas” (Herbert). Continuando o discurso das “intensidades”, ele fala que pretende se tatuar mais e mais:

Eu tô doido pra fazer outras tatuagens, só tô com medo de faltar espaço (no corpo) pra poder fazer mais depois. Eu quero ter muito dinheiro e ir pra Europa e me tatuar lá. Eu ainda tenho as costelas, um braço, uma parte das costas e o pescoço. Eu quero tatuar meu pescoço, sempre achei massa tattoo no pescoço. Eu quero aqui na frente, oh! Quero mesmo (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Além de ter a intenção de tatuar o corpo quase todo, demonstrando então que esse será o seu projeto corporal, ele tem o desejo de marcar a parte da frente do pescoço, essa região do corpo, junto com o rosto, são as partes consideradas mais estigmatizadas socialmente. Inclusive alguns tatuadores se recusam a tatuar essa parte do corpo, temendo que o tatuado depois se arrependa. Esse foi o caso de uma jovem belga que tatuou 56 estrelas no rosto. Arrependida, depois colocou a culpa no tatuador, dizendo que havia dormido durante a sessão de tatuagem e não percebeu que estava sendo tatuada nessa parte do corpo. Em seguida, desmentiu essa história e disse que queria as tatuagens, mas que se arrependeu diante da reação das pessoas ao verem seu rosto tatuado.

Herbert, assim como Faby, Alexandre e Rayssa, é vegetariano. Na minha experiência no *Suspension Day* percebi que várias pessoas ligadas à suspensão corporal e a *body modification* também compartilham essa mesma experiência: de não comer carne e respeitar os animais. Essa relação com os animais fica clara nos corpos de alguns sujeitos que possuem modificações corporais. Como por exemplo, alguns casos de modificados que transformam todo o corpo para parecer com algum animal específico, os mais conhecidos são Erik Sprague, o “homem lagarto”, que se modificou através das tatuagens, língua bifurcada e dentes afiados, para que seu visual lembrasse esse réptil, ele inclusive faz shows para exibir seu corpo e realizar algumas performances, como comer insetos. A outra é Priscilla Davanzo, que tem inspiração nas

vacas para transformar seu corpo, ela é artista plástica e, assim como Orlan,⁸⁰ também utiliza suas modificações como forma de protesto. Além de ser vegetariana, ela diz que o fato da vaca ruminar lhe inspirou: “é uma metáfora para pensar. De pensar bem as coisas, repensar e continuar pensando. É esta a ideia” (Priscilla Davazo, entrevista no site UOL, 22 maio 2002).

Sobre o fato de ser vegetariano, Herbert disse: “É uma representação política, ser vegetariano é uma posição política. Dentro do circuito alternativo a gente tem que defender alguma posição (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011)”.

Através dessa fala, e relacionando com a trajetória dos outros sujeitos desta pesquisa, percebemos que estar inserido no circuito alternativo requer não só um estilo de vida ligado a referências que não são os padronizados socialmente, um estilo de vida dissidente. Requer também um engajamento político em alguma causa, seja ela o vegetarianismo, o feminismo ou até mesmo as discussões em torno da legalização da maconha, como é o caso de Henrique, sobre o qual falarei mais adiante.

Em determinadas situações quando se fala em suspensão corporal, algumas pessoas relacionam o visual da suspensão com as carnes que ficam penduradas nos supermercados, frigoríficos ou feiras livres. E de fato, existem algumas semelhanças visuais sim: os ganchos, a pele descolada e o sangue. Perguntei a Herbert sobre essa relação, relacionando também com o vegetarianismo e a ligação deles com os animais. A pergunta foi se a suspensão corporal teria alguma associação com o fato de serem vegetarianos, se essa não seria uma forma de reivindicar ou de chamar a atenção ao não consumo de carne e ao sofrimento do animal;

É uma forma de simbolismo sim, de representação. É também um tributo a todos os animais, mas também essa é uma posição pessoal. É um discurso político sem voz, só com imagem. Os *hare krishna* têm o rabinho no cabelo pra representar a vaca. Pois pronto, a gente tem a suspensão (Herbert, conversa em agosto de 2011).

Perguntei a Faby também sobre essa associação, e ela respondeu:

Eu acho que é porque os animais sofrem preconceitos também, você sabia? Eles sofrem preconceitos como a gente, as pessoas agem como se eles não tivessem sentimentos. “Ah! É um bicho, você pode bater e chutar. Amanhã eu vou matar ele e comer”. Eu me identifico muito

⁸⁰ Mais adiante, comentarei um pouco mais sobre essa artista.

com eles, a falta de respeito que as pessoas têm com eles têm comigo também. Sendo que a diferença é que eu posso me defender, eu posso falar, eles não. Eu acho que é isso, a gente se identifica muito com eles, mas eu falo por mim (Faby, entrevistada em março de 2011).

Primeiro, notamos que estamos diante de corpos metaforizados e híbridos, isso porque existe essa ligação visual entre as modificações corporais e as imagens de alguns animais. Porém, não há uma relação tão direta, os sujeitos desta pesquisa não intervêm em seus corpos com a intenção de ficarem parecidos com os animais. Inclusive quando perguntei a Herbert sobre essa relação, ele ficou bastante surpreso porque até então não havia refletido sobre tal ligação. Eles transformam seus corpos para se aproximarem do universo da *body art*, mas esse universo tem um forte enlaçamento com as características agregadas à natureza e aos animais. E nesse momento as relações se entrecruzam, juntando o vegetarianismo, a *body modification* e as ideias alternativas, tendo como fio condutor e aproximador a ligação ao circuito com o “natural”. Outra questão que observamos é a comparação estabelecida por Faby entre o preconceito que sofrem os animais e os modificados, ou seja, os dois são desacreditados e desvalorizados socialmente. É como se os sujeitos que modificam seus corpos não fossem levados a sério pelas outras pessoas, assim como acontece com os animais.

- **Suspensão e seus significados**

Como já falei anteriormente, Herbert fez quatro suspensões. Na primeira ele tinha 18 anos:

O que me motivou foi Alexandre dizendo: “bora, bora, bora, bora”, mas também eu tinha uma vontade de saber como era a dor. Eu gostava de dor, minha ex-namorada me dava uns tapa e eu gostava. Eu já tinha visto a suspensão de Bruna, no show de Ratos de Porão, e de Faby, que eu tinha ajudado a fazer. E eu ficava naquela de subir. Você se sente especial por fazer uma suspensão (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Mais uma vez percebemos a influência de Alexandre, o modificador e também o fato de já ter visto outra suspensão e com isso ter a vontade de fazer. Nesse caso,

notamos como os sujeitos são complexos e como reagem de forma diferenciada aos acontecimentos sociais. Se para alguns o fato de ver uma suspensão causa uma sensação incômoda e agressiva, para Herbert a sensação foi justamente o contrário, despertou nele a vontade de fazer. A primeira suspensão que fez foi pelo joelho e sobre a dor sentida, comentou algo comum nas falas dos sujeitos que já se suspenderam:

O que dói é o tempo entre furar e subir, o tempo que tá colocando a cordinha. Quando fura dói menos do que uma injeção, queima um pouquinho, mas é tranquilo. Quando o gancho tá parado dói, porque teu corpo fica latejando, como se fosse expulsando do corpo, mas aí quando sobe a cordinha dá um alívio tão grande. Quando vai puxando sua pele dá um alívio tão grande (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

E continua: “O olhar [para o momento da furada] dói menos, eu percebi que olhando dói menos. Quando eu não olho, dói um pouquinho mais” (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

A sensação de dor para Herbert tem uma forte ligação com estar participando da situação. Para ele, o momento mais doloroso é quando os ganchos estão parados, ou seja, quando não tem nada o que fazer, quando não estar *ativo* naquele momento. Além do mais, para ele, “olhar dói menos”, ou seja, ele passa de uma situação de *passividade*, que seria o não olhar e, portanto não participar, para uma de *atividade*. Olhando para o furo, ele passa a ser “ativo” na situação.

Pergunto o que é suspensão para ele:

- Eu faço pra me sentir bem comigo mesmo, é uma questão de superação pessoal, um desafio, puro prazer.
- Tem a ver com sexo?
 - Tem sim, o prazer! É como gozar (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Essa relação entre a suspensão corporal e um provável erotismo já foi sinalizada por Camilo Braz (2006: 142, 144) na sua pesquisa. Ele não chega a fazer uma conexão direta entre a *body modification* e as práticas sadomasoquistas, mas aponta para possíveis conexões. O elo central que aproxima essas práticas seria a noção de transgressão, já que as duas estariam desconstruindo certos valores ligados ao corpo e

ao prazer. Os *piercings* genitais, a relação com o prazer sexual, as performances erotizadas e sensualizadas, a tatuagem como uma forma de chamar o olhar do outro para certas regiões do corpo (como virilha ou seios), isso tudo comprova, de uma certa maneira, essa possível aproximação. No entanto, confesso que tive um pouco de dificuldade em me aprofundar nessa relação.

A segunda experiência de Herbert com a suspensão corporal foi num show de rock realizado em Natal:

Nesse evento de *rock underground*, eu não me lembro quem ia tocar só sei que teve Catarro (banda de rock). Faby se suspendeu primeiro, a galera achou massa, mas ficou todo mundo calado. Aí quando eu subi e fiquei me amostrando, eu sou amostrado mesmo, quando eu vi o silêncio comecei a me balançar. Aí a galera começou a virar, aí foi como me incentivassem, me balancei tanto que quase bati no teto, segurei Rayssa e tudo mais (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Alexandre disse que Herbert ficou totalmente empolgado com a reação do público, que vibrava com sua performance. Contagiado, ele ficou suspenso por um bom tempo e também se balançava de um lado para o outro. Vi uma foto dessa suspensão, e era como se ele estivesse em cima das pessoas, mas não pude perceber ao certo qual era a reação delas. Porém, acredito que naquele espaço nem todas as pessoas já tinham visto uma suspensão corporal, ou mesmo gostariam de ver, já que o intuito do evento era show de rock e não um encontro de suspensão corporal, um pouco diferente do *Suspension Day*.

Dessa forma, penso que a performance de Herbert pode ter causado uma espécie de estranhamento nas pessoas, isso porque nem todos os indivíduos ligados ao circuito alternativo apreciam as modificações corporais. Isso também pode ter surtido um efeito no seu desempenho durante a suspensão. E sobre esse dia, ele complementa: “suspensão com público dói menos” (Herbert, entrevistado em fevereiro de 2011).

Assim, percebemos que todo esse clima afetou sua sensação e seus significados em relação à *dor*. Como haviam diversos olhares para a suspensão, e olhares diferenciados, Herbert teria que demonstrar que “suporta a dor” de uma forma bem mais intensa, sua performance teria que ser mais profunda e até superada, já que, segundo ele, na suspensão de Faby “a galera ficou calada”.

Camilo Braz (2006: 131) constatou através da sua pesquisa que “os discursos sobre a superação da dor na *body modification* ligam-se a uma certa noção de virilidade”. E assim podemos estabelecer uma relação entre essa noção da construção da masculinidade/virilidade com a performance de Herbert e suas falas sobre o suportar a dor, já que, quanto mais olhares, mais suporta-se a dor.

Sobre essas relações situacionais envolvendo as sensações da dor, LeBreton (1999: 9) nos fala que “A relação íntima com a dor depende do significado que está envolvido no momento em que afeta o indivíduo [...] Porque a dor é, em primeiro lugar, um fato situacional”. Ou seja, os sentidos atribuídos por Herbert para a sensação da dor experimentada no momento das suspensões estão intimamente ligados ao contexto em que elas foram realizadas e também aos olhares dos outros, demonstrando dessa forma, que a dor é antes de tudo uma impressão relativa.

3. Henrique – “Só quem fez é que vai saber”

Num primeiro olhar, a imagem de Henrique chama muito atenção, porque ele tem a pele branca e várias tatuagens coloridas pelo corpo. Ele é modelo, ou seja, é um rapaz que tem um visual socialmente reconhecido como belo. Através da observação de algumas fotos, pude perceber as mudanças corporais pelas quais ele passou e vem passando. Na sua primeira suspensão, quando tinha 18 anos, era bem magro e tinha poucas tatuagens, ao contrário do que se vê atualmente, através de atividades físicas, principalmente a musculação, ele adquiriu um corpo musculoso, e o adornou com várias tatuagens.

Fora essas marcações, ele tem um *piercing* genital e já fez duas suspensões, uma pelas costas e outra pelo joelho. Na primeira vez, ele ficou tonto e sua pressão baixou, mas nem por isso considerou a experiência desagradável ao ponto de não querer repeti-la. Nos conhecemos na Universidade, ele é estudante de História e diz que quer seguir a carreira acadêmica, que pretende fazer mestrado e doutorado.

É interessante notar que os dois sujeitos desta pesquisa que não estão inseridos na profissionalização da *body art*, estão dentro do contexto acadêmico. Seria o espaço da Universidade um ambiente mais tolerante com pessoas que aceitam mais as modificações corporais e as diferenças? Henrique respondeu que “sim”, que dentro do

circuito acadêmico ele não precisa ficar escondendo suas tatuagens como fazia quando trabalhava numa empresa de aviação.

Podemos citar, a título de exemplo, o caso de uma modificada conhecida mundialmente por conta das suas intervenções. Orlan, professora de Belas Artes numa universidade francesa⁸¹, cujas modificações não são as mesmas realizadas pelo grupo desta pesquisa, modifica seu corpo e rosto através de cirurgias plásticas. Seu objetivo também não é o mesmo que o das intervenções cirúrgicas realizadas comumente, ela transforma seu corpo de uma forma não estética ou não padronizada, dentro de uma implicação artística. Diferentemente dos sujeitos desta pesquisa, seu discurso sobre suas transformações é um discurso político e reivindicatório, ela usa seu corpo como uma forma de protesto a certos valores e padrões corporais, de gênero, artísticos e de autonomia:

Meu trabalho é uma luta contra a natureza e a ideia de Deus, a inexorabilidade da vida, DNA baseado em representação. E é por isso que fui para a cirurgia estética, não olhando para melhorar ou rejuvenescer, mas para criar uma mudança total de imagem e identidade. Eu afirmo que dei meu corpo para a arte. A ideia é levantar a questão do corpo, o seu papel na sociedade e nas gerações futuras, através de engenharia genética, para mentalmente nos prepararmos para esse problema (Orlan)⁸².

A iniciação de Henrique com a tatuagem foi um pouco diferente dos demais, ele iniciou aos 16 anos e disse que nesse período passou 10 meses se tatuando intensamente. No seu discurso não percebi a influência de nenhum outro amigo nesse processo de iniciação, porém, depois que já havia feito algumas intervenções, começou a estabelecer uma forte relação de amizade com Rayssa e Alexandre. E foi através dessa relação que o seu contato com a suspensão corporal começou a ganhar força. Ele disse que já buscava algumas informações na internet e não procurou Alexandre para realizar uma sessão de suspensão, ele começou pela tatuagem e *piercings* e depois, através das conversas e trocas de experiências, foi surgindo o interesse pela suspensão.

Durante a pesquisa de campo vi uma sessão de tatuagem feita por Rayssa em Henrique, foi no antebraço, um desenho oriental. Foi uma sessão bem demorada, ao todo foram 6 horas de tatuagem, o que é considerado um tempo longo para um processo doloroso, inclusive formando uma íngua embaixo da sua axila, uma reposta do corpo

⁸¹ Na Ecole des Beaux Arts, em Dijon na França.

⁸² <http://www.orlan.net>

àquela situação. A tatuadora, por diversas vezes, perguntava se ele não queria parar, e ele respondia que “não”, que estava aguentando.

Por insistência de Rayssa, a tatuagem não foi concluída, por ele a sessão teria continuado. Sobre suas tatuagens, Henrique possui uma máscara chinesa conhecida como Hannya desenhada no braço, essa máscara é bem conhecida dentro do universo da *body art*, porém, segundo ele, para algumas pessoas ela parece a figura do diabo. Ele disse que fez essa tatuagem porque achava o desenho bonito e porque representa proteção e força, porém, de tanto as pessoas falarem que aquilo seria o diabo, hoje, quando indagado sobre o que representa aquela tatuagem, ele responde: “é o diabo”.

Atualmente ele possui um *piercing* genital, e já teve um na língua e outro no mamilo. É interessante perceber como os *piercings* que ele possui ou já possuiu no corpo estão relacionados com um aspecto erótico ou sexual⁸³. Ele disse que as meninas quando ficam sabendo que ele possui o *piercing* genital, ficam querendo ver e “provar”: “Em geral elas provam e aprovam, sempre é assim, elas ficam doidas quando veem” (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

O *piercing* genital ou o do mamilo, de acordo com a fala de algumas pessoas que possuem, dá muito prazer pra quem tem a joia no corpo, como também para o parceiro sexual. E o da língua é conhecido como um potencializador no sexo oral.

Henrique mora com a mãe e a irmã, e afirma: depois que começou a se tatuar, elas também resolveram fazer a mesma coisa, a irmã tem uma tatuagem no pé e a mãe nas costas. Tive a oportunidade de conversar com sua mãe⁸⁴ e ela disse que tatuagem achava bonito, mas suspensão ela não gostava. Ela falou isso na frente dele, mas não percebi que estava interferindo na sua prática, apenas disse que não gostava desse tipo de intervenção. Ela parece respeitar o estilo de vida do seu filho. Ele, inclusive, depois confirmou essa impressão: “ela [a mãe] não gosta, mas respeita” (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

Além de estudar História, ele também é modelo. Em uma das publicidades que participou, percebi que seu braço não estava com as tatuagens. Ele disse que em alguns trabalhos, dependendo da marca e da intenção da propaganda, os fotógrafos tiram as tatuagens através do *photoshop*⁸⁵. Porém, em outros trabalhos ele é chamado justamente pelo fato de ter várias intervenções espalhadas pelo corpo.

⁸³ A esse respeito, ver Camilo Braz (2006).

⁸⁴ A mãe de Henrique é dona de um estabelecimento que vende açaí, por isso tive esse contato com ela.

⁸⁵ Instrumento que modifica ou transforma as fotos digitalmente.

Diariamente faz atividade física, frequenta espaços de sociabilidade no final de semana e é o único sujeito desta pesquisa que não é vegetariano. Comenta muito sobre livros, filme e música. Sendo que esses dois últimos recebem uma atenção especial na sua vida e nas suas falas. O estilo musical preferido de Henrique é o rock, mas ele também se diz bem eclético e aberto a escutar outros estilos, mas todos ligados à cena alternativa⁸⁶. Ou seja, a trajetória dele é bem parecida com a de Herbert. E sobre essa amizade, ele disse que eles dois compartilham muitas coisas em comum: “o gosto por modificação corporal, e também a gente gosta dos mesmos sons [música], e algumas ideias filosóficas também” (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

Dentre as atividades realizadas no seu dia a dia, está a participação em um grupo da UFRN que discute as questões envolvendo o consumo da maconha, conhecido como Marcha da Maconha. É um grupo formado por universitários que se reúnem frequentemente para organizar debates e mobilizações sobre essa causa. Particpei de um desses encontros em que Henrique estava presente, para perceber como era seu posicionamento nesse espaço. Nesse dia eles chamaram um neurologista para uma mesa de debate que tinha como tema o uso da maconha com fins medicinais.

Os indivíduos a favor da descriminalização da erva utilizam muito esse argumento como uma forma de legitimar essa prática: já que para a medicina o uso é benéfico, porque para fins “recreativos” ela não seria? Os envolvidos com a *body modification* e as tatuagens também se utilizam desse discurso medicalizado para se legitimarem, já que, socialmente o conhecimento ligado à medicina é bem reconhecido e dificilmente é questionado. Ou seja, associar o uso da maconha e as modificações corporais às práticas médicas⁸⁷ seria uma forma de buscar uma aceitação para esses indivíduos e suas práticas.

No dia em que participei desse grupo não pude observar bem qual o papel que Henrique desempenha na Marcha da Maconha, no entanto podemos comparar com as trajetórias dos outros sujeitos desta pesquisa e observamos como eles estão

⁸⁶ Os estilos de músicas ligados à cena que eles consideram alternativa, são o reggae, MPB, as variações do rock, movimento *mangue beat*, músicas eletrônicas, *hip hop*, rap e outros segmentos. Já os estilos musicais que não entrariam nesse circuito, seriam o axé music, forró e sertanejo universitário. Porém, mais uma vez reforçando que essas margens não são tão fechadas assim, depende do referencial e dos sujeitos a que nos referimos.

⁸⁷ Recentemente houve um caso de um menino de 5 anos na Inglaterra que implantou dois expansores na testa que lembravam o visual de dois chifres, ele fez isso para que sua pele do rosto esticasse e depois houvesse a retirada de uma mancha avermelhada na sua testa. No período que foi divulgado esse procedimento, alguns modificados colocaram a notícia em suas páginas de uma rede social demonstrando como a *body modification* também pode ser usada com “fins medicinais”.

engajados de alguma maneira em algum grupo ou discussão política, seja no feminismo, na Marcha ou na prática do vegetarianismo. Isso me fez lembrar dos movimentos de *contracultura* da década de 1960, e de como os envolvidos com a *body modification* hoje bebem um pouco dessa fonte “alternativa”. Se naquela época os envolvimento (políticos e reivindicatórios) se davam de uma forma mais intensa e marcada, hoje os sujeitos que se dizem ligados ao que se chama circuito alternativo não agem de modo muito diferente, apenas o re-significaram e lhe deram uma nova roupagem. A ideia da micropolítica individual é muito forte nos segmentos atuais, porém não deixa de ser um envolvimento político em que se problematiza uma causa social.

No discurso de Henrique, assim como no de Herbert, percebi uma forte relação com a questão da autonomia pessoal e corporal frente aos familiares e aos outros, é aquela ideia do “esse corpo me pertence”. Em várias situações eles comentaram que têm a liberdade de transformar seus corpos da maneira que querem porque trabalham e estudam.

A negociação, ou poderíamos também falar em legitimação, das duas práticas corporais está associada com as responsabilidades que desempenham no seu dia a dia. Embora tenham práticas corporais e pessoais consideradas dissidentes, eles também cumprem com suas obrigações cotidianas, que são tão valorizadas socialmente, como trabalhar e estudar. Sendo essa uma relação bem comum nos discursos dos modificados, lembrando do que Alexandre falou sobre Thammy, que ela não faz mais intervenções no corpo porque depende financeiramente da mãe. Ou seja, há uma noção de controle sobre o corpo do outro quando este vive numa situação de dependência econômica.

E para que suas transformações corporais e suas práticas sejam respeitadas, eles trazem o discurso do “trabalhar ou estudar” para dar sentido a suas experiências. Mais uma vez, notamos a interferência do “politicamente correto” dentro de uma vivência considerada socialmente subversiva.

Em duas situações escutei uma comparação feita pelos sujeitos desta pesquisa entre o corpo deles hoje e a situação que viviam quando crianças. Faby me contou que colocaram um brinco na sua orelha quando ela tinha acabado de nascer, sem mesmo saber se ela gostaria de possuir a joia no corpo, diferentemente do seu caso atualmente, em que todas as suas intervenções corporais foram realizadas por desejo pessoal.

Já um outro rapaz, que nem foi citado nesta pesquisa porque conversei com ele uma única vez (e num espaço de sociabilidade), me disse que quando era criança, ele caía muito e sentia dor, mas que não era por iniciativa sua, porém, hoje as dores provocadas pelas modificações corporais são por interesse e vontade própria.

Se fizermos uma análise sobre a situação da criança no nosso contexto social, perceberíamos que nessa fase da vida passamos por uma realidade de total falta de autonomia, não só corporal como também pessoal, precisa-se de um adulto para se vestir, se alimentar, se locomover, até a questão da dor é colocada como sendo representada pelo outro. Através dessa comparação, percebemos que para esses dois indivíduos, à medida que o sujeito adquire mais idade, ele também conquista uma certa autonomia corporal, que vai ser exteriorizada na fase jovem/adulta através das intervenções corporais. Nesse sentido, não se pode esquecer a internalização cultural, pois, quando criança o sujeito ainda não consegue dominar todos os códigos culturais, e a partir do momento em que há uma maior socialização, esses signos começam a ser compreendidos. Dessa forma, algumas atitudes passam a ser tomadas através da escolha pessoal, como no caso da *body modification*.

Na pesquisa realizada por Don Kulick (2008) sobre as experiências das travestis, ele observou algumas características semelhantes nas suas trajetórias, uma delas foi a questão da saída da casa dos pais, a partir desse momento elas iniciam o processo de transformação corporal, através dos hormônios e injeção de silicone. No caso dos modificados, eles negociam com seus pais através da responsabilidade com suas obrigações sociais, como trabalhar e estudar.

Já no exemplo das travestis, há também essa relação/separação com os parentes, porém diante de uma ruptura. Nos dois casos, percebemos a noção de autonomia; o primeiro, relacionado com uma questão financeira, já o outro, seria uma autonomia mais interrompida. Ou seja, quando se depende financeiramente dos pais, as transformações corporais não são postas em prática, mas quando há uma negociação (modificados) ou ruptura (travesti), o desejo de modificar seus corpos passa a ser executado. É a ideia de autonomia associada com a liberdade social ou corporal.

Outra característica comum entre essas duas formas de modificações é o envolvimento com a dor. A esse respeito, comentam algumas travestis: é a “dor da beleza”, tão presente também na BM.

Numa das conversas com Alexandre, perguntei o que ele pensava sobre as transformações realizadas pelas travestis e as modificações através das cirurgias

plásticas. Na sua resposta, percebi que era como se a *body modification* estivesse numa escala intermediária entre esses outros dois segmentos. Segundo ele, a BM não é reconhecida socialmente como as cirurgias médicas, passando também por um esquema mais aprimorado nos processos de intervenções se comparado com as modificações realizadas pelas “bombadeiras”. Portanto, está localizada socialmente entre um mais estigmatizado, nesse caso, as travestis, e outro mais legitimado, que seriam as cirurgias plásticas.

- **Suspensão, dor e seus significados**

Para Henrique a suspensão está relacionada com uma sensação: “A sensação que esse experimento vai gerar, é prioridade, entendeu?” (Henrique, entrevistado em abril de 2011). Sua primeira vez foi por curiosidade, para saber como era, mas o fato de ser amigo de Alexandre influenciou sua decisão. E a segunda foi por conta do clima em torno da suspensão; eles foram passar um dia numa fazenda, num ambiente de confraternização e festa, somente com pessoas que realizam essas práticas. Henrique disse que essa foi a melhor, mas que ainda vai fazer outras. Ele apresenta de forma muito clara a noção de prestígio social diante da suspensão, mas também afirma que esse significado não é tão bem visto pelos outros: “Também tem aquela coisa que a gente tava falando, né, que também não pega muito bem falar, mas é que você fica meio idolatrado naquela hora” (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

Sobre a dor na hora da suspensão, ele comenta:

é um experimento, a dor vai atravessar seu corpo, vai passar na tua pele, entendeu? ela vai lhe atravessar. como você vai reagir a isso aí? é um experimento, só quem fez é que vai saber, como é a sua relação com a dor, com a dor você vê de fora, e que vai ficar aí na sua pele durante muito tempo. é forte, viu? mas é a sua relação com a dor que vai se estabelecer naquele momento, mas você se preparou praquilo (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

De acordo com seus relatos, a dor sentida na suspensão é uma dor que você quer sentir e que sabe que vai sentir, você se prepara para ela. O sujeito passa então a ser um agente daquela dor, é um desejo, uma vontade. Bem diferente das dores sentidas no dia a dia, que não são intencionais e nem desejadas. Sobre esses significados

relativos à dor, ele disse: “uma topada dói mais do que uma suspensão”. O que fica em evidência, através dessa fala, é que o que está em jogo é o querer ou não querer aquela sensação dolorosa. Na suspensão o sujeito é o autor da experiência, já na topada não, ele é um agente passivo.

Continuando nessa discussão, ele disse que quando sente uma dor que não quer, como por exemplo uma topada, ele fica olhando para o local do seu corpo que foi atingido e fala vários palavrões. Assim, “a dor passa mais rápido” (Henrique). Dessa forma, percebemos que para Henrique a dor está intimamente associada com a intervenção que ele produz sobre seu corpo. “A dor faz parte, se você tá preparado, se você sabe que vai sentir, você se prepara psicologicamente e supera mais facilmente” (Henrique, entrevistado em abril de 2011).

Peço então para ele comparar a dor da suspensão com outra dor: “não tem nada parecido, suspensão é como ser pescado” (Henrique). Aparecendo, nessa fala, mais uma vez os elementos ligados à natureza e aos animais, até porque alguns ganchos usados nessa prática são usados na pescaria, principalmente de tubarões. Inclusive uma artista, chamada Alice Newstead, se suspendeu num centro cultural em Hong Kong, na China, como uma forma de protesto para que as pessoas deixem de tomar sopa de barbatana de tubarão, os ganchos que ela usou foram os mesmos utilizados na pesca desse animal.

Henrique disse que às vezes quando está com Herbert e outros amigos, eles fazem algumas “brincadeiras pra sentir dor”. Como por exemplo, num dia em que eles estavam na casa de outro amigo e a cerca elétrica que protegia a casa estava muito próxima deles, eles então resolveram ficar tocando na cerca para levar choque e ver que aguentava mais. Uma outra “brincadeira” foi com o equipamento de trabalho de um amigo que é policial, uma máquina de dar choque, um ficava aplicando choque no outro.

Analisando esses comentários de Henrique, podemos associá-los com as brincadeiras dos meninos, que desde criança são estimulados a brincar de luta, briga, guerra, polícia e ladrão. Além disso, existem os brinquedos que envolvem armas violentas e os super- heróis, que acabam se tornando seus grandes ídolos. Já na fase da adolescência, temos os esportes, alguns estão envolvidos dentro dessa aura da masculinidade, como o rúgbi e o judô.

Carmen Rial (1998) mostrou, através da sua pesquisa de campo, como existe uma noção de sofrimento corporal associada a esses esportes. E na fase da

juventude, observamos algumas práticas que nos levam a pensar como o corpo passa a ser a inscrição primordial dos valores de gênero, e é nesse espaço que encontramos com uma maior ênfase a *body modification* e a *body building*.

Ou seja, a construção da masculinidade está em alguns contextos relacionada com as ideias de competição, ganhar ou perder, ser mais forte, conferindo um status de “superioridade”. Como afirma Cecchetto (2004: 76): “Diversos estudos etnográficos dedicam-se a mostrar a recorrência, nas mais variadas sociedades, de uma espécie de característica intrínseca à aquisição da identidade masculina: algo a ser conquistado por meio de competições ou provas”.

4. Alexandre - “body modification é arte”

No decorrer da pesquisa e da realização das entrevistas, pude perceber que Alexandre é o grande “causador” da cena de suspensão na cidade de Natal, não só por dominar as técnicas como também por exercer uma certa influência nos demais sujeitos desta pesquisa. “Eu acho legal essa história da influência, é o mínimo que eu espero dessa galera, é que eles digam que começaram por minha causa, porque eles não vão tá mentindo” (Alexandre, dezembro de 2010).

Ele tem 32 anos começou a trabalhar nessa área há uma década, seus primeiros contatos profissionais com os *piercings* foram através de André Fernandes, que trabalha nessa área em São Paulo e foi um dos atores da pesquisa de Camilo Braz (2005). Ele é casado com Rayssa, com quem tem uma filha. O casal trabalha na mesma loja, a Xtreme Tattoo e Piercing, ele como *body piercer* e ela como tatuadora. Foi por incentivo dele que ela começou a tatuar profissionalmente. Os dois são religiosos, se casaram na Igreja Católica e todo domingo frequentam a missa.

No seu visual, o que mais chama a atenção são as orelhas alargadas e os três implantes subcutâneos em cada antebraço. Em algumas situações ele usa moleton, o que não é uma vestimenta muito adequada para o clima de Natal, mas ele diz que é para proteger as tatuagens do sol, no entanto, podemos pensar também que isso é um mecanismo encontrado para não mostrar seus implantes em todos os lugares. Em determinados contextos ele fica um pouco incomodado com a curiosidade e as perguntas sobre aquela intervenção. Sua filha de sete anos de idade, quando percebe que

alguém está olhando insistentemente para os implantes do seu pai, fala de uma forma irônica: “é de silicone”.

Na entrevista, ele comentou que queria muito fazer várias outras intervenções no corpo, inclusive os implantes na testa. Porém, não faz porque teme a reação das pessoas ligadas a sua filha, ele acha que os amigos dela e seus familiares podem estranhar e se distanciarem dela em função das modificações corporais dele. Alexandre também disse que se sente muito sozinho em Natal e que por isso não tem mais modificações:

Se eu vivesse numa sociedade mais “modificada”, tipo em São Paulo eu teria meu corpo mais modificado. Eu me sinto muito sozinho aqui em Natal, na época que eu e Fabiana andávamos direito juntos era diferente, mas agora tá cada um prum canto (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2010).

Através dessa fala, notamos como o contexto social da cidade, e os olhares, vão interferindo na construção corporal do sujeito. É inegável que em Natal o cenário da *body modification* é pequeno, como também é incontestável que em São Paulo existe mais esse tipo de prática. Nesse caso, então, voltamos para a noção de contextos complexos e heterogêneos (BARTH, 2000), de que quanto mais diversificadas forem as identidades dos sujeitos na cidade, mais espaços para as subjetividades dissidentes se mostrarem e serem aceitas ou respeitadas. O “andar juntos” ou em grupo, faz com que o sujeito se sinta menos “diferente” diante dos outros e dos seus olhares.

Alexandre já realizou quase todos os tipos de modificações corporais: escarificação, implante, língua bifurcada e suspensão, estão no seu currículo. No entanto, ele também possui seu limite enquanto profissional: “mas eu não curto muito essas histórias de tirar alguma coisa do corpo não, tipo um dedo. Mas tem doido pra tudo, mas eu respeito, mas não é minha praia” (Alexandre). Ele disse também que sonha com o dia em que as pessoas vão entrar num estúdio de *body art* e pedir para transformarem seus corpos, assim como acontece com as cirurgias plásticas. Ele então irá analisar a estrutura física do sujeito e propor algumas modificações, utilizando os *piercings*, implantes, alargadores ou escarificações. No entanto, ele mesmo afirma que esse dia está muito longe de chegar, e que no momento atual não pode investir muito

nessa área da *body modification* porque a procura é muito pequena, não compensando o investimento de tempo e dinheiro.

A maioria das intervenções ele aprendeu vendo alguém fazer, porém, segundo ele, é preciso muito estudo para fazer esse tipo de trabalho:

Eu já vivi tantos anos de teoria que na prática eu fico tranquilo, e olhe que eu faço tudo sozinho, não tem nenhum profissional pra me ajudar. Eu estudei tanto, tanto e tanto. Eu passei tanto tempo estudando implante que eu já sabia o que ia rolar, e a internet é importantíssima porque é o contato que a gente tem. Até as complicações eu já sabia, mas tem que ir atrás (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2010).

Além disso, ele fez curso de técnico em enfermagem e afirmou que isso facilita muito sua vida. André Fernandes também fez esse mesmo curso, isso deve auxiliá-los em relação a alguns cuidados com assepsia, manuseio de alguns instrumentos e também com as próprias intervenções no corpo do futuro modificado. Sobre sua entrada nesse universo profissional, ele fez o seguinte comentário:

Na verdade eu sempre gostei dessas coisas, quando eu tinha 12 anos um amigo meu furou a orelha e eu furei também, depois vi umas pessoas numa revista com brinco no nariz e achei massa, isso há muito tempo atrás, era bem diferente de hoje. Aí furei minha orelha em casa, totalmente caseiro. Meus pais diziam que era coisa de doido, mas me deixavam fazer. Por aqui não tinha nada, só pras bandas de São Paulo. (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2011).

Ouvi de outros profissionais e praticantes da *body art* esse mesmo comentário, que “desde pequeno”⁸⁸ gostam de acessórios diferentes, como brincos ou tatuagem de “chiclete”⁸⁹. Essa seria também uma forma de justificarem suas práticas e, de uma certa forma, provarem que essas preferências não são passageiras. Relacionando os *piercings* e as tatuagens com sentimentos infantis, provoca-se uma espécie de “purificação” ou “naturalização” dessas escolhas.

Ele, assim como Rayssa, fazem diariamente atividade física, ou seja, se preocupam com o visual. Os dois também são vegetarianos, inclusive ele é desde os 15

⁸⁸ Fazendo uma alusão de quando eram crianças.

⁸⁹ Em alguns chicletes poderíamos encontrar tatuagens momentâneas, em que colocava-se uma espécie de adesivo na pele, molhava-se com água e então estava fixada a tatuagem. Elas duravam pouco tempo, porém, faziam o maior sucesso entre as crianças.

anos. Disse que primeiro foi por influência da irmã e depois porque ele era do movimento *punk/hard core*⁹⁰:

A gente é do *hard core*, que tem a visão política sobre isso. É difícil explicar, mas o *hard core*, de todos os movimentos, é o que tem uma visão mais política de todos, aí influencia no comportamento: sobre libertação animal, marcas que exploram as crianças, aí incentivam a gente. É o estilo de vida *hard core*. Também tem o movimento *straight edge*, que é livre de drogas e é vegetariano. Mas antes de tudo era quem era livre de drogas aí com o passar do tempo incorporou o vegetarianismo. É um movimento *punk*, mas não é aqueles *punk* de moicanos não (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2010).

Percebemos a influência tanto do movimento *punk* quanto do estilo musical *hard core* nas suas vivências e no fato de ser vegetariano. Notei que eles usam o termo “cair” quando o sujeito por algum motivo comeu carne: “Herbert caiu esses dias”, ou seja, Herbert comeu carne. É interessante essa metáfora, porque tanto podemos pensar no “cair em tentação”, no caso a tentação seria a carne, como também o cair de não segurar a sua posição enquanto vegetariano.

Perguntei então se ele influenciou Herbert nessa prática:

Rapaz, ele começou a conviver com a gente e viu que era o certo, ele é um cara inteligente. Mas de uma certa forma sim, indiretamente sim. A gente não prega o vegetarianismo não, mas as pessoas percebem isso na gente (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2010).

Devo confessar que durante a pesquisa de campo me senti um pouco afetada por esse discurso vegetariano, mas logo em seguida desisti da ideia. Nesse caso, percebemos o poder das trocas que existem nos grupos sociais: a irmã influenciou Alexandre, que influenciou Herbert e Rayssa e que, de uma certa forma, também me afetou. Notamos, também, como cada sujeito internaliza os acontecimentos sociais, se apropriando ou não de determinadas práticas, tomando ou não para si as experiências.

Existe um consenso entre todos os sujeitos desta pesquisa sobre o fato de perceberem tanto as suas tatuagens como as modificações corporais como arte. Isso

⁹⁰ Um estilo musical de *punk rock*, caracterizado inicialmente por tempos extremamente acelerados, canções curtas, letras baseadas no protesto político e social, revolta e frustrações individuais, cantadas de forma agressiva (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk_rock>. Acesso em: nov. 2011).

chamava minha atenção, primeiro, porque todos eles compartilham essa mesma ideia e segundo porque no campo da tatuagem, aquela tatuagem comercial ou vista como um acessório, pouco se escuta falar sobre arte, mas sim sobre seus significados. E então, eu me perguntava: porque os sujeitos envolvidos com a *body modification* significam suas práticas através da arte?

Primeiro, temos que considerar que os atores desta pesquisa possuem o corpo quase todo tatuado, ou seja, eles precisariam ter um discurso muito vasto para significar todos os desenhos do seu corpo. Olhando por um lado mais objetivo, a arte socialmente é reconhecida como uma forma de linguagem ou expressão, e dessa forma, as modificações corporais transmitem alguma mensagem, representando, assim, uma linguagem corporal. Outro aspecto interessante é a questão de transcender, que também está associada às expressões artísticas e está presente nas falas de alguns sujeitos sobre a prática da suspensão corporal. A arte é algo que dificilmente podemos descrever em palavras, entendemos a arte como uma sensação, sensação essa bem particular e subjetiva, havendo então mais uma convergência entre as modificações corporais e a arte.

É comum as pessoas perguntarem: “mas porque eles se suspendem? Qual o motivo? Pra que fazem isso?”. Essas perguntas não são feitas somente para mim, como pesquisadora dessas práticas, mas para os modificados também. Minha impressão em relação às possíveis respostas para esses questionamentos é que dificilmente eles possuem uma resposta mais concreta. Eles falam sobre experiência, sensação, superação da dor, mas o que eu observei é que fica complicado traduzir em palavras quais os reais motivos da suspensão. Essa cobrança acontece porque a todo tempo estamos tentando dar uma funcionalidade às nossas práticas cotidianas. É como que se para existir determinada vivência, ela precise necessariamente ter uma função social que corresponda a interesses objetivos, como trabalhar, dormir, comer ou mesmo sobreviver.

Bourdieu, no texto *Gosto de classe e estilo de vida* (1983) traz a discussão sobre a noção de arte, dizendo que a mesma se configura como uma “prática sem função prática” (1983: 87) e que através do seu conhecimento se produz também uma distinção social, os que apreciam e os que não apreciam a arte. “Na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna sempre, cada vez o produto de uma ‘estilização da vida’” (BOURDIEU: 87).

Dessa forma, quanto mais longe de abarcar uma necessidade objetiva for a prática, mais estilizada será a vivência e as experiências do sujeito, é como se o gosto pela arte fosse algo refinado e estilizado. Notamos essa característica na prática da *body modification*, já que a não praticidade objetiva desse segmento produz propriedades bem específicas, diferenciadas e performatizadas pelos seus atores. Ou seja, trata-se de um produto extremamente estilizado que poucos (majoritariamente os modificados) compreendem e apreciam.

- **Suspensão e seus significados**

Alexandre só realizou uma suspensão, que foi em São Paulo, e André Fernandes quem furou: “Eu era doido pra fazer e queria fazer com alguém que eu conhecia. Eu até quero fazer mais, mas eu preciso ter confiança no profissional” (Alexandre, entrevistado em dezembro de 2010). No caso dele, o foco da entrevista não foram as sensações em torno da suspensão, mas sim, no seu lado como “perfurador”, portanto, não tenho muito que comentar sobre suas sensações enquanto praticante.

5. Rayssa – “você é totalmente ativo dessa escolha”

Primeiro, quero comentar que eu tinha muita vontade de trazer as experiências de Rayssa para minha pesquisa porque ela é uma tatuadora mulher, e nesses ambientes da *body art* há um predomínio dos homens como tatuadores. Era aquela noção defendida pelos estudos contemporâneos considerados “feministas” que trazem as mulheres como sujeitos e construtoras das suas trajetórias, e não como meras coadjuvantes. Por isso também é que na descrição de Faby eu me estendi um pouco mais do que na dos outros rapazes, numa tentativa de dar mais voz e visibilidade a essas mulheres dentro de um circuito tão masculino.

Ela também entra nesta dissertação por causa da profissionalização da *body art*. Foi através da minha inserção no seu estúdio de tatuagem (no caso, dela e de Alexandre, como já foi mencionado) que pude ter meus primeiros contatos com a *body modification* e seus seguidores na cidade de Natal. Foi através do olhar deles que me aproximei das modificações corporais.

Há mais ou menos oito anos ela trabalha como tatuadora, e ingressou nessa profissão por influência de Alexandre, “a ideia foi toda dele, ele me influenciou totalmente”. Ela também fez faculdade de Jornalismo, mas nunca exerceu a função. Suas atividades diárias são bem parecidas com as de Alexandre: cuidar da filha e da casa, ir para a academia, trabalhar durante a tarde e sair nos finais de semana com os amigos. Frequentemente eu encontrava com eles em espaços de sociabilidade em Natal.

Em uma das nossas primeiras conversas perguntei sobre o fato dela ser uma tatuadora mulher, já que a grande maioria dos tatuadores são homens. Ela disse que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito e nem assédio, até porque seu companheiro fica todo tempo no estúdio, mas afirmou que há um diferencial das mulheres tatuadoras em relação aos homens: as mulheres têm muitas atividades para desenvolver em casa, como limpar, arrumar, fazer comida e cuidar dos filhos. E isso dificulta um pouco o seu crescimento profissional, porque, segundo ela, esse tempo poderia ser usado para desenhar e estudar novas técnicas.

Assim como Faby, Rayssa também faz parte do grupo feminista WENDOR, e seu discurso em relação à situação da mulher é bem politizado: “O negócio é que a gente tem duas jornadas, não que o homem não tenha, todo mundo era pra ter, mas acaba que fica mais pra mulher”.

Em compensação, ela diz que tem muita gente que procura seu estúdio por ter uma tatuadora. Segundo ela, dentro do universo da *body art*, apenas 20% dos tatuadores são mulheres e desse montante apenas 3% tatuam bem e profissionalmente.

Perguntei, então, se ela se considera feminista:

Total, desde antes de qualquer coisa eu sou feminista. O feminismo sempre fez parte da minha vida, não sou radical de achar que mulher é mais do que homem, mas que somos iguais. Eu acho que o poder físico é diferente, porque os homens têm mais força, mas acho que somos iguais na vida (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

Perguntei se ela achava que o preconceito em relação à tatuagem com as mulheres é diferente:

Talvez sim, eu me tatuei de acordo com minha profissão. Aí por isso não sei dizer muito. Eu admiro muito quem não é da profissão e que é toda tatuada, acho maravilhoso! Mas o povo deve olhar e dizer: “olha, ela deve ser bem doidona!”, devem pensar essas coisas. Aham também que não é daqui [de Natal] (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

E falou sobre as relações entre homens e mulheres que acontecem no seu estúdio:

Tens uns casos aqui que me dá vontade de mandar embora. Um dia um cara chegou aqui com a namorada pra ela tatuar o nome dele, aí quando terminou ele virou pra mim e disse: “vou trazer as outras tudinho pra tatuar aqui”. Ai que raiva! Outros que a mulher vem com o marido e o homem fica dizendo como tem que ser tatuagem, aí faz do jeito que ele quer, aí se submete (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

Num outro estúdio em que fiz campo, aconteceu um fato curioso, embora um pouco trágico, que envolve essa relação de dominação masculina. Uma mulher tatuou uma estrela na nuca e seu esposo não gostou da tatuagem, por isso foi no estúdio “tirar satisfação”. Chegando lá, deparou com a recepcionista e começou a fazer um discurso do tipo: “tatuagem é coisa de puta e minha esposa não é assim”, colocando a culpa na recepcionista, dizendo que ela tinha convencido sua esposa a se tatuar. Detalhe: foi um tatuador que realizou a tatuagem e em momento algum o marido se dirigiu a ele. Enfim, não satisfeito com o acontecido, ele voltou no estúdio e disse que eles teriam que pagar a remoção da tatuagem, e como a recepcionista disse que isso não era responsabilidade deles, o homem começou a ameaçá-la, dizendo que quando saísse de lá, ele iria “acertar as contas com ela”, insinuando que usaria de violência com a recepcionista.

Esse caso foi parar na delegacia e em seguida na justiça. A recepcionista ganhou a causa, recebendo uma indenização em dinheiro e restringindo a permanência do rapaz nas proximidades do estúdio de tatuagem. Trouxe esse exemplo porque ilustra bem o caráter relacional em que se constroem as referências masculinas e femininas ao corpo, expressando uma expectativa de domínio e pré-julgamento em relação à mulher.

Voltando as intervenções de Rayssa: ela tem várias tatuagens pelo corpo, alargador na orelha e no umbigo. Tinha também alargador no septo e *piercing* no mamilo e já fez uma suspensão corporal. Seu contato com a *body modification* tem a ver com sua profissão e com a atuação de Alexandre, ficando tudo muito interligado. Sobre o que é *body modification*, ela disse:

Pra mim não sei definir, antes era mais estilo de vida, hoje tem mais a ver com o profissional. Eu acho massa, você usa seu corpo pra isso, é

uma forma de se realizar. Mas a modificação corporal tem uma questão de escolha, você é totalmente ativo dessa escolha (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

Perguntei se existe uma diferença entre tatuagem e *body modification*:

Se for uma tatuagem grande você também modifica o braço. Mas tem que ser significativo, grande. Uma estrelinha no braço não é, é um acessório, mas não é uma modificação (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

Foi através dessa descrição feita por ela que trouxe para este trabalho a expressão “tatuagem-acessório”. Na fala anterior ela também comenta a ideia da escolha pessoal como uma característica importante dentro do processo das modificações corporais. Podemos, então, retomar outras discussões já realizadas no decorrer desta dissertação, como originalidade, ousadia, estilo e o conceito de ser ativo nas suas escolhas pessoais e corporais. Características essas bem valorizadas socialmente no contexto contemporâneo atual.

Em relação à suspensão, Rayssa foi uma das únicas com quem conversei que fez apenas uma vez. Ela não gostou tanto e por isso não fez mais:

Eu fiz pelas costas, foi só uma vez e faz tempo. Eu nunca mais fiz porque eu não gostei muito, porque doeu. Dói pra caralho! Eu não aguentei não, não aproveitei. Talvez até faça de novo pra ver como é, mas eu não tenho mais muito tesão, não (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

- A dor tem que fazer parte?

De tattoo tem, de algumas modificações não. Suspensão sem dor é igual a chupar bala sem papel. Se você for olhar pelo lado dos índios e os ancestrais, é algo que você suportando a dor você amadurece. Porque se você for puxada por ganchos pela sua pele e consegue superar, esse é o seu prêmio (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

- A pessoa fica mais forte?

Acho que sim, porque se você faz uma suspensão e depois faz outra é porque você subiu de nível, você sempre faz uma que é pior, é como se fosse uma graduação (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

- Uma vez você falou que sua mãe, quando viu a foto da sua suspensão, pensou em qual droga você tinha tomado pra aguentar a dor:

O povo faz essa relação de que cheira cocaína, que tá muito doido. Mas a gente mostra o contrário que não pode usar isso, tem que está consciente, que você quer fazer aquilo. Eu lembro até que quando começamos a fazer, a gente dizia: tem que passar 3 dias sem beber e sem usar drogas, tem que se preparar, dormir bem. Quem vê a foto não sabe o que tem por trás! A primeira imagem é de que é muito doido (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

- O que sua mãe disse te influenciou pra não fazer mais?

Eu entendo a opinião dela, mas não foi por isso não. Depois ela vai percebendo que não é bem aquilo, ela vê nossa relação com nossa filha. E se alguém do lado dela fala mal da gente, ela é a primeira a defender. Ela é nossa defensora (Rayssa, entrevistada em dezembro de 2010).

Nesse trecho da entrevista, mais uma vez, percebemos alguns elementos já comentados por outros sujeitos desta pesquisa: o não usar drogas, negociar com os familiares, a relação com os índios, a ideia da dor como integrante do ritual da suspensão e a noção de que com a suspensão o sujeito passa a ter mais essa experiência na vida e com isso é visto como um indivíduo mais “elevado” no universo da *body art*.

Aconteceu um episódio durante o meu campo que considero bastante significativo não só pra descrever Rayssa, como também para pensarmos os outros sujeitos desta pesquisa. Ela tinha um cabelo bem comprido, chegando na altura da cintura, e extremamente liso, sendo esse estilo de cabelo uma de suas marcas pessoais. Um certo dia cheguei pra fazer campo no estúdio e fiquei surpresa quando vi seu novo visual: ela havia cortado o cabelo bem curto e ele estava cacheado. Perguntei sobre a mudança, e ela então respondeu: “cortei o cabelo pra marcar uma fase ruim da minha vida que passou”. Acredito que não só Rayssa como os outros atores desta pesquisa transferem para seus corpos suas sensações, desejos, vontades, gostos e experiências e assim vão marcando sua pele de acordo com o momento em que estão vivendo, tendo a mudança como fator impulsionador dessas transformações corporais.

3º Capítulo – Suspension Day

*Para quem entende, nenhuma palavra é necessária. Para quem não entende, nenhuma explicação é possível*⁹¹.

O *Suspension Day*⁹² entra na discussão deste texto como um caso coletivo da prática da suspensão corporal. Foi por meio desse encontro que pude ver ao vivo o ritual da suspensão e visualizar como os sujeitos atuam diante de uma situação como essa, em que estão diante dos seus “iguais”. Consegui, também, observar um maior número de praticantes e de diversas localidades do Brasil⁹³ e com isso reforçar ou não certas características que já havia percebido através do contato com os sujeitos de Natal.

Os participantes desse encontro tinham entre 18 e 30 anos. O evento, que reuniu aproximadamente 50 pessoas (esse número variava porque alguns foram passar apenas um dia), aconteceu em Brasília/DF durante um final de semana do mês de setembro de 2011.

Fiquei sabendo do encontro através da internet, mais especificamente por uma página na rede social do facebook, além disso, Faby, uma das minhas informantes em Natal, também iria participar do evento. Entrei em contato com o organizador Eduardo Bez dizendo que era antropóloga e que minha dissertação de mestrado era sobre *body modification* e que, portanto gostaria muito de participar. Ele respondeu o e-mail afirmando que como eu era antropóloga não haveria problema, mas se eu fosse jornalista seria um pouco diferente. Eles têm uma certa desconfiança com a imprensa e com alguns jornalistas, pois algumas matérias que já foram publicadas sobre modificação corporal depreciaram muito essas práticas e seus praticantes, e que eles pagam um preço alto por isso. Por esse motivo, eles não fizeram uma grande divulgação do “Suspension Day”, com receio de que a imprensa aparecesse por lá querendo fazer reportagens sensacionalistas, e que no caso da suspensão corporal seria um prato cheio

⁹¹ Página do facebook do *Suspension Day*.

⁹² É interessante reforçar que esse encontro se fez e se refez, mas que as relações entre os participantes continuaram através da internet. Esse foi um espaço de identificação e aproximação entre os sujeitos que praticam a suspensão corporal no Brasil.

⁹³ A maioria das pessoas era de São Paulo e Brasília, mas havia participantes de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Recife.

para esse tipo de matéria. Enfim, tentei explicar rapidamente minha pesquisa e ele ficou empolgado com a minha abordagem, e disse então que seria um prazer me receber.

Cheguei em Brasília na sexta-feira que antecedia o encontro, fui para o estúdio de tatuagem onde trabalha Eduardo Bez, ele estava preparando e esterilizando os materiais que seriam usados para as suspensões. Fiquei impressionada com a organização desse estúdio, o profissionalismo dos que trabalham nesse local, como também o preço das tatuagens, bem diferente dos valores cobrados em Natal. À noite fomos para a fazenda onde seria realizado o encontro, era um pouco distante da cidade, cerca de uma hora e meia. Apesar de não ser de fácil acesso, era um lugar bonito, grande e aprazível. Ao chegarmos, os participantes armaram suas barracas de *camping*, deixando o ambiente com um clima de acampamento. Alguns participantes também levaram seus filhos.

Logo na sexta à noite, quando eu estava me preparando para dormir, um rapaz me perguntou: “vamos voar?”, esse então seria o início das suspensões corporais, mesmo ainda não tendo começado “oficialmente” o encontro, já que estava marcado para iniciar no sábado, ou seja, eles estavam com muita vontade de se suspender. Na frase desse rapaz notamos um duplo sentido, o primeiro, que seria um sentido mais literal, pois no momento da suspensão o sujeito fica como se estivesse voando, e o outro seria um sentido mais associado com a liberdade, já que voar está um pouco associado com a ideia de estar livre, de ter liberdade.

Durante todo o encontro eu percebia uma certa ambivalência relacionada com esse ambiente da suspensão. Estamos diante de uma atividade predominantemente urbana, mas naquele momento os sujeitos estavam inseridos num contexto “natural”, ou do campo. A noção da estética toma conta dos discursos e das intervenções realizadas por esses sujeitos, em contrapartida, essas modificações são vistas como não estéticas por um grande número de pessoas que não fazem parte desse universo. A própria consequência física da suspensão corporal também produz essa ambivalência. Ela é temporária, pois os ganchos são colocados e retirados na hora da “subida”, mas também é permanente, pois a cicatriz, embora pequena, fica marcada na pele, assim como as lembranças, experiências e as fotos, que “eternizam” essa prática.

Eu estava diante também de um encontro “alternativo”, e isso não só pelas suas características, como também pela forma como os modificados se percebem. De acordo com Soares (1994: 192), podemos identificar as práticas alternativas como contrárias às seguintes concepções: “competição predatória, consumismo, violência,

negligência ética e impunidade recorrente”, além de ter o trinômio *corpo-espírito-natureza* presente nas suas intervenções e realizações. No entanto, o autor também traz a discussão sobre a impossibilidade de se enquadrar certas práticas e sujeitos como total ou rigorosamente “alternativos”, pois vivemos num contexto em que as instituições tradicionais não são claramente estruturas convencionais, fazendo com que as pesquisas com grupos alternativos tornem-se complicadas porque “a realidade que se pretende esclarecer não corresponde ao modelo formulado” (SOARES, 1994: 207).

Dessa forma, podemos perceber que os modificados estão próximos do universo chamado alternativo, mas também observamos certas características nas suas práticas que lhe enquadram socialmente dentro de valores considerados tradicionais. A construção de um corpo que foge aos padrões corporais, a ligação com a natureza e alguns valores reivindicatórios, são as características que aproximam esses grupos de modificações corporais dos segmentos alternativos.

De uma forma geral, a maioria dos participantes eram homens, e das suspensões que aconteceram, apenas quatro mulheres “subiram”. Se no universo da tatuagem predominam as mulheres, na suspensão corporal, os homens são maioria. Podemos pensar na tatuagem como uma prática de embelezamento corporal, por isso a predominância feminina. E a suspensão, como uma prática mais relacionada com a ideia da superação, força e dor, valores associados com a construção da masculinidade.

No entanto, o que percebi foi que essas mulheres, em especial duas delas, se destacavam em relação aos homens. Uma delas realizou três suspensões, sendo estas as que exigiam um maior esforço e superação. Antes de “subir”, elas faziam toda uma preparação cuidando do visual, trocavam de roupa, arrumavam o cabelo, se maquiavam, e até patins duas delas usaram.

O visual dessas mulheres apresenta algumas semelhanças, muito embora elas não se pareçam entre si. Uma das características em comum são os pelos das sobrancelhas, todas raspadas, e o desenho de uma nova sobrancelha feita com lápis de maquiagem⁹⁴. Outra marca compartilhada entre elas é o corte de cabelo, das quatro mulheres que participaram, três tinham o cabelo grande com um dos lados raspado, e a outra tinha o cabelo bem curto, todo raspado. Acredito que essa decisão de raspar a sobrancelha ou o cabelo tenha a ver com as mudanças no visual, que é tão presente nas

⁹⁴ Encontramos também essa transformação em algumas travestis e *drag queens*. Além das pessoas que fazem a chamada “sobrancelha definitiva”, na qual se desenha um novo formato de sobrancelha através da mesma pigmentação usada nas tatuagens.

práticas desses sujeitos, além de sinalizar para um embaralhamento nas construções de gênero.

O clima entre os participantes era bem amistoso. A maioria das conversas girava em torno dos temas relacionados à *body art*, como tatuagem, *piercings* e modificações corporais. Era nessas conversas que eu buscava entender um pouco mais sobre tais práticas, porém devo confessar que, como já havia feito um bom tempo de campo em Natal, já havia entrado em contato com a maioria dos assuntos que eles tratavam. Nesse encontro eu não descobri nada de tão inédito, o mais importante para mim era ver uma suspensão ao vivo (até então eu só tinha visto pela internet e televisão).

Tentei, por algumas vezes, conversar sobre alguma intervenção que eles tenham feito que não tenha dado certo, os rapazes não falaram de nenhuma experiência negativa. No entanto, duas meninas me contaram que já desistiram na hora da suspensão porque não estavam bem preparadas. O interessante desses dois relatos é que ambas me falaram que estavam perto de menstruar e que, portanto não estavam tão bem. É como se a menstruação dificultasse ou limitasse suas estruturas físicas e fizesse com que elas não suportassem a suspensão corporal.

No texto de Cecília Sardenberg (1994) *A menstruação numa perspectiva socioantropológica*, ela aborda esse tema trazendo dados etnográficos de como em diversos contextos culturais, inclusive o nosso, a menstruação é vista como um “não poder”, período no qual a mulher passa por algumas privações, associadas à “prática de tabus alimentares, proibições sexuais, isolamento ou rituais de purificação [...] em que o sangue é visto como um agente poluidor, dotado de impurezas e/ou possuidor de poderes mágicos” (SARDENBERG, 1994: 21).

Tomando essa problematização desenvolvida no referido texto e dialogando com a justificava das duas meninas, percebemos que nesse caso também a menstruação entrou como um fator de privação e de debilitação diante da suspensão corporal.

Em uma outra conversa, um rapaz de São Paulo comentou que lá existem outros grupos que também realizam suspensão corporal, porém, de uma maneira um pouco diferente daquelas do *Suspension Day*. Um dos grupos é organizado por Heitor Werneck, que produz festas fetichistas, nas quais também acontecem suspensões corporais. Já o outro grupo, que é liderado por T. Angel, se utiliza da suspensão corporal de uma forma mais artística e performática, usando roupas, objetos e cenário

para produzir uma suspensão com outros sentidos e significados, como uma forma de intervenção artística. E os sujeitos que estão relacionados com o *Suspension Day* se apropriam da suspensão corporal como uma forma de sociabilidade, em que através dessas intervenções corporais os sujeitos se encontram, se reúnem e estabelecem relações de amizade e também profissionais, já que quase todos os participantes estão envolvidos (direta ou indiretamente) com a profissão da *body art*.

Esse mesmo rapaz também comentou que o grupo que estava participando do *Suspension Day*, faz parte da terceira geração do movimento das modificações corporais no Brasil. A primeira foi “comandada” por André Meyer, a segunda por André Fernandes e seus companheiros. E essa, que é a terceira, possui vários divulgadores e com características bem específicas, principalmente a utilização da internet pra divulgar essas práticas e aproximar os sujeitos. Isso contribui para que a *body modification* não fique restrita a uma cidade do país, que no caso seria São Paulo, sendo difundida e realizada em outros lugares e “comandada” por vários sujeitos.

Além dos participantes que iriam se suspender, também haviam mais três pesquisadores: eu, um doutorando em Psicologia e uma estudante de Publicidade. As modificações corporais é o tema das pesquisas dos três acadêmicos. Fizemos parte de todos os processos que foram desenvolvidos durante o evento. Como levei uma filmadora para realizar um registro visual das suspensões, os participantes não só me autorizaram fazer a filmagem, como faziam questão que eu filmasse a sua “subida”, ou seja, o vídeo passou a fazer parte do “ritual” das suspensões. Inclusive, quando foram furar um dos rapazes, ele olhou para mim e perguntou se eu não iria filmá-lo, eu disse que a bateria da filmadora estava sendo carregada, e ele então falou: “vamos esperar até a câmera ser carregada”.

O que chama atenção, e isso não só nesse encontro como também na análise de outros dados, é o uso das expressões em inglês, como: *body modification*, *suspension day*, encontro de *suspenders*, *piercings*, *resurrection*, *super-man*, entre outros. Perguntei então, para Eduardo Bez, organizador do *Suspension Day*, porque a escolha desse idioma, ele disse que o movimento das modificações corporais veio de fora do Brasil, por isso que eles utilizam as expressões em inglês. Mas acredito que outros fatores também influenciam essa escolha, como por exemplo, o fato deles gostarem de músicas de rock ou *hard core*, que, na sua grande maioria possuem as letras em inglês. Ou até mesmo, a ligação desse movimento da *body modification* com o

circuito conhecido como *underground* ou alternativo, que a todo tempo também se utiliza de expressões em inglês.

Podemos relacionar a utilização desse idioma com a noção de *capital cultural* (BOURDIEU, 1987) porque o acesso e compreensão dessas expressões está relacionado com sujeitos que tiveram oportunidades de estudar ou entrar em contato com outra língua. Essa também poderia ser uma forma de glamourizar essas práticas, já que a língua inglesa é vista socialmente com um certo prestígio, além de restringir o entendimento para todas as pessoas.

1. O “Ritual”

Muito embora alguns sujeitos da pesquisa não gostem que seja usado o termo “ritual”⁹⁵ para falar sobre a suspensão, me permito aqui utilizar esse termo não como uma linguagem nativa, mas sim acadêmica. Van Gennep (1960) definiu que os ritos de passagem possuem na sua estrutura três fases: separação, “limiar” e agregação. Para Victor Turner (1974: 117), o período da liminaridade, que nesse caso seria o instante da suspensão corporal, é marcado por atributos ambíguos em que “as pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural”. Pode ser esse um dos motivos pelos quais os sujeitos que praticam a suspensão corporal tenham dificuldades em comentar o que acontece ou o que sentem no momento da suspensão. É uma fase de transe, ambiguidade e liminaridade, em que os sentidos mais objetivos escapam do entendimento “real”. No entanto, esse pode ser um diálogo bem complicado, visto que a pesquisa de Victor Turner foi sobre um ritual com características um pouco diferentes das suspensões realizadas pelo grupo desta pesquisa.

Bourdieu (2008: 98) acredita que “em lugar da expressão ritos de passagem talvez fosse mais apropriado dizer ritos de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição”. Segundo ele, os ritos consagram a diferença, ou seja, um antes e um depois, como por exemplo: um menino circuncidado do não circuncidado.

⁹⁵ Isso porque um dos meus informantes disse que eles não estão celebrando nada e nem reverenciando nenhum deus como fazem outros grupos.

No universo da *body modification*, o ritual da suspensão seria um rito que separa os já suspensos dos não suspensos, assim como os rituais das outras formas de intervenção que marcam um tatuado de um não tatuado, um sujeito com implante de outro sem implante, um escarificado de um não escarificado. E como toda dicotomia é marcada por uma hierarquia, essa separação do antes e do depois gera uma superioridade entre um segmento e outro, que vai ser reverenciada através da noção de prestígio, distinção social e de agregação (ou segregação) ao novo grupo.

Nesse caso do *Suspension Day*, a preparação para o ritual começa bem antes da suspensão ser efetivada. Os materiais usados podem ser adaptados da prática do rapel, de pescaria ou materiais específicos para suspensão corporal. Além dos utensílios relacionados com a higienização e esterilização, como gazes, luvas e soluções anti-sépticas. Segundo um dos meus informantes, os materiais usados são:

Para a limpeza: clorexidine⁹⁶ 2%, gaze estéril, solução aquosa clorexidine.

Marcação: palito de dente esterilizado, violeta de genciana⁹⁷, álcool (para apagar algumas marcações erradas, mas não para antissepsia).

Proteção: luva de procedimento para manuseio de materiais, luva estéril para perfuração.

Ganchos: uns são ajustados por eles, que são os que possuem uma espécie de trava para que o gancho não saia do lugar, outros são adaptados de anzóis de pescaria, e alguns são fabricados especificamente para suspensão corporal.

Agulhas: são próprias para a aplicação de *piercings*.

Equipamentos para as técnicas verticais: são materiais adaptados do rapel e da pescaria, como cordas e fitas.

Antes de serem realizadas as suspensões, os sujeitos se reuniam e combinavam quem iria se suspender, a ordem das intervenções, quais as posições, quem iria furar e o local onde seriam realizadas. Algumas aconteceram no jardim e outras dentro da casa (Figura 08 e 09, respectivamente). O clima era um pouco diferente nesses dois ambientes, no lado de fora da casa, as pessoas ficavam em silêncio e as que se

⁹⁶ É um antisséptico químico, com ação antifúngica e bactericida (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gluconato_de_clorexidina>. Acesso em: jan. 2012).

⁹⁷ É um conhecido agente antisséptico e antimicótico, e talvez o mais importante agente identificador de bactérias em uso na atualidade, e é também usado em hospitais para o tratamento de queimaduras sérias e outras lesões da pele e gengivas (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Violeta_de_genciana>. Acesso em: jan. 2012).

suspendiam depois comentavam como a energia é diferente nesse contexto da natureza. Um dos rapazes disse que foi como se ele estivesse conectado com a natureza. E de fato, tomando o sentido literal da palavra, há uma conexão, já que as cordas ficam presas numa árvore.



FIGURA 08 – Suspensão corporal. Suspension Day, setembro de 2011.

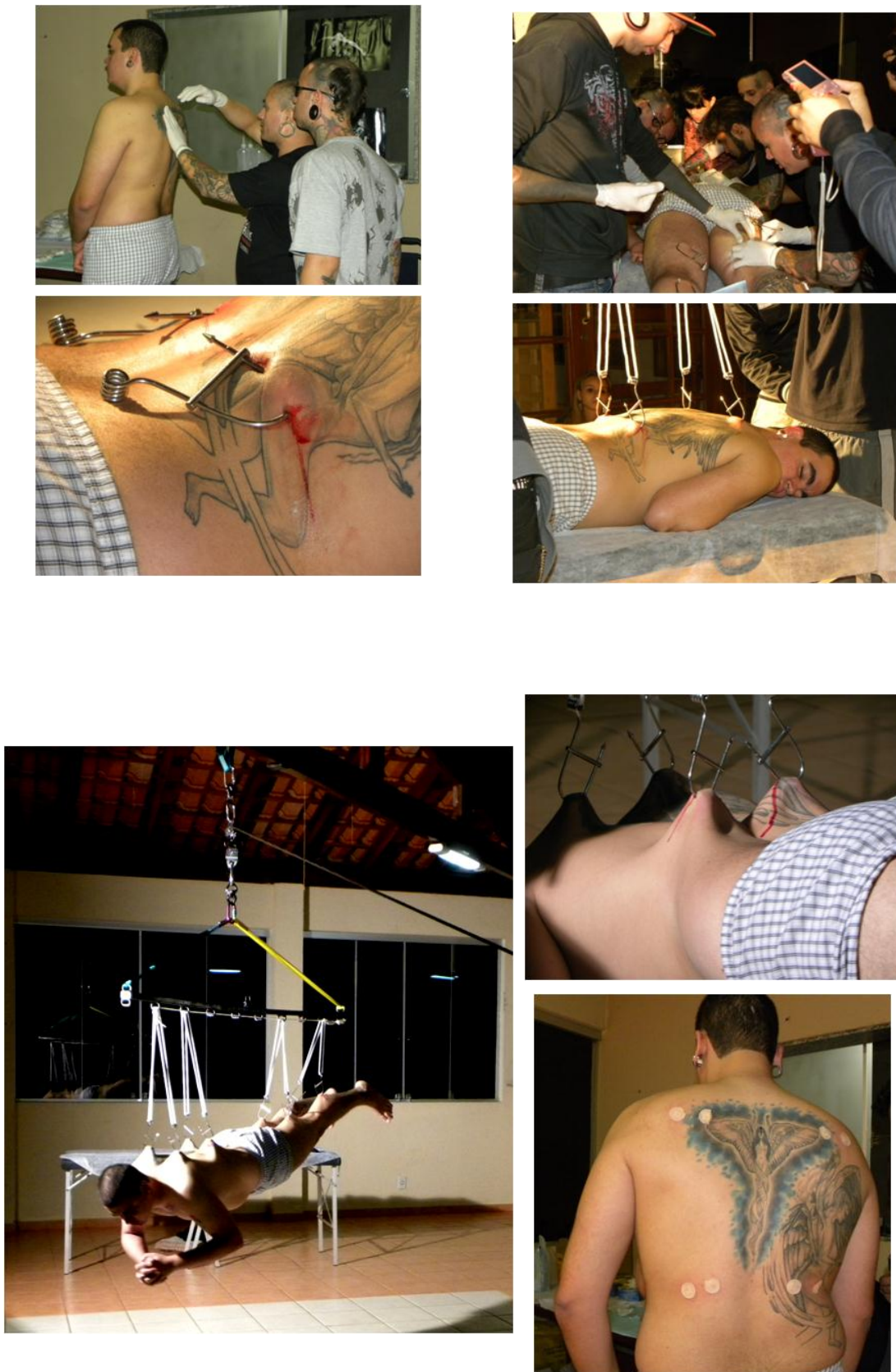


FIGURA 09, sequência narrativa – Suspensão Corporal. Suspension Day.

Tudo era muito discutido e dialogado entre o perfurador e o sujeito que seria perfurado. Iniciava-se uma forma de negociação, já que não eram todas as posições que eram aceitas pelos profissionais. Como por exemplo: uma das meninas gostaria de fazer um O-Kee-Pa, mas de acordo com os profissionais, ela estava muito “pesada” (gorda) e podia ser que desse errado. Nessa posição todo o corpo fica segurado por uma pele acima dos seios, e a pele podia não suportar e “rasgar”. Eles argumentaram utilizando esse possível contratempo como justificativa e ela mudou de ideia. É interessante perceber que se trata de uma intervenção coletiva, em que um sujeito interfere na escolha e decisão do outro. Um dos rapazes fez o seguinte comentário:

A gente tem respeito pelo corpo dos outros. Jéssica queria um “coma”, mas a gente disse que não ia dá certo. A gente podia fuder ela à toa [...] A gente podia fazer pra tirar foto. Mas ia fuder com ela (Valnei). É respeito com o outro (corpo)... Não apertar muito porque vai doer (Woody).

Sobre esse assunto do “estar pesada”, se na tatuagem a pele negra sofre uma desvalorização, no circuito da suspensão corporal são os indivíduos que estão “acima do peso” que passam por algumas situações que diminuem seus atributos. Isso porque a pessoa com mais peso só pode realizar poucas posições, pois o peso deve ficar bem distribuído nos ganchos.

As primeiras suspensões que foram realizadas nesse encontro aconteceram num clima um pouco tenso, tanto por parte dos que estavam perfurando e sendo perfurados, quanto dos que estavam assistindo (inclusive para mim). No entanto, à medida que as primeiras suspensões iam acontecendo de modo correto, o clima ficava mais descontraído.

O processo se configura da seguinte forma: primeiro todos os materiais são separados, depois o modificador marca o local a ser perfurado⁹⁸, se a pele estiver tensa eles fazem uma massagem para relaxar⁹⁹. No momento da perfuração, geralmente perguntam ao sujeito que irá se suspender se ele está pronto. Estando pronto, vem uma outra pessoa e puxa a pele, o perfurador então faz a incisão utilizando o gancho com uma agulha específica na sua extremidade. Na maioria das vezes são várias pessoas envolvidas porque cada pessoa introduz um gancho no mesmo momento, isso para que

⁹⁸ Essa marcação é feita com violeta, e eles fazem isso com muito cuidado e atenção. Quando percebem que não foi uma boa marcação, eles desfazem para tentar novamente.

⁹⁹ Porque com a pele tensa o gancho não entra com tanta facilidade.

o sujeito não sofra a dor da intervenção por várias vezes. Então, é uma pessoa para puxar a pele e a outra para perfurar, isso em cada perfuração. Ou seja, se for uma posição que tenha quatro furos, provavelmente, serão oito pessoas envolvidas no momento da perfuração.

Depois de perfurado, é o momento de encaixar os ganchos (que já estão cravados na pele) nos outros materiais para a subida. Esse momento é um pouco demorado porque eles analisam muito a questão do peso da pessoa e a melhor forma de encaixar as cordas nos ganchos, tudo isso para que o processo seja menos doloroso e nada dê errado. O instante da subida envolve também muita concentração e silêncio. O sujeito que está segurando a corda vai puxando-a bem devagar, de forma que a pele vá se esticando, até o outro descolar do chão. Tirando o corpo do contato com alguma superfície, é alcançado o objetivo. Eles então batem palmas e a tensão, que envolveu os momentos anteriores, é aliviada. O tempo que o *suspender* fica suspenso vai variar de pessoa para pessoa e também da posição escolhida.

Chegando ao seu limite, o sujeito que estava suspenso pede para descer, retiram-se as cordas e os ganchos. Em alguns casos, deve-se fazer uma massagem para tirar o ar que entrou na pele. É feito um pequeno curativo no ferimento, dependendo do tamanho da perfuração. No processo todo, várias pessoas são envolvidas: a que vai subir, os sujeitos que vão furar, os que vão puxar a pele, os que vão segurar a corda, e sempre há uma pessoa que fica coordenando todo o processo. Percebemos que não é toda forma de dor que eles querem sentir, porque a todo momento, buscam técnicas e mecanismos para que essa sensação dolorosa seja a menor possível, porém, ela deve existir, mas de uma forma tolerável e com limites. Nesse momento entra o conhecimento do seu próprio corpo pelo indivíduo, ele vai aprendendo e assimilando o quanto suporta a dor através da suspensão.

Percebi que o indivíduo que está sendo perfurado também participa de todo o processo, ele não fica numa situação totalmente passiva. Ele diz se está preparado, dá palpites sobre o local a ser furado, fala o que é menos doloroso para ele, pede para parar e respirar em algumas situações. Até porque, geralmente eles também conhecem o procedimento. Ou seja, é um processo coletivo, em que todos participam e possuem uma função, até mesmo os que estão observando, tirando fotos ou filmando.

As pessoas que estavam envolvidas com as perfurações e os que iriam se suspender não estavam consumindo bebida alcoólica e também não vi o uso de nenhuma substância psicoativa. Tampouco observei a utilização de anestésicos ou

princípios para tirar a dor. Também não houve nenhuma suspensão em que a pele tenha “rasgado”. Só houve um caso de um rapaz que passou o dia consumindo bebida alcoólica e durante a noite resolveu que queria se suspender, ele nunca havia feito uma suspensão. Ele parecia não compartilhar dos mesmos códigos que os outros sujeitos que estavam no *Suspension Day*. Quando pediu para se suspender, a maioria dos profissionais falou que não iria fazer porque ele estava bebendo. No entanto, um dos rapazes resolveu realizar o procedimento¹⁰⁰. Na hora da intervenção a maioria das pessoas saiu da sala (não sei ao certo se foi uma forma de protesto ou porque eles não gostariam de ver o resultado, já que provavelmente algo iria dá errado). O perfurador ainda chegou a fazer uma perfuração, mas o rapaz começou a passar mal, sua pressão baixou e ele desistiu de subir.

Os nomes atribuídos às suspensões possuem uma relação com a posição no momento da “subida”. Essas foram as intervenções que aconteceram no *Suspension Day*:

Suicide: Os ganchos ficam presos pelas costas. Recebe esse nome porque lembra um enforcamento. É uma das posições mais conhecidas e também executadas, porque o sujeito fica mais livre para se balançar de um lado para o outro.

Knee: Como o próprio nome já diz, a intervenção é feita pelo joelho. É também uma posição bem conhecida.

Superman: São oito ganchos ao total; dois na parte superior das costas, dois na parte inferior, dois na região abaixo das nádegas e mais dois nas pernas. Recebe esse nome porque o sujeito fica numa posição que lembra esse super-herói dos desenhos animados quando estava voando.

Bunda: Sem grandes explicações pela escolha desse nome. Aconteceu duas vezes no Brasil, uma foi em Natal/RN e outra no *Suspension Day* em Brasília/DF. As duas foram executadas por mulheres. É uma performance sensual (e segundo os relatos, extremamente dolorosa).

Cotovelo: Também sem grandes explicações.

O-Kee-Pa: Essa é considerada uma das mais dolorosas, pois, os ganchos são perfurados na pele que fica acima dos seios. Os sujeitos que já realizaram essa posição comentam a dificuldade dessa suspensão porque não conseguem respirar direito

¹⁰⁰ Conversando depois com o profissional que fez a perfuração, ele disse que sabia que não ia dar certo e que fez isso só para perceber até onde o rapaz conseguiria aguentar.

na hora na subida. Recebe esse nome por conta do ritual indígena, e essa intervenção também é conhecida por causa do filme “Um homem chamado cavalo”, há uma cena em que um dos atores realiza essa suspensão.

Lótus: Os ganchos são perfurados nas costas, na parte interna das coxas e na perna. O sujeito então fica como se estivesse sentado, na posição de lótus exercida na prática da ioga. Parece ser uma posição bem cômoda, já que o rapaz que a executou ficou certa de 1 hora suspenso.

Crucifixo: O sujeito fica com os braços abertos e os ganchos são perfurados sobre a extensão dos braços. Recebe esse nome por conta da crucificação de Jesus Cristo.

Pulling: Essa não chega a ser uma suspensão propriamente dita porque não há subida. São vários sujeitos com ganchos perfurados na pele. No caso do *Suspension Day*, eles formaram um círculo e o objetivo é caminhar no sentido oposto para que haja um tensionamento das cordas e dos ganchos.

Nesse encontro não houve:

Resurrection: Os ganchos são perfurados na barriga. Recebe esse nome por conta da cena de Jesus Cristo “subindo” para o céu.

Coma: Parecido com o *superman*, porém ao contrário, os ganchos são colocados acima do peito, na barriga e nas pernas. O sujeito fica imóvel, como se estivesse em coma.

Anti-Cristo: Os ganchos são perfurados na perna e o sujeito fica de cabeça para baixo, na posição invertida do crucifixo, por isso recebe esse nome.

A grande maioria das suspensões seguiram as mesmas sequências e características. Porém, algumas delas tiveram certos detalhes especiais que merecem destaque. Na suspensão pela bunda, a *suspender* desenvolveu uma performance bem sensual, ela usou uma calcinha preta de renda, o que despertou alguns comentários dos rapazes, e na hora da subida ela gemeu, embora tenha sido de dor, havia uma proximidade muito grande com um gemido sexual. Demonstrar que estar sentindo dor através de gestos, expressões faciais, gemidos ou falas não é uma atitude corriqueira durante uma suspensão, as expressões são mais de concentração.

Em uma outra intervenção, o rapaz estava fazendo um *suicide* e usava apenas um *short*, em determinado momento tirou essa peça de roupa ficando nu por

alguns segundos. No momento da suspensão todos os olhares estão voltados para aquele sujeito, então o desempenho dele passa a ter também como intenção despertar certos sentidos, desejos e sensações nos outros. Por isso que essa performance mais erotizada, sensual ou sexual se encaixa muito bem nessas situações, pois todos os olhares estão concentrados naquele sujeito, é como se fosse uma conquista ou uma autopromoção através de um processo distintivo. Os que estavam sendo iniciados também recebiam uma atenção diferenciada. Havia uma torcida maior para que tudo desse certo e depois a comemoração era bem acalorada.

2. Algumas falas e impressões

Nesse encontro, durante o período da manhã foram organizadas algumas palestras e à tarde e noite aconteciam as suspensões. No primeiro dia um bombeiro foi falar sobre primeiros socorros. Os participantes não só ouviam com atenção, como faziam perguntas sobre possíveis erros durante as intervenções corporais. Depois da palestra do bombeiro, foram exibidos alguns vídeos sobre modificações corporais, tanto de *body modification* quanto de intervenções realizadas em outros grupos, como o festival *Thaipusam* na Índia¹⁰¹.

No segundo dia, eu e o outro pesquisador falamos sobre nossos estudos (Figura 10). Tentei apresentar alguns pontos de discussão levantados na minha pesquisa, mas depois abrimos o debate para que os participantes falassem o que as modificações corporais, especificamente a suspensão, representam pra eles e quais significados estão associados com essas práticas.

¹⁰¹ *Thaipusam* é o festival hindu celebrado pela comunidade tâmil da Índia, em que os sujeitos introduzem objetos em várias partes do corpo, mas principalmente na região próxima da boca, em forma de sacrifício para suplicar ajuda aos deuses.



FIGURA 10 – Diálogo entre os pesquisadores e os participantes do *Suspension Day*.

Quando abrimos para que os participantes falassem, vários temas foram surgindo. Na medida do possível, eu ia escrevendo algumas falas, algumas das quais serão descritas aqui. Porém, ressaltando que essa não foi uma metodologia densamente trabalhada, portanto, os comentários que apresentarei aqui não serão minuciosamente analisados, como fiz no capítulo anterior. Isso porque o contato que tive com esses sujeitos foi apenas nesse final de semana, e essa dinâmica não foi bem sistematizada anteriormente¹⁰². No entanto, algumas falas são bastante significativas, porque podemos perceber que há elementos e características compartilhadas entre esses jovens, mesmo vivendo em lugares diferentes, mas também, podemos observar como cada sujeito constrói à sua maneira as representações associadas a esse universo.

O primeiro assunto a ser comentado por eles, sugerido por mim, foi o preconceito, se ele existe e como se manifesta. O primeiro a falar foi um rapaz de São Paulo que trabalha na área. De todos os participantes, ele era o que possuía mais intervenções, inclusive tinha implantes na testa. Ele disse que é totalmente radical com relação à reversibilidade das modificações, se uma pessoa chega ao seu estúdio querendo fazer alguma coisa, mas já pergunta como vai fazer caso se arrependa, ele nem

¹⁰² Fiquei sabendo que iria participar dessa dinâmica horas antes dela ser iniciada.

faz o procedimento. Disse ainda que só reverte alguma modificação por motivos bem sérios, como interferência na saúde corporal do modificado, por exemplo. Por outros motivos como arrependimento, ele não faz. Um outro rapaz complementou a discussão dizendo:

Se você não aguenta a pressão na rua, então nem faça [...] mas a gente vive num mundo que todo mundo discrimina todo mundo. Se eu sou mal atendido num restaurante, eu ia ser se eu fosse negro, pobre, gay. Não é só com quem tem modificação não (Valnei)
 Eu colo¹⁰³ em qualquer local (Du)
 O problema não é a gente, o problema são os outros (Naa).
 A gente que é do Nordeste sabe que é bem diferente (Valnei).

Sobre o arrependimento depois da modificação, um deles comentou: “os que querem chocar geralmente se arrependem” (Du). É importante comentar, mais uma vez, que eles sempre deixam bem claro que essa não é uma prática que tem como principal objetivo chocar as outras pessoas. Percebi isso claramente, não só nos seus discursos como nas suas práticas. Porque se fosse uma prática para chocar, eles descuidariam do seu visual e depreciariam sua imagem, como uma coisa malcuidada ou displicente. Mas é o contrário, eles não querem se destruir, mas sim se cuidar. Por isso que alguns deles são vegetarianos, porque isso, além de ser uma posição política é também estética, fazem atividades físicas, se preocupam com suas roupas, passam hidratante e protetor solar nas tatuagens, depilam o corpo, cuidam do cabelo, investem em bons materiais para as suspensões corporais e nas outras intervenções. Ou seja, há uma valorização desse corpo e desse visual e não um descuido. Essa poderia ser também uma contraposição e argumentação ao estigma e preconceitos vivenciados por alguns desses sujeitos.

Num outro momento, um rapaz conhecido socialmente como Barriga, me perguntou o que eu achava sobre amputação de partes do corpo. Eu disse que não tinha opinião formada, mas que um dos meus informantes de Natal não achava interessante. Para ele, essa era uma prática que merece tanta aceitação como as outras formas de modificação, porque o sujeito pode olhar para um dedo, ele deu o exemplo do dedo mindinho, não perceber qual a função daquele dedo na sua mão, e passar por um processo de não identificação com aquela parte do corpo. Através da amputação, ele vai olhar para a mão (sem o dedo) e começar a percebê-la de uma outra forma, vai passar a

¹⁰³ Gíria, que nesse caso significa que o rapaz frequenta qualquer lugar.

se identificar com ela. O grupo dos transexuais ou transex vive esse mesmo processo de não identificação com aquela parte do corpo, e através da cirurgia de mudança de sexo o sujeito passa então a se identificar com aquele novo corpo construído.

Surgiu então o tema do prazer associado à suspensão corporal:

É sim (prazeroso), é a superação dos meus limites (Du).
 Eu me sinto a pessoa mais forte do mundo (Alessandra).
 Eu me sinto muito bem depois (Naa).
 Controle do meu corpo. Se eu chego em casa e minha mulher tá com outro, eu não tenho controle da situação. Mas na suspensão não, eu tenho controle total (Valnei).

De acordo com esses depoimentos, percebe-se que existe uma noção de autoestima associada a essas práticas. A ideia da superação dos limites, do sentir-se bem, de ter controle sobre o corpo, tudo isso faz com que esses sujeitos, de uma certa forma, sintam-se mais confiantes:

Depois que eu fiz a primeira suspensão eu passei a acreditar mais em mim. Eu pensei: eu fiz uma coisa que quase ninguém fez e que quase ninguém vai fazer (Max).
 Um gordinho que apanhava na escola, hoje se modifica o corpo consegue respeito entre a galera (Valnei).
 Tem muita gente perdida no mundo que encontrou na gente o motivo de vida (Valnei).

Com relação à dor, as colocações foram essas: “Ninguém gosta de dor. A dor é um veículo para se conseguir mais coisas” (Valnei); “A dor é um obstáculo” (Max). Eles não tomam a *dor* como o ponto central nessas práticas, o ápice é o momento da “subida”. Eles reforçam também que o uso de materiais adequados e a precisão do profissional na hora da intervenção é que vai fazer com que a suspensão seja menos dolorosa. Por isso, a importância de eventos como esses, em que há circulação de informação, como também a troca de conhecimentos via internet.

O *Suspension Day* foi um evento que sucedeu um outro encontro que aconteceu em São Paulo no início do ano, o *Inter_Hook*¹⁰⁴:

O *Inter_Hook* foi o maior evento do Brasil, foi. Foi o maior evento da América do Sul, foi também. Foi o maior evento da América Latina, foi. Aqui e no *inter_hook* tem pouca gente, mas é muito. Tem muita

¹⁰⁴ *Inter*: porque esse seria um evento internacional, e *hook*, palavra em inglês que significa ganchos.

gente nova (adolescente) procurando *piercing*, tatuagem, suspensão (Thiago, *Suspension Day*, setembro de 2011).

Eu resolvi fazer o *inter_hook* como socialização e para modernizar a suspensão. Porque material novo não dói tanto (Valnei, *Suspension Day*, setembro de 2011)

Eles entendem que nesse encontro há uma divulgação dessas práticas, os participantes servem como os principais divulgadores. Por isso também o interesse e o empenho dos participantes para que esse tipo de encontro se realize. Como a maioria dos envolvidos são profissionais da *body art*, a divulgação também passa a ter um retorno profissional e financeiro. “A gente não vai ter ajuda de ninguém. O governo não vai ajudar a gente, é a gente que tem que segurar essa onda” (Max).

Há a valorização não só como um grupo profissional, mas também como um grupo de amigos:

Se a gente não tiver aqui um bom grupo de suspensão, a gente vai ter um bom grupo de amigos. Nosso contato é pela internet, mesmo estando longe, a gente é amigo (Thiago).

Aqui é um grupo coletivo, a gente precisa de quem tire o lixo, faça a comida (Thiago).

É além da suspensão (Valnei).

Quando surge esse assunto da amizade entre eles, fica um clima de emoção no ar, o que dava pra perceber era que existia um ar de felicidade e realização por eles estarem participando e organizando um evento como aquele. Até porque, a maioria deles estava fazendo algum tipo de “sacrifício” por estar ali, um esforço financeiro ou pessoal. Os conflitos foram pouquíssimos, quase não ocorreram.

Sobre a mídia e sua abordagem em relação às modificações corporais, um deles falou: “Tem que parar de se preocupar com a mídia, ela não traz nada de bom pra gente” (Valnei). O assunto continuou, mas naquele momento, o enfoque eram os modificados que gostam de “aparecer”: “Existe a suspensão pessoal, a coletiva e a *suspenshow*” (Max). Essa última expressão é uma junção das palavras suspensão e show, e esse grupo que participava do *Suspension Day* não gosta muito desse tipo de performance. Há também uma certa reprovação pelos sujeitos que viram “personagem”, como um animal, bruxa, gnomo, anjo ou diabo. Todos os indivíduos desta pesquisa são sujeitos que possuem intervenções corporais, mas que não incorporaram uma nova identidade social.

Como resultado final da participação nesse encontro, fiz um vídeo com as imagens das suspensões que foram realizadas, disponibilizei para eles e divulgaram na internet. Além disso, sugeri, de uma forma despreziosa, que eles criassem o dia da suspensão corporal no Brasil. Nesse dia, eles iriam realizar várias suspensões em lugares diferentes e divulgar pela internet alguns assuntos sobre essa prática. Eles gostaram da ideia, estabeleceram o dia 23 de janeiro de 2012 como o dia do “Suspension Attack Brasil”, em que vários grupos realizaram a suspensão, inclusive de fora da país, e depois postaram as fotos num grupo do facebook. Ou seja, entre pesquisador e grupo pesquisado acontecem relações de trocas, em que um acaba entrando no processo de construção do outro.

Considerações finais

Concluo este trabalho sem conseguir responder à pergunta que várias pessoas me fazem nos meus circuitos de conversas: “mas porque eles fazem isso com seus corpos?”. Percebemos que essas práticas envolvem prestígio social, arte, gênero, prazer, estilo de vida, gosto, erotismo, capital cultural, imitação, enfim, vários sentidos e significados estão relacionados com esses sujeitos e suas experiências. E foi essa a tentativa deste trabalho, mostrar essa complexidade. Trouxe aqui elementos para uma possível aproximação e reflexão sobre essas práticas, com o objetivo também de explicitar quem são esses sujeitos, buscando a multiplicidade de suas vivências.

Os indivíduos que vivem no contexto urbano têm a possibilidade de ter acesso a diversas práticas, sejam elas subversivas ou tradicionais, e cada sujeito se aproxima daquelas com que se identificam naquele momento da sua vida. É uma escolha. Mas é uma escolha em que cada vez mais os sujeitos querem demonstrar que ali ele estão sendo ativos, como diz LeBreton (2004: 9): “investe-se no corpo para demonstrar que é seu”.

Podemos ver hoje nos circuitos urbanos os grafiteiros colorindo os muros dos edifícios, os tatuados e modificados intervindo no seu corpo, os *emos* borrando as construções de gênero, o movimento *punk* propondo uma nova forma de moradia. Assim, percebemos que os grupos de jovens vêm se apropriando dos seus espaços, corpos e identidades, recriando e reinventando outras formas de se viver na cidade, tomando seus ambientes para si. E talvez possa ser esse um dos motivos dessas práticas (grafite, modificações corporais, *emos*, *punks*) não serem bem aceitas por uma grande parte da sociedade, porque elas quebram ou desconstroem certos valores e ideias que são socialmente reconhecidos como legítimos.

Talvez o caráter político dessas formas de intervenção corporal esteja relacionado com esse aspecto da desconstrução. Embora não reivindicuem nada (diretamente) através das suas modificações, seus corpos dissidentes podem produzir ou abrir algumas portas para que novas identidades também dissidentes se mostrem e apareçam nos circuitos da cidade. O diferente pode vir a gerar outros diferentes, e com isso (quem sabe?) as diferenças sejam mais aceitas ou respeitadas.

Os três capítulos desta dissertação sintetizam um pouco do que é a *body modification*: uma prática global, individual e coletiva. A rede de amigos, o afeto, as

trocas de informações entre os envolvidos (principalmente através da internet) e a complexidade dos sujeitos são os principais elementos formativos e que dão o caráter constitutivo dessas práticas. Não podemos pensar *body modification* hoje sem pensar nessas características sociais. Acredito que um ponto positivo dos meus caminhos em campo e desta pesquisa, é que pude ter acesso a essas três escalas. Através da internet e suas redes sociais, entrei em contato com várias informações do universo, digamos que, macro da *body modification*. No *Suspension Day* vi a suspensão de uma forma coletiva e compartilhada, e na minha pesquisa em Natal, percebi a complexidade que envolve os projetos de cada sujeito no contexto das modificações corporais. Ou seja, pude observar como essas redes se formam e se configuram, buscando um entrelaçado entre esse global, coletivo e individual.

No entanto, sei que algumas lacunas ficaram abertas e que eu poderia ter entrado mais a fundo em determinadas discussões. Principalmente no que diz respeito à questão da sensualização e erotização associada a essas práticas de intervenções sociais. Além disso, que pode ser pensado em uma outra pesquisa, poderia ter abordado a presença de sujeitos andrógenos que modificam o corpo através da *body modification*. Caberiam aqui reflexões mais críticas sobre essas formas de transformações corporais, mas acredito que meu lado subjetivo e parcial tenha falado um pouco mais alto nesse momento, deixando de lado alguns temas e assuntos polêmicos.

Penso também em outra questão, no entanto, ela não poderá ser respondida agora: será que acontecerá com a *body modification* o mesmo percurso que aconteceu com a tatuagem? Antes, esses desenhos corporais eram realizados apenas por determinados grupos da sociedade, os sujeitos ligados a valores alternativos. Mas hoje, vemos vários indivíduos de diversos grupos com tatuagens no corpo, ou seja, ela foi incorporada e diluída socialmente. Então, será que no futuro iremos ver essas formas de intervenções corporais mais extremas sendo apropriadas de uma forma mais abrangente? Isso só o tempo dirá.

Ao longo deste trabalho prevaleceram as ideias não fixas, ambivalentes, borradas e múltiplas. Não sei ao certo se meu olhar é assim, se o campo se mostrou com esses elementos, se as redes sociais contemporâneas se configuram dessa maneira ou se na verdade é um pouco de cada uma dessas características. De fato nunca poderei “comprovar” essas minhas indagações, pois estou trabalhando com uma pesquisa social.

Porém, quando estava terminando de escrever esta dissertação, aconteceu um fato que ilustra bem esse caráter “incerto” das construções identitárias: um dia, quando eu já havia concluído meu campo, encontrei (sem programar) com Alexandre e Rayssa num espaço de sociabilidade em Natal. Para minha surpresa, eles estavam comendo um churrasquinho de frango com bacon. Só para lembrar: os dois são vegetarianos, e frango com bacon não entra no cardápio *vegan*. Fiquei tão surpresa que Rayssa me disse: “estamos a fim de provar outros sabores”. Ou seja, as pessoas não “são”, elas estão “sendo”. Se quando eu fiz minha entrevista, eles eram vegetarianos e não provavam nada que não estivesse de acordo com esse pensamento, agora suas posições já são um pouco diferentes. Eles não seguem a alimentação vegetariana com tanto empenho e tantas restrições. E são essas atitudes flexíveis, transitórias e contingentes que dão o caráter contemporâneo e complexo dos sistemas sociais atuais. Por isso que a prática da *body modification* se enquadra perfeitamente dentro desse contexto, porque é um corpo em constante construção e modificação, que não “é”, está “sendo”.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. O manifesto do corpo. In: *Revista Manifesto*, 5, 2004.

BARNES, John A. Redes sociais e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BARTH, Fredrik. *Guru: o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

BRAZ, Camilo de Albuquerque. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação (mestrado) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BOYSSEVAIN, Jeremy. Apresentando amigo de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.

_____. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 203-229.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Escritos de educação*. Maria Alice e Afrânio Catani (Org.). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 71-79.

_____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 2008.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMENEZ, Rafael M. *Sexualidades transgressoras: uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze; Editora da Unesp, 1998.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.

CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades coletivas. In: *A sociedade contra o estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.

COHEN, Abner. *Custom and politics in urban Africa*. Berkeley: University of California Press, 1969.

COSTA, Zeila. *Do porão ao estúdio: trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem*. Dissertação (Mestrado) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: *Cadernos de Campo* 13, Ano 14, USP, 2005.

FERREIRA, Vitor. *Marcas que demarcam: tatuagem, “body piercing” e culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. *Revista Brasileira de Educação* n. 10, p. 58-78, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FEATHESTONE, Mike. *Body modification*. London: SAGE publications, 2000.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GOFFMAN, Ervin. *Estigma: notas sobre a identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GODOLPHIN, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 59-68, dez. 1999.

GONÇALVES, Isabela Lopes. *Cortes e costuras: um estudo antropológico da cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS – Museu Nacional, 2001.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre o feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GROSSI, Miriam P. *Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em primeira mão*, 75. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC: 2004.

GROZS, Elizabeth. Corpo reconfigurados. In: *Cadernos Pagu*, n.14, 2000.

GURAN, Milton. Fotografia para descobrir, fotografar para contar. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, Editora UERJ, p. 153-165, 2000.

HELMAN, C. G. Dor e cultura. In: Helman, C. G. *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JOLY, Martiny. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo, SP: Papirus, 1999.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2008.

LE BRETON, David. *Antropologia del dolor*. Barcelona: Editorial, Seix Barral S.A., 1999.

_____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. São Paulo: Papirus Editora, 2004.

_____. *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*, Lisboa: Miosótis, 2004.

_____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. *Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25 – 40, 2010.

LEITÃO, Débora Krischke. *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MAYER, Adrian C. A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MEAD, Margareth. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta a escolha dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.

Orlan, Disponível em: <<http://www.orlan.net>>. Acesso em: 22 out. 2011.

OSÓRIO, Andréa. *O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

Renan Antunes de Oliveira, *Jornal Já*. A tragédia de Felipe Klein. <<http://www.jornalja.com.br/2004/12/20/a-tragedia-de-felipe-klein/>>. Acesso em 16 set. 2011.

RIAL, Carmen Silva. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, Joana e GROSSI, Miriam P. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RODRIGUES, José Carlos. Os corpos na Antropologia. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

SABINO, César. *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. Tese Doutorado – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2004.

SARDENBERG, Cecília. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva socioantropológica. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, v. 2, n. 2, 1994. p. 314-344.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé; Oëlze, B. (Orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UNB, 1998, p. 109- 117.

SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: *O rigor da indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro, ISER/Relume-Dumará: 1994.

SOUZA, Bruna Mantese. Straight edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (Org.). *Jovens na metrópole*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

UOL, *bate-papo*. Entrevista com convidados: Priscilla Davanzo. Disponível em: <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/arte/priscilla-davanzo-estudante-de-artes-plastica.jhtm>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Zahar editores: Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. *Cadernos Pagu* (04), janeiro-junho de 2005, pp. 227-247.

VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Org.). *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.